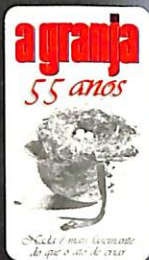


DEPOIMENTO COM A PRESIDENTE DA COMISSÃO TÉCNICA NACIONAL DE BIOSSEGURANÇA ( CTNBio) LEILA MACEDO ODA

OUTUBRO/2000 - Nº 622 - ANO 56 - R\$ 5,50  
www.agranja.com

# a granja

A REVISTA DO  
LÍDER RURAL



PORTE PAGO  
DR/RS  
ISR-49-0399/81

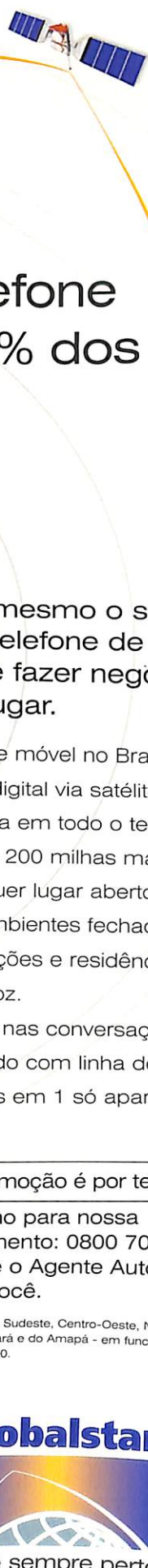
## A polêmica dos TRANSGÊNICOS

**Fórum tecnológico aponta  
tendências e estratégias  
para a soja e algodão**

**O balanço completo  
da Expointer 2000**







## Globalstar, o único telefone que cobre mais de 95% dos municípios brasileiros.

Promoção: de  
**R\$ 2.989,00**  
por apenas  
**R\$ 1.990,00**

Adquira hoje mesmo o seu Globalstar, o telefone de quem precisa falar e fazer negócios de qualquer lugar.

- É o único telefone móvel no Brasil com tecnologia digital via satélite.
- Oferece cobertura em todo o território nacional mais as 200 milhas marítimas\*.
- Opera em qualquer lugar aberto, mas pode ser usado em ambientes fechados como carros, embarcações e residências, com o Kit Viva Voz.
- Total privacidade nas conversações.
- Pode ser habilitado com linha de celular adicional: 2 linhas em 1 só aparelho.

Aproveite! Esta promoção é por tempo limitado.

Ligue agora mesmo para nossa Central de Atendimento: 0800 701 10 30 e informe-se sobre o Agente Autorizado mais próximo de você.

\*Cobertura no Brasil: Regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste, Estado do Tocantins, Leste do Pará e do Amapá - em funcionamento. Região Norte - dezembro de 2000.



**Globalstar**  
  
Você sempre perto.

[www.globalstar.com.br](http://www.globalstar.com.br)

Vai mais longe que o celular? Vá de Globalstar. Ligue: **0800 701 10 30**



# Em xeque, a segurança alimentar

**A** pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz/RJ, Leila Macedo Oda, 47 anos, integra o quadro de técnicos da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), como representante do Ministério da Saúde. Na presidência da Comissão há um ano, a bacharel em química possui mestrado e doutorado em Ciências Biológicas, ambos cursados na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O extenso currículo dedicado à biotecnologia oportunizou a ela a missão de gerenciar o único órgão do Brasil com competência para autorizar o plantio experimental de grãos geneticamente modificados, que tanto tem causado polêmica entre produtores, organizações não-governamentais, cientistas e no próprio governo federal.

Além disso, a CTNBio, ligada ao Ministé-

rio da Ciência e Tecnologia, tem a responsabilidade de emitir pareceres técnicos e conclusivos sobre todo e qualquer processo de importação de grãos transgênicos, já que o plantio comercial está proibido pela justiça brasileira. Portanto, atribuições não faltam a esta bacharel que praticamente não pára e divide-se entre a ponte

aérea Brasília/São Paulo. Isso sem falar das palestras, seminários e congressos que participa pelo País afora e no exterior.

A CTNBio foi criada a partir da Lei de Biossegurança 8974/95, e é responsável pela tecnologia do DNA recombinante, ou seja, de assegurar o seu desenvolvimento e o uso seguro. O órgão é composto por 36 membros entre titulares e suplentes das áreas científica, humana, animal, vegetal e ambiental.



Dida Sampaio/AE

*A química e pesquisadora Leila Macedo Oda, presidente da CTNBio, está no comando do órgão técnico responsável pela análise da segurança dos chamados OGMs*

**A Granja — Como é visto o crescente interesse de multinacionais em expandir o plantio de OGM no Brasil?**

**Leila Oda —** O plantio de OGMs no mundo atinge hoje uma área superior a 40 milhões de hectares, estando cerca de 80% desta área concentrada em países desenvolvidos, como nos Estados Unidos e Canadá. O Brasil é um País de forte base agrícola, e portanto, é funda-

mental acompanhar o desenvolvimento de tecnologias que dêem maior competitividade no mercado mundial neste setor. A exemplo da Argentina, que vem após a incorporação da tecnologia dos transgênicos há cinco anos praticamente dobrando sua produção de grãos, sem ampliar as áreas cultivadas, certamente existe grande interesse para que o Brasil possa também advir das vantagens des-

sa tecnologia. No Brasil, temos além de empresas multinacionais que se interessam em desenvolver essas culturas e que na sua maioria das vezes possuem os genes de importância agrônômica, temos empresas estatais fortes como a Embrapa, que detém as cultivares necessárias para a introdução desses novos genes no ambiente brasileiro. Portanto, é necessária uma parceria entre essas empresas,



para que uma nova cultivar transgênica possa resultar numa cultura de interesse econômico para o País.

**P — Do ponto de vista da biossegurança, quais aspectos precisam ser analisados para que a CTNBio autorize o plantio de OGM no Brasil? Quais etapas devem ser cumpridas?**

**R —** Para que uma instituição ou empresa possa trabalhar com esta tecnologia várias etapas devem ser cumpridas. Inicialmente, a empresa deve obter o Certificado de Qualidade em Biossegurança e possuir uma Comissão Interna de Biossegurança, o que atestará a sua capacidade técnico-científica e a competência em biossegurança para realizar os experimentos. A seguir, a empresa deve se submeter a uma avaliação técnica "in loco", realizada pelos cientistas da CTNBio, para verificação da adequação das suas instalações ao fim proposto. Depois, deverá solicitar para cada experimento que deseja realizar um parecer técnico da CTNBio sobre a adequação do experimento às normas de biossegurança. Nesta análise a CTNBio considera além dos aspectos da construção gênica, as características relativas a segurança do experimento, definindo para cada situação os mecanismos necessários para o manejo dos possíveis riscos, tais como definição de distâncias e bordaduras e colocação de dispositivos de proteção, conforme o caso. Somente após a análise pela CTNBio, dos resultados e relatórios enviados pela empresa, relativo aos experimentos realizados é que poderá ser submetido um pedido para plantio em grande escala, ou comercial.

## A CTNBio cabe o parecer técnico conclusivo, sob o enfoque da biossegurança

**P — A CTNBio tem competência para autorizar somente o plantio de transgênicos ou também atua na liberação da comercialização e importação desses produtos?**

**R —** A comercialização de uma cultura geneticamente modificada no Brasil depende de um parecer técnico conclusivo da CTNBio, mas também de uma autorização por parte do Ministério competente. Por exemplo, para o caso de sementes de uso agrícola, cabe ao Ministério da Agricultura autorizar o registro da nova cultivar e permitir o seu plantio, a luz do parecer técnico conclusivo da CTNBio, sob o ponto de vista da biossegurança do OGM. Caso o novo produto tenha aplicação para a saúde humana,

como por exemplo uma nova vacina, então caberá ao Ministério da Saúde o registro para uso desse produto.

## As análises de comissão são feitas caso a caso

**P — Qual a posição da Comissão sobre as importações de grãos transgênicos, como a soja e o milho, e as importações de produtos já prontos que contêm OGM, no momento em que o Brasil ainda não produz este tipo de alimento?**

**R —** A CTNBio analisa cada caso individualmente, como por exemplo para o caso recente da importação de milho para uso como ração animal. A pedido do Ministério da Agricultura, face a quebra na safra de milho, analisamos 13 tipos de milho transgênico atualmente comercializados no mundo. Para isso, solicitamos os laudos técnicos emitidos pelos órgãos oficiais dos países, onde essas culturas já estão aprovadas para comercialização, como Canadá, Estados Unidos e Argentina. Foram ao todo cerca de mil laudas com resultados sobre a digestibilidade, segurança, ausência de elementos tóxicos ou alergênicos, composição nutricional, dentre outros. Após o parecer unânime dos membros da CTNBio, emitimos um parecer favorável sobre a segurança dessas culturas para uso como ração animal. Entretanto, como os aspectos relativos a segurança ambiental são mais complexos e não eram objeto dessa análise, já que o milho não seria plantado no Brasil, estabelecemos também as condições sob as quais esse milho deveria ser desembarcado, transportado, armazenado e processado no País, de modo a não permitir o escape desses grãos e sua proliferação no ambiente brasileiro.

**P — A Lei de Rotulagem será implementada neste ano? Quais os principais pontos da minuta já elaborada pelo governo federal?**

**R —** O governo brasileiro com base no Código de Defesa do Consumidor decidiu pela rotulagem dos produtos contendo OGMs. O rótulo permitirá ao cidadão brasileiro optar pelo produto que deseja consumir, assim como a rotulagem de produtos orgânicos permite ao consumidor ter essa opção de escolha. Mas muita confusão tem sido feita com relação ao papel da rotulagem. A premissa básica para que um produto seja colocado à disposição nas prateleiras dos mercados para a população é de que ele deve ser seguro. Portanto, se um produto trans-

gênico não for seguro ele não será liberado pela CTNBio. O rótulo irá apenas fornecer a informação sobre as características desse produto para que o consumidor possa optar pela sua compra ou não. Jamais o rótulo pode ser entendido com uma tentativa de dizer que o produto não é seguro. Se o produto não for seguro ele não deve ser comercializado. A proposta de portaria interministerial coordenada pelo Ministério da Justiça, com a participação dos Ministérios da Ciência e Tecnologia, da Saúde e da Agricultura recebeu cerca de 170 manifestações da sociedade brasileira, após consulta pública e irá permitir que o consumidor exerça o direito da livre escolha no País, tanto de produtos importados como nacionais.

## A exigência ou não do Eia-Rima está definida em lei

**P — A soja roundup ready está proibida de ser cultivada no País pela ausência de estudo e relatório de impacto ambiental (Eia-Rima). Por que a autorização dada pela CTNBio não veio acompanhada deste estudo?**

**R —** O Decreto 1752 define as competências da CTNBio, dá a ela o direito discricionário de exigir ou não Eia-Rima, quando considerar necessário. Por outro lado, o artigo 225 da Constituição Federal diz que será exigido quando houver perigo iminente. Na realidade, não define que será sempre exigido. No entender da CTNBio, conforme a Lei 8974, apenas OGMs classificados como do Grupo II apresentam um risco *a priori* para o homem, animais ou meio ambiente, portanto, para esses a realização do Eia seria uma condição prévia para sua liberação. Para os OGMs do Grupo I, que a Lei de Biossegurança define claramente em seu anexo como "não apresentando risco para o meio ambiente", a CTNBio entende ser desnecessário a realização de Eia-Rima, bastando que sejam obedecidas as regras de manejo desses OGMs, estabelecidas caso a caso pela CTNBio. Por ter tido este entendimento e por ser a soja tolerante ao glifosato um OGM do Grupo I, a CTNBio emitiu seu parecer favorável para o plantio em grande escala, estabelecendo os procedimentos de manejo e monitoramento desses plantios por um período de cinco anos no País.

**P — Qual a sua opinião sobre a intenção do governo de liberar que outros órgãos, além da CTNBio, possam exigir Eia-Rima antes de autorizar o plantio?**



**R** — Hoje a discussão sobre de quem é a competência legal para exigir Eia-Rima para OGMs está no âmbito do judiciário. Nosso entendimento técnico entretanto, é de que se existe uma Lei específica para avaliar a segurança de transgênicos no País e se fazem parte do órgão técnico — a CTNBio, ao qual cabe a competência de proceder a avaliação de risco desses produtos, representantes dos Ministérios responsáveis aos quais também competem emitir as autorizações, aí incluído o Ministério do Meio Ambiente, não justificariam instâncias adicionais de avaliação da biossegurança desses produtos, sob pena de se tornarem repetitivos os mesmos procedimentos realizados pela CTNBio. Por outro lado, é importante ressaltar que os procedimentos de avaliação de risco ambiental realizados pela CTNBio para cada OGM, em cada condição edafoclimática específica, leva em conta todas as variáveis que a permitem decidir se um determinado OGM poderá ou não causar algum impacto ao meio ambiente onde será liberado. São cerca de 100 questões que devem ser respondidas pelo interessado, com comprovação de resultados experimentais abordados na Instrução Normativa número 3 da CTNBio.

## Toda nova tecnologia leva um tempo para sua completa compreensão

**P** — Como avalia a polêmica que se criou no Brasil em torno dos grãos geneticamente modificados?

**R** — Essa polêmica não vem acontecendo só no Brasil, mas tem ocorrido sobretudo nos países europeus. Como toda nova tecnologia, por se tratar de uma tecnologia bastante complexa, onde até mesmo os cientistas de outras áreas que não a engenharia genética pouco dominam, leva um tempo para a sua completa compreensão e absorção pela sociedade. Quando a sociedade não se sente contemplada com os benefícios advindos por essa nova tecnologia de forma mais imediata, ela, por não compreender bem a tecnologia e por não ver de imediato seus benefícios, tem sempre maior refratariedade à sua adoção. Fatos semelhantes aconteceram no passado, quando da descoberta da vacina contra a varíola por Edward Jenner. Por temer o processo de vacinação, inteiramente novo na época, a sociedade, em 1778, só permitiu o uso da vacina 60 anos após a sua descoberta. Talvez porque os primeiros alimentos transgênicos não tragam uma vantagem direta ao consumidor, a resistência hoje a

essa tecnologia seja grande. Na medida, entretanto, que alimentos funcionais, que incorporem vantagens nutricionais ou com forte componente de saúde pública venham a ser produzidos, certamente essa percepção negativa será alterada.

## É importante que os critérios e normas sejam obedecidos

**P** — O Brasil corre o risco de ficar à margem da tecnologia se não autorizar o plantio comercial de transgênicos? Quais consequências podem surgir, do ponto de vista científico e econômico?

**R** — A autorização para o plantio comercial de cada produto dependerá da comprovação da segurança de cada um deles junto a CTNBio. É muito importante, porém, que os critérios e normas estabelecidas pela Comissão sejam obedecidos, e que sobretudo, a CTNBio seja vista pela sociedade brasileira como o órgão com competência técnica, científica e legal para decidir sobre essa questão, já que todos os Ministérios envolvidos tem assento na CTNBio. Na medida em que os atuais problemas jurídicos sejam resolvidos e o real papel que foi atribuído à CTNBio for entendido — quando o legislador resolveu criar uma Lei específica para uma tecnologia e estabeleceu o órgão responsável por avaliar a especificidade dessa tecnologia — a engenharia genética poderá então ser desenvolvida e avançar com todo o controle necessário para a segurança do homem, dos animais e do meio ambiente, sem os atuais desconfortos existentes.

**P** — Quantas áreas experimentais com transgênicos foram autorizadas neste ano pela CTNBio? Como é feito o acompanhamento destas áreas?

**R** — Aprovamos cerca de 50 experimentos em todo o Brasil. Esses experimentos sofrem a vistoria da CTNBio pelo menos em três estágios do desenvolvimento: antes do plantio, na época de franca evolução da cultura e após a sua conclusão. Essas vistorias são acompanhadas pelos fiscais da Agricultura, que são os responsáveis pela fiscalização de plantios de OGMs no País, por força da Lei de Biossegurança. Se a CTNBio observar durante a vistoria alguma irregularidade ela poderá determinar a destruição do experimento, ato esse que será exarado pelo fiscal.

**P** — Das autorizações concedidas para plantio comercial ao longo dos anos, quantos produtos já teriam con-

dições de estar no mercado, não fosse a proibição da justiça?

**R** — Apenas a soja tolerante ao glifosato. As demais culturas em análise como o milho, algodão, cana-de-açúcar, dentre outras, estão ainda em fase de avaliação técnica pela CTNBio.

**P** — A polêmica dos transgênicos divide os próprios Ministérios federais. Como a CTNBio avalia esta dualidade dentro da esfera governamental?

**R** — Os Ministérios representados na CTNBio tem apresentado posições uniformes quando da avaliação dos OGMs. Por exemplo, no caso da soja tolerante ao glifosato e no do milho mais recentemente, todos os Ministérios (Saúde, Meio Ambiente e Agricultura) votaram favoravelmente ao plantio em grande escala e a importação respectivamente. Se houveram divergências, elas ocorreram após a decisão tomada no âmbito técnico da Comissão, onde a decisão foi consenso.

## Esperamos que a sociedade confie mais na ciência e nos cientistas

**P** — O brasileiro mantém uma postura conservadora em relação ao uso da biotecnologia nos alimentos?

**R** — O brasileiro entre atônito, incrédulo e desinformado, se vê em um confronto diário em meio as informações veiculadas pela mídia, que ao mesmo tempo mostra os avanços das descobertas, que poderão advir do genoma humano e suas fantásticas aplicações na medicina e as “terríveis comidas de Frankenstein”. Ele se questiona: Para que eu vou comprar isso se eu não sei se é bom ou não? Na dúvida, eu fico mesmo com o meu feijãozinho que eu já conheço! Como o cientista pode contrapor argumentos muitas das vezes ideológicos, ou tentar explicar ao cidadão comum os aspectos relevantes e realmente nobres em se tentar aumentar uma produção agrícola, sem ter que se desmatar mais áreas virgens e ampliar as áreas cultiváveis? Será que isto seria suficiente para convencer que a chamada “comida de Frankenstein” tenha um propósito tão nobre e é tão segura quanto a nova vacina transgênica que promete a cura da AIDS? Só o tempo dirá, e mais uma vez a história se repete, à semelhança dos tempos vividos por Jenner, Oswaldo Cruz, Galileu, Lavoisier e tantos outros. Esperamos que a sociedade atual confie mais na ciência e nos cientistas, para que a sociedade do futuro possa obter reais benefícios de todo esse processo e aprendizado. ■



## a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

Diretor-presidente:  
Hugo Hoffmann

GERÊNCIA  
Eduardo Hoffmann

REDAÇÃO  
Adriana Melo Langon (editora), Luciana Radicione e Paulo Mendes (repórteres), Ana Janaína Beroldi Gewehr (secretária). Colaboraram nesta edição: Cláudio Medina, Flávio Carrança, Carlos Henrique Dalmazzo e José Maurício de Toledo Murgel

PRODUÇÃO  
Renato Fachel (supervisor),  
Jair Marmet (editoração eletrônica)

CIRCULAÇÃO  
Amália Severino Bueno (coordenadora)

ASSINATURAS EXTERNAS  
Raquel Marcos

PUBLICIDADE  
SUCURSAL DE SÃO PAULO  
Praça da República, 473, 10º andar,  
CEP 01045-001, São Paulo/SP,  
fone (11) 220-0488, fax (11) 220-0686,  
e-mail: granjas@mandic.com.br  
Home page http://www.agranja.com  
José Geraldo Silvani Caetano (gerente  
de comercialização) e Rodrigo Martelletti  
(contato comercial)

RIO GRANDE DO SUL  
Av. Getúlio Vargas, 1526,  
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,  
fone/fax (51) 233-1822,  
e-mail: mail@agranja.com  
Home page http://www.agranja.com  
Patrícia Cintra Tosmann (gerente RS/SC)

Representantes/Publicidade  
MINAS GERAIS - José Maria Neves,  
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222,  
conj. 105, Luxemburgo, CEP 30380-530,  
Belo Horizonte/MG, fone/fax (31)  
297-8194, fone (31) 344-9100, celular (31)  
9993-0066, e-mail: jmneves@uai.com.br  
BRASÍLIA - Mídia Real Publicidade Ltda.,  
SRTVS Qd. 701, bloco 1, ed. Assis  
Chateaubriand, sala 715, CEP 70340-906,  
Brasília/DF, fone/fax (61) 223-3118,  
fones (61) 321-4831, 321-0141, 321-9784,  
e-mail: midiareal@ig.com.br

Convênio editorial: La Chacra (Argentina).

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:  
Av. Getúlio Vargas, 1526,  
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,  
fone/fax (51) 233-1822.  
Exemplar atrasado: R\$ 6,00

**Para assinar**  
**A GRANJA**  
LIGUE  
(51) 233-1822

NESTA EDIÇÃO

**12** TRANSGÊNICOS:  
o campo em pé  
de guerra

**20** TENDÊNCIAS:  
encontro em  
Cuiabá/MT aponta  
novos rumos para a  
soja e algodão

**28** MILHO: a pipoca é  
uma boa alternativa  
para quem quer  
diversificar

**30** EXPOINTER 2000:  
o que foi a maior  
mostra da  
agropecuária da  
América Latina

**36** DESTAQUES A  
GRANJA DO ANO  
2000: expoentes do  
agribusiness são  
homenageados em  
noite de festa

**44** FEBRE AFTOSA: maior  
controle sanitário põe  
fim a convênio em  
São Paulo

**52** REVISTA CHACRA:  
notícias direto da  
Argentina



Paulo Mendes



Luciana Radicione

**54** AGRICULTURA &  
MEIO AMBIENTE:  
a ligação entre a  
agricultura e o  
Ministério Público

**55** PLANTIO DIRETO  
NEWS: a adoção  
deste sistema na  
lavoura arrozeira  
do RS



Leandro Cabral

### NOSSA CAPA

Coloca em pauta o assunto que tem acirrado  
os ânimos — de lideranças rurais, produtores, políticos,  
ONGs, pesquisadores e iniciativa privada —  
e semeado a discórdia no campo

### SEÇÕES

|                      |    |
|----------------------|----|
| Aconteceu            | 7  |
| Aqui está a solução  | 8  |
| Cartas, Fax, E-Mails | 10 |
| Eduardo Almeida Reis | 11 |
| Safras Protegidas    | 53 |
| Agribusiness         | 58 |
| Flash                | 62 |
| Ciência e Tecnologia | 64 |
| Novidades no Mercado | 65 |
| Ponto de Vista       | 66 |



## Insanidade

**P**or ocasião da Expointer explodiu a questão da aftosa no Rio Grande do Sul. Chocante? Não, absolutamente não. Previsível? Sim. Afinal, o que menos o brasileiro gosta de fazer é fiscalizar.

Assim, mais uma vez a leniência, a imprevidência, a imprudência e o descaso de quem deveria fiscalizar constitui-se no único e exclusivo fator que trouxe de volta este problema de sanidade. O resto é consequência e conversa pra boi dormir.

Paga-se muito para muito pouca segurança sanitária.

Todos contribuem com pesados impostos e mais R\$ 1,00 por venda de animal.

De burocracia e acusações inconsistentes estamos cheios.

Lamentável é que esse problema agravou ainda mais a divergência de objetivos da Expointer, que agora, além dos problemas mercadológicos que já vinham há tempo sendo detectados pelo conflito de interesses entre o poder público, que quer festa popular, e o segmento privado, que quer resultados, através de vendas, está decididamente contaminada pela Aids da intransigência ideológica.

## Luta armada

**O** sr. Karl Heins Funke, ministro da Alimentação, Agricultura e Silvicultura da Alemanha, convidado de honra do governo do Rio Grande do Sul, assistiu do palanque oficial à invasão do MST, com plena concordância e subjacente estímulo do governo do RS.

Estava sentado na primeira fila junto ao governador do Estado, Olívio Dutra, e do ministro da Agricultura Pratini de Moraes. Exclamou alto para quem entendesse alemão: "(Himnel) — Céus! Estou me sentindo fisicamente ameaçado. Isto é a revolução".

## O milho virou ouro

**H**á mais tempo, o milho vinha pintando como "blue chip" de commodities. Mas surgiram doenças em excesso, seca e geadas, que atingiram em cheio a safra.

Não tem milho no mercado. Pergunte para Agrocere, Cargil, Pioneer, Dekalb, Monsanto e tantos outros produtores de semente. Não há um só grão em estoque.

E as empresas estão igual a rico que ri à toa. Além de venderem tudo, não estão pagando um tostão pelo gasto da energia elétrica necessária quando há estoques nos armazéns climatizados. Desde muitos anos não acontecia isso. Significa que neste mês de outubro o Brasil vai ter de importar milho. Outra imprevidência.

O diabo é que o mundo tem pouco estoque, e ao que se sabe, formado principalmente de milho transgênico, até agora proibido de entrar no País. Aí é que a porca torce o rabo, pois vamos ter que pagar ágio pelo milho convencional. Um complicador.

## O murmúrio da inflação

**N**ada é pior do que a inflação, sabemos todos. É o pior imposto, principalmente para os pobres.

Pois bem, com a alta da gasolina e de vários produtos primários, a âncora verde do real está indo devagarzinho para o brejo. É irreversível. Afinal, nenhum canetaço até agora conseguiu terminar com a lei do mercado que através do excesso e escassez regula os preços.

Para equalizar interesses e arrumar eventuais distorções, o governo atento e inteligente consegue, através dos instrumentos que possui, atenuar a eventual crise. Precisa agir rápido e certamente. Coisa que ainda não foi feita com o arroz gaúcho, que continua a exigir medidas imediatas e fortes. E, igualmente, deve apontar caminhos, como, talvez, estimular o plantio de milho juntamente com áreas de arroz. Sabemos que não é tarefa fácil.

Mesmo porque mudar a cabeça do arrozeiro tradicional não será coisa de acontecer de um ano para o outro.

Mas, é preciso, desde já, botar os neurônios públicos e privados a funcionar.

## O cassino borbulhante

**P**ois o pessoal entrou em delírio e os portais passaram a fazer parte do cassino das apostas para saber quem fica no mercado e quem vira mico. No segmento do agronegócio são 15 ao todo. Os "experts" e as pessoas de bom senso e com conhecimento mercadológico dizem que, quando a espuma desvanecer,

vão sobrar no máximo três. É o limite. Uma dúzia irá pro beleléu. Alguns nem vão levantar vôo. Esta a opinião de quem sabe das coisas. Doze estão marcados para morrer. Façam as apostas. A conferir.

## Vamos exportar frutas tropicais?

**U**ltimamente fala-se muito em exportar frutas tropicais? Este papo é de gente superficial e mal informada? Lamentavelmente, sim. Isso porque o mundo preferencialmente se alimenta de frutas de clima temperado. Sobretudo os países ricos adoram comer maçãs, peras, uvas, tomar suco de laranja. Só nos últimos anos, de uma maneira ainda incipiente, as frutas tropicais estão fazendo parte da mesa de americanos e europeus. Há enormes dificuldades neste sentido, principalmente porque será uma substituição de frutas de clima temperado para tropical, e a mídia diz que esse tipo de fruta tem excesso de açúcar. Por outro lado, temos a banana, um produto de exportação.

A banana, que é uma fruta tropical com relativamente bom uso na alimentação de países ricos, não tem no Brasil um fornecedor. Não somos exportadores de banana. Não temos tradição. Nosso produto não apresenta uniformidade, e as variedades aqui consumidas não são exatamente do agrado do mercado externo. Existe ainda um grande complicador: não há transporte marítimo adequado.

## Já o caso da maçã é diferente

**O** Brasil, cada ano que passa, passa também a produzir mais maçãs. E de boa qualidade. As variedades gala e fuji são muito bem-aceitas pelo consumidor.

Já exportar são outros quinhentos. Assim, não seria o caso de incentivar o consumo da maçã em nosso mercado interno? Tudo indica que sim. Afinal, nos Estados Unidos, geladeira que se preza tem "apple pie" na prateleira. Nossa torta de maçã ainda é muito pouco presente como hábito alimentar brasileiro.

Está na hora dos produtores de maçãs promoverem essa saborosa sobremesa. 



## Informações sobre cães pastores border collie



A Granja

“Sou assinante da revista **A Granja** e possuo uma propriedade em Formosa/MG. Procuro algum criador de border collie, pois pretendo adquirir alguns exemplares para o serviço da fazenda. Aproveito para parabenizar a revista pela reportagem sobre a raça na edição de agosto”.

Marcelo Perondi  
bingopalace@infonet.com.br

“Solicito, se possível, endereço e/ou telefones de criadores de cães da raça border collie”.

Álvaro  
rs047678@via-rs.net

**R** — Agradecemos os elogios recebidos de todo o País sobre a matéria a respeito dos cães pastores border collie, na edição de agosto passado. Como os leitores já sabem, é nosso compromisso trazer a cada mês informações interessantes e úteis para quem trabalha na agropecuária. Dados sobre a raça, criadores e procedimentos de treinamento podem ser obtidos com Breno Rosado Funck, proprietário da Escola de Treinamento La Conquista, Estrada Costa Gama, 2845, Casa 40, Porto Alegre/RS. O telefone do Breno é (51) 232-8130.

## Mercado sucroalcooleiro

“Gostaria de receber informações sobre o mercado sucroalcooleiro para o desenvolvimento de um workshop. A ajuda da revista **A Granja** seria de extrema importância”.

Ricardo de Mello Ayres  
rayres@sebraesp.com.br



A Granja

**R** — Ok, Ricardo, na edição de **A Granja do Ano**, lançada na Expoin-ter 2000, em Esteio/RS, apresentamos uma matéria completa sobre o setor, desde a queda na produção desta safra, até novos planos governamentais para a cultura. O referido texto contém entrevistas com o presidente da Comissão Nacional da Cana-de-Açúcar da Confederação

Nacional da Agricultura (CNA). Há também uma análise detalhada de Alceu de Arruda Veiga Filho, diretor do Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, além de tabelas e outros dados. Caso tenha interesse na revista faça contato com o Departamento de Assinaturas, fone (51) 233-1822, com Amália.

## Melaço de cana para alimentação de vacas leiteiras

“Gostaria de saber se pode ser usado o melaço de cana na alimentação de vacas leiteiras em substituição à cana-de-açúcar. Em caso positivo, em que proporção aos demais componentes (capim elefante, cama de frango, etc.).”

Vander Rodrigues Aveiro  
vraveiro@zaz.com.br

**R** — Caro Vander, estamos repassando-lhe os nomes e telefones de entidades onde você poderá obter muitas informações a respeito do gado leiteiro, como a Embrapa Gado de Leite, que desenvolve pesquisas para disponibilizar tecnologias que permitam ao setor leiteiro modernizar-se e melhorar o desempenho, e algumas associações de ra-

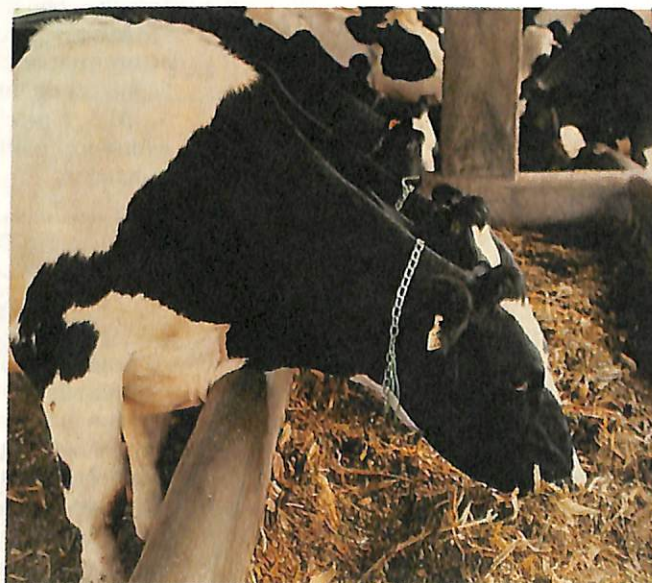
ças leiteiras.  
Embrapa Gado de Leite  
Rua Eugênio do Nascimento, 610, 36038-330, Juiz de Fora/MG, Fone (32) 249-4700 / 249-4711, Fax (32) 249-4751 / 249-4701  
sac@cnppl.embrapa.br  
www.cnppl.embrapa.br

Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa  
Av. Diógenes Ribeiro de Lima, 3063/65, Bairro Alto da Lapa, São Paulo/SP, 05083-010, Fone (11) 831-0188  
srg.scl@gadoholandes.com.br

Associação Brasileira de Gado Jersey  
Av. Francisco Matarazzo,

455, Prédio do Fazendeiro, sala 21, São Paulo/SP, 05001-900, Fone: (11) 262-

0588, Fax: (11) 262-8101  
www.gadojerseybr.com.br  
jerseybr@terra.com.br



A Granja



## Cunicultura

“Gostaria de obter informações sobre a cunicultura”.

F.Fontes  
ffontes@netsite.com.br  
Barra Bonita/SP

**R** — Amigo leitor, você está interessado em uma atividade que, segundo técnicos, tem muito futuro no Brasil, que atualmente consome pouca carne de coelho. O Estado de São Paulo é o maior produtor do animal, sendo que a Granja Criex, possui um plantel de 50 mil cabeças e um abate médio mensal de 10 mil animais. Segundo um dos sócios, Guilherme Sarzedas, os candidatos a cunicultores devem, saber que haverá sempre espaço para a produção no País. A Granja trabalha com sistema de parceria e dá assistência a interessados. A Granja Bela Vista, de Laete Tvardovskas, também dá orientação. Para obter os telefones dessas empresas você deve entrar em contato com a Associação Paulista dos Criadores de Coelho, localizada na Avenida Matarazzo, 455, Parque Água Branca, São Paulo/SP, 05001-900, fone (11) 262-3011. A Agrovídeo (041) 335-3005, possui uma fita sobre criação, manejo, instalações,



A Granja

abates e curtimentos de pele. Saiba desde já que criadores profissionais avisam que a escala comercial mínima da cunicultura parte de 60 fêmeas e seis machos; as fêmeas podem ser cobertas 15 dias após o parto, de maneira escalonada, a fim de preservar o ritmo de nascimentos e abates. Nesse regime, uma fêmea pode ser mantida no plantel por até os 2 anos. Para efeito de cálculo, estima-se uma média de produção de três filhotes por fêmea/mês, ou 180 cabeças mensais. Com rendimento de 1,3 quilo de carne por peça, obtém-se 234 quilos de carne por mês.

## Equipamentos para suínos

“Gostaria de saber se existe algum vídeo ou publicação a respeito do preparo da pele de porco para venda como semi-pronta, para ser preparada pelo consumidor, bem como já pronta, para ser comercializada em bares e lanchonetes. Minha intenção é montar uma microempresa e por isso gostaria de todas as informações quanto ao preparo e máquinas para instalar uma pequena escala industrial.”

Maurem — neruam@ig.com.br

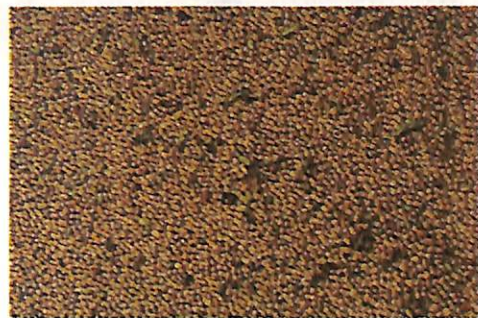
**R** — Caro leitor, você poderá obter informações mais precisas sobre o assunto junto à Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS), pelo telefone (51) 712-1013, e-mail abcs@viavale.com.br. A segunda opção é o site SOS Suínos, de Goiânia, pelo telefone (62) 210-0023, e-mail sossuinos@vila.bol.com.br.



A Granja

## Produção de soja no RS

“Gostaríamos de obter um diagnóstico geral da situação da produção de soja no rio Grande do Sul, como produção total da safra 1999/2000, mercado, exportação, preço e área plantada”.



A Granja

Acadêmicos  
Vanderleia Trevisan  
Rodrigo Brum Faculdade de  
Engenharia Agrícola –  
Universidade de Passo Fundo  
(UPF), Passo Fundo/RS

**R** — Na edição de setembro de A Granja vocês podem encontrar uma matéria da repórter Luciana Radicione, que acompanhou, em Santa Maria, a 28ª Reu-

nião da Pesquisa de Soja na região Sul. Nesta edição, também apresentamos uma matéria sobre a cultura, em Cuiabá. Na seção Agribusiness há mais dados sobre o mercado da oleaginosa. Sempre é bom consultar a Fundacep/Fecotriga de Cruz Alta/RS, fone (55) 322-7900 e na Emater/RS, fone (51) 233-3144.

## Solos com cascalho

“Tenho uma propriedade com predomínio de solos com cascalho. O pasto que melhor se adaptou a esse tipo de terra foi o andropogon gayanus. Existe alguma leguminosa que se adaptaria bem através de um consórcio, para melhor eficiência desta pastagem?”

Tiago Nelson Henz  
Cuiabá/MT

**R** — Tiago, por se tratar de uma questão localizada, nossa sugestão é que você entre em contato com a Emater de sua cidade, rua

Jurumirim, 3245, bairro Carumbé, Cuiabá/MT, fone (65) 653-7000. No seu caso, é importante que um agrônomo dê um parecer técnico, pois possivelmente precisará fazer uma análise do solo. A Secretaria da Agricultura do seu Estado: rua 2, s/nº, Edifício Ceres, 3º andar, Centro Político administrativo, Cuiabá/MT, fone (65) 644-2314 — também poderá ser consultada, pois normalmente existem programas regionais de melhoramento de pastagens com variedades específicas para cada tipo de solo.

## Inoculantes para silagens

“Sou mestrande em Biotecnologia e pesquiso inoculantes para silagens. Procuro um artigo publicado na revista A Granja, número 557, páginas 55 a 57, de 1995. Podem me ajudar a conseguir cópia deste material?”



A Granja

Anelise Kuss  
anelise@laguna.com.br

**R** — Prezada leitora, esta edição está esgotada, mas através de nossos arquivos estamos providenciando cópias do material, assim como o seu envio, ok?





Gustavo Paes

## Milho safrinha

“Faço Engenharia de Produção Agro-industrial, em Campo Mourão/PR, e li uma reportagem na edição do mês de agosto da revista A Granja que falava sobre milho safrinha. Eu estou fazendo um trabalho sobre este tema, tendo como ponto principal as vantagens da produção do milho safrinha.”

Janislei — janislei@bol.com.br

## Afugentando morcegos

“Como aprendo sempre e muito com as crônicas de Eduardo Almeida Reis, gostaria de passar uma informação que acredito ser simples e valiosa: meu irmão, Francisco de Salles, veterinário, afasta os indesejados morcegos pendurando no teto um galho de macaúva. E não é que eles somem mesmo? Palavra de honra.”

Irene Maria  
Nova Floresta  
Guaxupé/MG



A Granja

## Informações sobre avestruz

“No mês de agosto, entrou em plena operação o Primeiro Incubatório de ovos de avestruz do Rio de Janeiro, situado na Fazenda GranaAvez, em Papucaia. Este empreendimento visa o desenvolvimento de estruticultura, que consiste na comercialização de avestruzes.

São fazendas associadas em condomínios, em regiões pré-determinadas, formadas por investidores quotistas (coproprietários), que investem recursos na implantação da mesma e recebem dividendos oriundos de sua atividade comercial, proporcionalmente.

Temos um site para maiores informações: [www.granavez.com.br](http://www.granavez.com.br)

Seria interessante reforçar uma publicação de matérias sobre estruticultura, que vem despertando o tino empresarial dos investidores e tradicionais pecuaristas.”

Marcus Parpinelli  
REDS/GranAvez



Texto Assessoria de Comunicação

## Vantagens do sorgo

“Sou criador de gado e tenho me informado sobre a utilização do sorgo na alimentação dos animais. Minha intenção é reduzir os gastos com a compra de ração à base de milho, mas ainda são poucas as informações que comprovam a real eficiência do sorgo como silagem. Em função disso, sugiro que A Granja faça uma reportagem sobre a produção do sorgo, sua melhor utilização, custo de produção e vantagens para uso como ração.”

Renato Luiz de Lima  
Santa Maria



A Granja

## Mais curiosos e bicudos

“Na página 10, da edição do mês de agosto, na seção de cartas, vi que vocês publicaram uma nota sobre curiosos e bicudos, que considero os pássaros de maior potencial. Seria interessante, a publicação de uma matéria sobre estas espécies.”

Camila Silveira da Silva  
Arvorezinha/RS

## Sugestões

“Registro meus cumprimentos à equipe editorial pelas reportagens que são publicadas nesta revista. Sugiro matérias sobre apicultura, cultura de grãos e soja.”

Célio Borba  
Curitiba/PR

Tire suas dúvidas ou dê a sua opinião.  
Escreva para redação da revista

**A GRANJA,**

Av. Getúlio Vargas, 1526

CEP 90150-004, Porto Alegre/RS

O fax é: (51) 233-2456

E o nosso E-mail: [mail@agranja.com](mailto:mail@agranja.com)

Home Page <http://www.agranja.com>

As cartas ou mensagens poderão ser publicadas de forma resumida.



## A cidade e os campos

**F**igura máxima da Latinidade Clássica, Marco Túlio Cícero escreveu há 2 mil anos: *Nihil est agricultura melius, nil dulcius, nihil homine libero dignius*, em português algo assim como “nada é melhor, nada mais doce, nada mais digno do homem livre que a agricultura”. Na cidade de Roma, em seu tempo, já havia problemas de trânsito, tanto assim que Júlio Cesar chegou a proibir a circulação de veículos de rodas durante o dia.

A capital do Império Romano era pródiga em outros problemas conhecidos de todos nós: prostituição feminina, masculina e infantil; homossexualismo, êxodo rural e desemprego urbano, proliferação de seitas, especulação desenfreada, velhos que desposavam mocinhas, empréstimo e tráfico de escravos, fascinação pelas novidades da moda, exibição e luxo na ordem do dia, adultério generalizado, amor livre, desestruturação moral e familiar, agiotagem e bebedeiras no *comitium*, lugar onde o povo se reunia para votar, sociedade dividida em duas classes — ricos e pobres —, sendo que os primeiros só andavam cercados de uma parafernália de segurança que o próprio imperador não chegou a conhecer. Não pensem que invento: está nos livros de M. Rostovtzeff e de Jean-Noël Robert, que esmiuçaram aquele período da História de Roma.

De lá para cá, muita coisa melhorou nas cidades: energia elétrica, água tratada, esgotos, transportes coletivos, conforto domiciliar, mas a cidade grande, salvo melhor juízo, contraria a natureza. Não faz muito tempo, li que a Grande São Paulo processa diariamente 19 mil toneladas de lixo, além de 300 ou 400 caminhões de lixo hospitalar. A tendência é piorar...

Viver no campo, que já era bom, e doce, e digno no tempo de Cícero, tem melhorado bastante. Eletrificação, estradas, telefonia, televisão e Internet trazem o mundo para dentro de nossas casas rurais, sem os muitos inconvenientes da cidade grande. Água de mina, horta e pomar, leite e laticínios frescos, distância

prudente das brigas de marido e mulher, bem como da música techno da vizinhança — são coisas que não têm preço.

Ainda assim, precisamos pensar nos rendimentos no negócio. Não são todos que, como John K. Galbraith, contando com as rendas de livros e palestras, podem dar-se o luxo de uma residência rural em terreno de quase 200 hectares, nos Estados Unidos, sem a obrigação de obter outros rendimentos da terra, além do prazer de viver no campo.

Pensei nisso, quando vi matéria num jornal sobre a fazenda-escola da PUC-Minas, a 35 quilômetros do centro de Belo Horizonte, usada pelos alunos dos cursos de Veterinária. A fazenda-escola recebeu o prêmio de maior média de produção de leite, no Estado, para rebanhos com mais de 100 lactações encerradas em 1999, obtendo média de 9.542,9 quilos de leite, ou 32 quilos de leite/dia por vaca, 50% acima da média do rebanho holandês de alta produção de Minas Gerais. A média geral do rebanho mineiro, incluindo as vacas mestiças, é da ordem de 3 quilos/dia.

Até aí, tudo muito bonito: a fazenda-escola, de 330 hectares, situada no município de Esmeraldas, já mostrou que é possível obter no Cerrado a espantosa média de rebanho, em mais de 100 lactações controladas, de 9.542,9 quilos, coisa inimaginável para quem andou pelejando com leite, como eu, até a década de 80. Naquele tempo, acreditei que médias da ordem de 32 quilos vaca/dia fossem privativas dos rebanhos americanos e canadenses, nos Estados Unidos e no Canadá.

Vencida a etapa da produtividade, a fazenda-escola anda buscando a rentabilidade que justifique a instalação de empresas do gênero. Sim, porque produzir média de 32 quilos, sem dar lucro que justifique o investimento em genética e tecnologia, não congemma com o princípio básico da zootecnia, que é a

adaptação econômica do animal ao ambiente criatório.

Aqui mesmo em Minas, em 1972, conheci um fazendeiro que produzia mais de 1.000 litros diários com vacas zebuínas, soltas num pasto onde havia também 1.400 porcos de raças piau e nilo canastra. Perguntei-lhe quantos retireiros tinha e a resposta foi admirável: “Tem dias que nós é oito, tem dias que nós é quatorze...”

Perguntando mais, apurei que ele trabalhava com dois filhos. Os tais ordenhadores, que variavam de oito a catorze, eram vizinhos que apareciam para dar um adjutório, a troco de dois ou três litros de leite. Nos dias santos de guarda e domingos, quando os vizinhos desapareciam, a solução encontrada pelo fazendeiro era deixar que os bezerros mamassem todo o leite de suas mães.

Evidentemente, não era exploração leiteira para servir de modelo, mas talvez fosse “lucrativa”, com os 1.400 porcos à solta e o leiteinho barato, leite das águas, em pastos de capim jaraquá, ou provisório.

É muito de desejar que a modelar fazenda-escola da PUC-Minas, já a partir do corrente ano, possa apresentar saldo positivo. Com a tecnologia que não lhe falta, e nova escala de produção, pulando de 3.000 para 4.500 litros/dia, é possível que a empresa rural se transforme num bom negócio. A não ser que prevaleça o pessimismo do computador IBM do excelente Fritz Underbeg, o primeiro dos meus amigos a informatizar a fazenda.

A caminho dos 3.000 quilos/dia, o excelente suíço-alemão programou o computador para calcular a rentabilidade do negócio, se e quando chegasse aos 8.000 quilos/dia. A previsão da máquina foi tão desanimadora que o excelente Fritz resolveu voltar ao seu trabalho de banqueiro na Europa. Ao contrário dos currais brasileiros, os bancos europeus têm a mania de produzir lucros. ■

*Viver no campo, que já era bom, e doce, e digno no tempo de Cícero, tem melhorado bastante*





**REPORTAGEM  
DE CAPA**

*Enquanto a polêmica  
ganha proporções  
cada vez maiores, o  
Brasil vai ficando  
a margem de um  
mercado mundial  
que somará  
US\$ 3 bilhões este  
ano e em 2005  
deverá movimentar  
US\$ 8 bi*

*Flávio Carrança*

**A** discussão acirrada sobre o cultivo de plantas transgênicas não deve impedir o reconhecimento da contribuição fundamental que a engenharia genética pode dar para a solução do problema da fome no Brasil e no mundo. Para além das paixões, é preciso procurar saber o que essa nova tecnologia tem a oferecer. Falando mais claramente, para a maioria dos líderes do agronegócio e pesquisadores, quanto mais o Brasil demorar para tomar uma decisão sobre o uso dos transgênicos, mais ele perderá.

É assim que pensa Fernando Homem de Melo, professor titular do Departamento de Economia da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo. A perda maior, segundo o economista, será no campo das exportações, onde o principal produto é a soja. Ele lembra que Estados Unidos e Argentina, que

são grandes produtores, já adotaram os transgênicos e que a mesma coisa deve acontecer com o milho. “A adoção dos transgênicos nos Estados Unidos e na Argentina aumenta a competitividade da soja desses países, deprimindo os preços no mercado internacional. A razão disso é o menor custo de produção da soja transgênica. O Brasil ficando com a soja convencional, de custo mais elevado, perde competitividade”, defende ele.

Entre as entidades que representam os agricultores brasileiros, uma das primeiras a tomar uma posição favorável à liberação do plantio de variedades transgênicas no País foi a Sociedade Rural Brasileira (SRB), que há três anos promoveu, em São Paulo, um seminário sobre o tema, onde puderam se manifestar posições favoráveis e contrárias à liberação. O presidente da SRB, Luiz Haffers, mantém sua

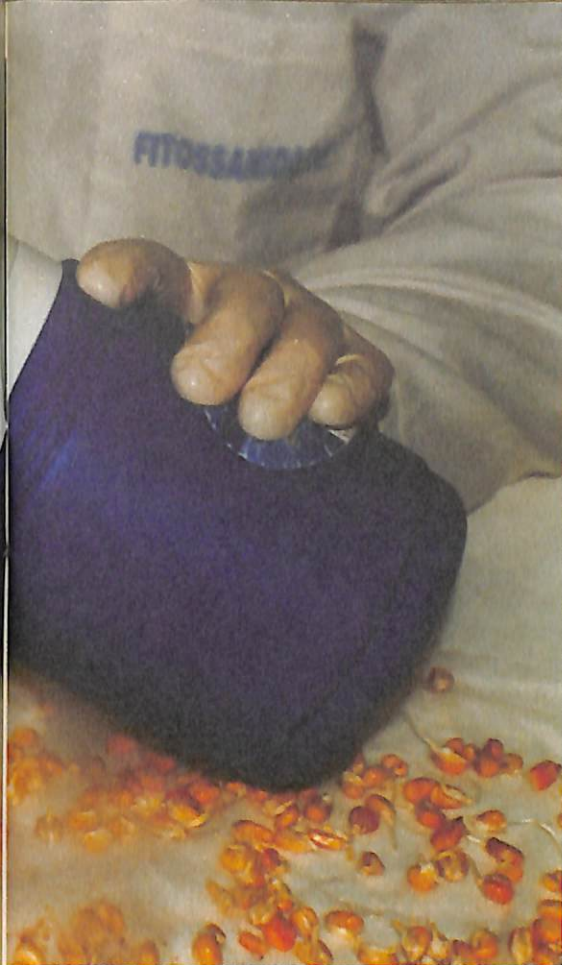
posição bem clara. “A discussão candente sobre os transgênicos caminha para uma polarização estéril. De uma lado, os defensores dessa tecnologia — entre os quais me encontro — demonstram suas vantagens cada vez maiores. Maior produção, menor risco agrícola, menor uso de defensivos, controle da erosão. Demonstram também que os riscos e danos ao consumidor, prometidos pelos adversários dessa tecnologia, não foram confirmados, provados, nem aconteceram após diversos anos de uso”, argumenta.

O agrônomo Cláudio Braga, vice-presidente da entidade, faz um paralelo entre a resistência aos transgênicos e a revolta provocada pelas campanhas de vacinação contra febre amarela, iniciadas por Oswaldo Cruz no início do século. “Somos favoráveis aos transgênicos porque eles vão permitir a modernização e o



# AS SEMENTES





Paulo Mendes

avanço tecnológico dos produtos agrícolas. Mas, somos também a favor da rotulagem que, embora seja muito difícil, é um direito do consumidor, que não pode ser ludibriado como está sendo", afirma. Lembrando que além de dirigente da Sociedade Rural Brasileira, também é produtor de soja convencional, Cláudio Braga diz que a utilização das variedades transgênicas gera aumento da produtividade e diminuição de custos ao se ter um menor uso de herbicidas nas lavouras de soja geneticamente modificada.

Do outro lado, por exemplo, está o veterinário Sezifredo Paz, consultor técnico do Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC). "Não somos por princípio contra os transgênicos ou a engenharia genética", esclarece Paz. "Nos contrapomos à forma como está se dando o processo de implantação dos transgênicos no

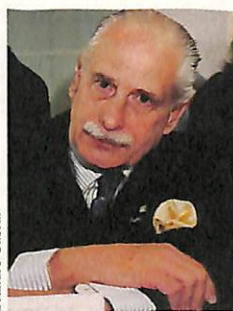
Brasil e em outros países, sem uma avaliação adequada dos riscos, tanto para a saúde quanto para o meio ambiente. O que estamos notando é que se pretende liberar esses produtos sem nenhuma regulamentação. É uma continuidade, desde a liberação do plantio em 1999, do processo de aumento da venda de alguns agrotóxicos e a concentração do mercado na área de sementes, favorecendo empresas que já causaram danos terríveis na área ambiental e na saúde humana", destaca. Sezifredo Paz afirma que não foram feitos, com a soja e o milho transgênicos, estudos toxicológicos para saber se existem efeitos de longo prazo. Os trabalhos realizados, segundo ele, foram apenas para toxicologia aguda. Paz observa também que o uso da soja transgênica deve fazer crescer nos alimentos a quantidade de resíduos do herbicida ao qual essa variedade é resistente.

Já o secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, José Hermeto Hoffmann, ataca diretamente os transgênicos e parte em defesa da consolidação de um Estado livre de produtos geneticamente modificados. A posição de proibir o plantio de plantas transgênicas tem dado muito pano para manga em constantes discussões com lideranças rurais, produtores e políticos. E, é claro, também tem, de uma certa forma, irritado muitos agricultores que acabam contrabandeando o produto e fazendo um cultivo clandestino.

**Estudos** — Nos Estados Unidos, uma pesquisa divulgada pela American Farm Bureau Federation (AFBF) mostra que 73% dos consumidores norte-americanos são favoráveis ao cultivo de plantas geneticamente modificadas para reduzir o uso de agroquímicos nas lavouras. O mesmo estudo mostra que 69% dos consumidores apro-

vam o uso da biotecnologia para aumentar a produção de alimentos e 65% declaram-se favoráveis ao uso dessa tecnologia para aumentar o valor nutritivo dos alimentos. A AFBF é uma associação que reúne mais de 4,9 milhões de famílias nos 50 estados norte-americanos e em Porto Rico e que busca as melhores soluções para os problemas dos agricultores desde 1919.

Mas caminhando no sentido contrário da pesquisa da AFBF, o diretor-executivo da organização não-governamental americana Alliance for BioIntegrity, Steven Drucker, diz que os transgênicos podem causar riscos à saúde e que a Food and Drugs Administration (FDA), órgão regulador da indústria de alimentos e medicamentos do governo americano, está mentindo ao afirmar que não tem conhecimento sobre os riscos dos produtos geneticamente modificados. A acusação foi feita em setembro, aqui no Brasil, durante o seminário Transgênicos — Segurança Alimentar e Riscos à Saúde, organizado pela Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados. Segundo Drucker, ao ter acesso a memorandos internos do FDA, depois de autorização da Justiça, a ONG descobriu alertas de cientistas do órgão americano sobre o desconhecimento dos riscos que podem causar à saúde os produtos transgênicos. O FDA tem informado que vários produtos transgênicos foram testados até agora, sem que fosse encontrado indício de que haja perigo à saúde humana.



Leandro Cabral

*Haffers: um árduo defensor desta tecnologia*



Divulgação

*Paz: o Idec se contrapõe ao processo de implantação*

## Partindo em defesa

As mega empresas multinacionais de biotecnologia saem em defesa da liberação. É o caso da Monsanto que apesar de estar no centro de toda essa discussão, pelo fato da liberação do plantio da soja roun-

# DA DISCÓRDIA





dup ready estar ainda “sub júdice”, no momento não tem se manifestado oficialmente sobre o assunto.

O que não acontece com a Novartis. Ao ser questionado sobre o que pensa da afirmação de que não houve tempo de pesquisa suficiente para assegurar que os transgênicos não prejudicarão a saúde humana e o meio ambiente, o gerente da empresa, Wilhelmus Uidewilligen, dispara: “Quanto de pesquisa é suficiente? Os primeiros transgênicos comerciais foram gerados no final da década de 80. Dez anos se passaram e nada de negativo apareceu ou ficou comprovado. Quanto mais teremos que pesquisar?” Na sua opinião, é difícil argumentar contra críticas genéricas. “Os transgênicos estão sendo cultivados desde 1995 e no ano passado atingiram a área de 40 milhões de hectares, incluindo as culturas de milho, soja, algodão, canola e em vários países, entre os quais Estados Unidos, Canadá, México, Argentina, Austrália, Espanha, África do Sul, China e Ucrânia”. De acordo com ele, em 1999 foram produzidas e consumidas mais de

100 milhões de toneladas de produtos transgênicos e não apareceu um caso sequer de indícios que pudesse fazer mal ao organismo humano ou animal. “Existe algum método de alteração de produtos com esta performance de segurança?”, questiona ele.

Uidewilligen informou que a área cultivada com transgênicos no mundo aumentou de 1,8 para quase 40 milhões de hectares em um período de 4 anos. Ou foi um bom negócio para os agricultores ou não teria aumentado em escala tão dramática. “Se você fosse um sojicultor brasileiro não se sentiria injustiçado por não ter um recurso técnico que todos seus concorrentes possuem?”, ressalta.

A Novartis tem planos para o Brasil. O gerente da empresa adiantou que um dos projetos de curto prazo é o desenvolvimento do milho Bt-11, produto com resistência a alguns insetos lepidópteros, incluindo a lagarta do cartucho, o que diminuirá o número de aplicações de inseticidas que o produtor precisará fazer para controlar a praga.

**Benefícios** — Segundo a publicação

“Perguntas & Respostas — Tudo o que você gostaria de saber sobre Biotecnologia”, editada pela Monsanto, as sementes de soja, milho, algodão geneticamente modificadas estão permitindo importantes ganhos de competitividade nos Estados Unidos e na Argentina, por causa do melhor controle de pragas e de plantas daninhas e também por requererem menor uso de agroquímicos, que podem ser agressivos ao meio ambiente.

Pesquisas realizadas no Brasil comprovaram que a soja geneticamente modificada, tolerante ao herbicida roundup ready, obteve, em média, 10% mais rendimento do que a soja convencional em plantio direto. A soja da Monsanto proporcionou um acréscimo de 4,93 sacas de 60 quilos por hectare. Além disso, por causa da menor dependência de inseticidas e herbicidas e do menor número de operações na lavoura, registrou redução nos custos da ordem de 15%, enquanto o uso de combustíveis caiu de 20 a 40%. A erosão do solo diminuiu 90% e o nível de impureza dos grãos colhidos teve uma redução de 33%.

## O que pensam os pesquisadores

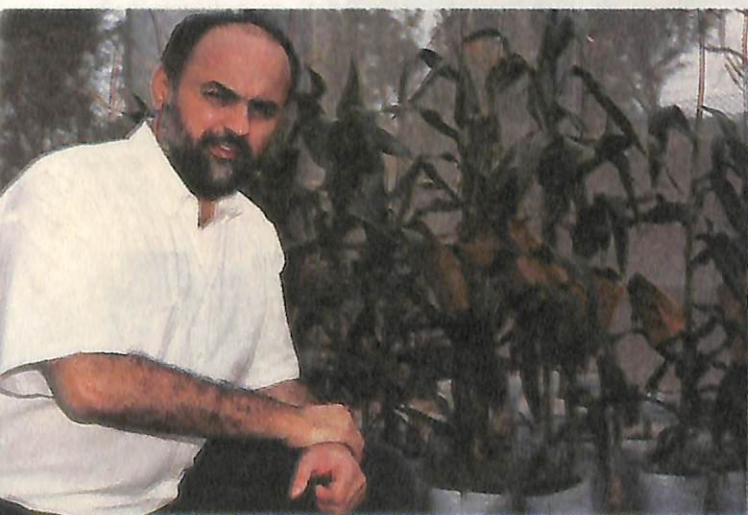
O biólogo Adilson Leite é pesquisador do Centro de Biologia Molecular e Engenharia Genética da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)/SP, onde desenvolve um trabalho voltado para a produção de proteínas de interesse farmacêutico utilizando variedades de milho transgênico. Ele pesquisa também a produção de hormônio do crescimento

e insulina a partir de variedades transgênicas. Leite não vê muita diferença entre os riscos oferecidos pelas variedades de soja e milho transgênicos, que empresas como a Novartis e a Monsanto querem introduzir no Brasil e o risco proporcionado por plantas selecionadas pelos métodos tradicionais. “Minha opinião pessoal é que cada planta transgênica tem que ser analisada individualmente. Não se deve generalizar, como muita gente está fazendo, para ficar contra os transgênicos”, salientou. Para ele, as plantas modificadas de soja e milho que se quer introduzir no Brasil dificilmente vão causar algum problema, tanto do ponto de vista alimentar quanto ecológico. “Esses transgênicos oferecem um risco

muito similar às plantas obtidas pela genética clássica e resistentes a pragas ou herbicidas. A possibilidade desses genes passarem para outras plantas é idêntica a dos transgênicos”, ponderou.

Adilson Leite defende o parecer da CTNBio favorável à liberação do plantio da soja da Monsanto, com base na capacidade dos técnicos que integram aquela comissão. “Se aquele grupo chegou à conclusão que, no caso da soja, não há necessidade de estudo de impacto ambiental, é porque não deve ser mesmo. Essas plantas que estão querendo introduzir aqui já foram cultivadas anteriormente nos Estados Unidos e na Argentina”.

**Moratória** — Ainda com base na idéia de que não houve tempo suficiente de pesquisa sobre os transgênicos, há quem, como o ministro da Saúde, José Serra, defenda uma moratória, um prazo de segurança dentro do qual seriam realizados os estudos adicionais considerados necessários para garantir que o



Divulgação

Leite, biólogo da Unicamp/SP, defende a análise individual de cada planta transgênica



# LINHA AGRÍCOLA PIRELLI.

## PRODUTIVIDADE PARA TODOS OS CAMPOS.



futura



Sobre terrenos consistentes, acidentados, alagadiços e nas mais diversas condições de uso, a Pirelli segue em frente com a liderança de seus pneus. E para atender às necessidades específicas do campo, a Pirelli oferece sua exclusiva linha agrícola para tratores, implementos e colheitadeiras. São pneus direcionais e trativos, numa linha completa, criada a partir dos mais avançados estudos e testes que acompanham as inovações do mercado agrícola e garantem máximo desempenho. Conheça a linha agrícola Pirelli, e traga mais produtividade para o seu campo.

VOCÊ PERGUNTA E A PIRELLI RESPONDE:  
0800-787638 Internet: [www.pirelli.com.br](http://www.pirelli.com.br)



POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.



## Segurança é item prioritário

plantio comercial de transgênicos não teria consequências negativas. O pesquisador Francisco Aragão, da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, de Brasília/DF, não concorda com essa tese. “Não vejo sentido em se pedir moratória e sim em proibir”. É mais coerente. Porque a moratória pede um tempo e não se sabe quanto é necessário. “Os grupos que pedem moratória querem segurança de 100% e isso não é possível”, explica. Aragão observa que já se consome uma série de produtos não transgênicos que possuem riscos similares aos transgênicos. Mas, informou, a diferença é que há um risco adicional de alergia nos transgênicos. Por isso, garantiu, é preciso fazer uma série de simulações que demonstrem que o produto é seguro para o consumidor e para o meio ambiente, para só então comercializá-lo.

O pesquisador explica que a engenharia genética abre a possibilidade de transferir genes que seria impossível transferir de outra forma. Ele cita o exemplo do mosaico do feijoeiro, doença para a qual ainda não foi descoberta uma variedade de feijoeiro imune, o que, no entanto, está sendo conseguido através da engenharia genética. “No caso de uma proibição do plantio comercial de transgênicos, essas plantas não poderão ser colocadas à disposição dos agricultores”, analisou, acrescentando que existem situações similares em casos de outros produtos de amplo consumo, como a batata e o mamão. “Todas as moratórias para outras tecnologias levaram ao atraso”. Ele ressalva que o desejo de lucro das empresas pode apressar as decisões. “Temos que ter mecanismos para evitar que as coisas sejam feitas assim”, disse Aragão.



O aparelho termociclado, usado no processo de transgênia, amplia as seqüências de DNA da planta

## Greenpeace denuncia comercialização ilegal

Enquanto correm soltas as opiniões divergentes sobre a liberação ou não do plantio de transgênicos no País e acirram-se os ânimos entre defensores e contrários à nova tecnologia, os brasileiros estão consumindo sem saber produtos transgênicos. Pela segunda vez neste ano, o Greenpeace recolheu alguns produtos das prateleiras dos supermercados e constatou, através de análises realizadas pelo laboratório suíço Interlabor Belp AG.

O laboratório identificou a presença da soja roundup ready, da Monsanto, e do milho Bt 176, da Novartis, no sopão de galinha da Knorr, na sopa de galinha Pokémon, da Arisco, no Ovomaltine Cereais e Fibras, da Novartis, e no pó para bolo de chocolate da Sadia. Com a constatação, os alimentos foram retirados das prateleiras, lacrados com cadeado no carrinho do próprio estabelecimento e encaminhados à Vigilância Sanitária. O teste solicitado pelo Greenpeace foi feito com 11 produtos, mas apenas quatro apresentaram menos de 1% de ingredientes transgênicos.

No primeiro semestre, também à pedido do Greenpeace, foi identificada a presença de transgênicos em 11 alimen-

tos, a partir de testes laboratoriais. Nas duas oportunidades, foi constatada a presença de produtos da marca Knorr. Conforme a Lei de Biossegurança, número 8.974/1995, a venda de alimentos com insumos transgênicos é ilegal no Brasil, pois não atende às exigências previstas e

também viola o Código de Defesa do Consumidor. De acordo com a portaria da rotulagem que está sendo formulada pelo governo federal, deverá ser fixado o percentual de 5% para que ingredientes ou alimentos contenham na embalagem a informação de que é transgênico.

### Como tudo começou

A origem da biotecnologia remonta a meados do século XIX, quando o monge austríaco Gregor Mendel lançou as bases da genética, explicando a transmissão de características de uma geração para outra. Mas sua aplicação comercial aconteceu pela primeira vez em 1982, com a produção de insulina para tratamento de diabetes. No melhoramento genético de plantas, a biotecnologia permitiu um avanço muito grande ao possibilitar a introdução de uma determinada característica sem modificar outros aspectos, como acontece no melhoramento tradicional. Com isso, foi possível desenvolver plantas tolerantes a herbicidas ou resistentes a pragas, já produzidas comercialmente em alguns países, mas com vantagens visíveis só para os agricultores. O próximo passo anunciado por cientistas e empresas do setor é uma nova

geração de organismos com benefícios que poderão ser mais facilmente visualizados pelos consumidores, como alimentos mais nutritivos ou mesmo com poder de cura.

A polêmica sobre o uso de plantas transgênicas na agricultura brasileira pegou fogo em agosto do ano passado, depois que o juiz Antônio Prudente, da 6ª Vara Federal de Brasília, acatou liminar solicitada pelo Greenpeace e pelo Instituto de Defesa do Consumidor (Idec), proibindo o plantio em escala comercial da soja roundup ready, uma variedade geneticamente modificada produzida pela Monsanto. A politização do debate colocou de um lado ecologistas, nacionalistas e correntes de esquerda e de outro, as empresas multinacionais que detêm a tecnologia dos transgênicos, além do governo e boa parte da comunidade científica brasileira.





Tópico: Diversidade

INDIVIDUALMENTE  
ELAS SÃO  
**ESPECIAIS.**  
JUNTAS,  
PODEM SER  
**ESPETACULARES.**

*Na natureza, duas coisas não são exatamente iguais. O mesmo se aplica às pessoas. Cada uma é única em conhecimento. Cultura. E experiência. Na Monsanto, acreditamos na riqueza da diversidade. Todos os dias, interagimos com pessoas não só de diferentes origens, mas também de diferentes áreas. Como agricultura, medicina e nutrição. Pois sabemos que, juntando nossas capacidades, podemos criar uma empresa com resultados espetaculares.*

**MONSANTO**

Alimento • Saúde • Esperança™





# Uma nova geração

**O** gaúcho Marcelo Gravina dirige o Laboratório de Fitopatologia Molecular da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde é feita a prospecção, o isolamento de genes de plantas que podem ser úteis no melhoramento genético e que podem ser usados no melhoramento tradicional ou como plantas transgênicas. O laboratório também presta serviço ao Ministério da Agricultura, analisando amostras de sementes e alimentos importados para saber se têm produtos transgênicos.

É um trabalho que ganhou relevância nos últimos tempos, por causa da proximidade da fronteira da Argentina, de onde vem a maior parte dos produtos transgênicos que entram no País. Gravina tem também uma atuação intensa, fazendo palestras e interferindo na discussão política sobre o plantio de transgênicos. "As plantas que estão em debate já são usadas nos Estados Unidos, Canadá, Argentina e Austrália, em lavouras comerciais há alguns anos, sem problemas". Foram testadas quanto à toxidade alimentar e outros aspectos. Gravina afirma que, comparado com outras tecnologias, como agrotóxicos por exemplo, o tempo de teste dos transgênicos é mais ou menos o mesmo. "Ninguém debate o uso da insulina, que é transgênica, ou



Paulo Mendes

O pesquisador Gravina coordena o laboratório da UFRGS que fornece ao MA a análise de amostras de sementes e alimentos importados

a vacina para hepatite B, que também é. O debate se tornou mais político, pelo envolvimento de multinacionais. No Rio Grande do Sul, principalmente, ficou a noção de que transgênico é igual a grandes empresas multinacionais e a venda de produtos químicos. Mas a minha percepção é que, através dos transgênicos,

vamos diminuir o uso de produtos químicos na agricultura".

O pesquisador da UFRGS observa que os produtos geneticamente alterados que já estão no mercado beneficiam principalmente o agricultor, porque reduzem custos de produção, mas não têm um apelo tão direto ao consumidor. "O que interessa ao consumidor uma planta mais resistente ao herbicida?", questionou. Na sua opinião, o momento agora é de lançamento de uma nova geração de transgênicos, que pode beneficiar diretamente o consumidor, através da melhoria da qualidade nutricional. Um exemplo disso é o arroz transgênico, enriquecido em ferro e com altos teores de pró vitamina A, que pode melhorar a qualidade nutricional de milhões de pessoas. Ou ainda a colocação de vacinas em alimentos, como a experiência resultante da colaboração de cientistas da Embrapa e Universidade Federal de Minas Gerais, que estão produzindo uma vacina contra leishmaniose em alface, que, entre outras vantagens, facilitaria o transporte e eliminaria o uso de seringas. "Essa variedade de alimentos diferenciados vai agregar preço ao produtor e permitir uma segmentação maior. O consumidor vai ser beneficiado e quando ele começar a ver isso sua percepção sobre a biotecnologia será melhor", previu.

## CALCÁRIO DE CONCHAS



**O Corretivo orgânico de  
reação imediata**

⇒ **Sem gastos com incorporação antecipada,  
usado na hora do plantio, junto com o adubo.**

⇒ **Produto muito mais reativo. Use menos e colha  
mais.**  
**(Exemplo: para o milho, 300 kg/ha)**

## CYSY Mineração Ltda.

Rodovia SC 445, km 05 - Fone 48 437 5455 - Fax 48 437 4584/4534  
Cx. Postal 26 - CEP 88.801-970 - CRICIÚMA - SC  
E. mail: cysy.ven@engeplus.com.br



# Contrate uma equipe para proteger você.

## PROGRAMA DE PROTEÇÃO **TOTAL** PARA A SOJA



### ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um engenheiro agrônomo.

Venda sob receituário agrônomo.



Da dessecação à colheita, a soja está permanentemente sujeita ao ataque de diferentes plantas daninhas e insetos. Portanto, a proteção da sua lavoura não pode ser tarefa para um único agente de segurança, mas sim para uma equipe. Por isso, a Dow AgroSciences criou o Programa de Proteção Total para a Soja, uma linha completa de produtos especialmente formulados para manter as pragas e as plantas daninhas longe da soja, em todas as fases do seu ciclo de desenvolvimento. Para garantir a proteção e aumentar a produtividade da sua cultura, confie plenamente no alto padrão de qualidade e eficiência dos produtos Dow AgroSciences. Programa de Proteção Total para a Soja. Uma equipe completa, dedicada à segurança da sua lavoura em tempo integral, e em todas as frentes.



**Dow AgroSciences**  
Melhorando a qualidade de vida.



# A FÓRUM DO ALGODÃO E DA

*O Centro de Eventos do Pantanal, em Cuiabá/MT, entre 28 de agosto a 2 de setembro, foi palco de importantes discussões e o fórum de debates sobre o futuro da agricultura no Brasil e sua situação junto ao mercado mundial. Durante os seis dias foram abordados aspectos técnicos e econômicos da cultura da soja e do algodão produzidos no País*

*Texto e fotos: Luciana Radicione*

A escolha por Mato Grosso para sediar os eventos “V Seminário Estadual da Cultura do Algodão” e “Tecnologia e Competitividade da Soja no Mercado Global” não foi em vão. O Estado é o melhor exemplo da revolução no campo que acontece no Brasil, com a expansão de importantes lavouras. Produtores passaram por cima de dificuldades, investiram em tecnologia e hoje já abocanharam uma parcela significativa da produção agrícola nacional. Mas isso é só o começo. Há quem diga que o Estado pode produzir sozinho as 85,2 milhões de toneladas previstas pelo governo para o Brasil, usando apenas 35% de sua área potencialmente agricultável.





# FORÇA SOJA NO CERRADO

O enfoque das mais de 195 palestras, com 60 debatedores, foi o espírito empreendedor do produtor do Mato Grosso, que hoje tem a liderança na produção dessas duas importantes commodities, responsáveis pela ampliação da presença da agricultura nacional no exterior. Todas, sem exceção, tiveram o objetivo de orientar sobre o manejo adequado para se obter um produto de qualidade e gerar lucro ao agricultor.

O sistema de adubação em plantio direto foi um destes temas que concentrou grande número de congressistas, já que a técnica hoje responde por 40% dos cultivos anuais no País. Segundo o agrônomo e diretor da empresa Potafós, de Pi-

racicaba/SP, Tsuioshi Yamada, por garantir uma maior eficiência no uso de fertilizantes e reduzir a aplicação de calcário, a técnica se constitui em uma tendência irreversível na agricultura brasileira. O agrônomo recomendou aos adeptos do sistema a utilização de gramíneas para captar o máximo possível de nutrientes do solo. "O monitoramento nutricional, com a análise do solo e condições foliar também são indispensáveis no controle da lavoura", disse Yamada.

Embora a tecnificação dos agricultores mato-grossenses inclua cuidados rígidos com o solo, ainda 2,3 milhões de hectares no Estado ficam expostos a um processo de degradação acelerada, pela au-

sência de cultivos, ou seja, sem a geração de grãos, carne ou palha. Para Júlio Cesar Salton, agrônomo da Embrapa Agropecuária Oeste, de Dourados/MS, este descuido certamente vai aumentar os custos de produção para as próximas safras. "A manutenção do solo coberto com culturas é fundamental para a conservação do solo e requisito para se manter o plantio direto". Salton afirmou que a técnica é a mais indicada para o Centro-Oeste, por não requerer o revolvimento do solo.

**Produtividade** — Surpreendendo os menos otimistas e gerando um expectativa entre os mais crédulos, o pesquisador da Embrapa Soja, de Londrina/PR, Romeu Afonso de Sousa Kiihl, revelou que alguns estudos comprovam que se o Mato Grosso usar toda a sua eficiência na captação de energia solar e nutrientes do solo, a produtividade da soja pode bater os oito mil quilos por hectare nos primeiros 100 anos do terceiro milênio.

Dá para acreditar? Sim, principalmente se for levado em consideração o deslocamento da produção de grãos da Região Sul para o Brasil Central. "No MT não há problemas sérios de clima. Aqui o clima é favorável, a topografia é adequada e o agricultor é empreendedor e receptivo", afirmou. No entanto, alertou que somente a tecnificação poderá resolver problemas concretos da região, como a acidez do solo, a baixa fertilidade e a escassa infraestrutura de transporte. Atualmente no MT o produtor de sucesso é aquele que tem alcançado os três mil quilos por hectare. Mas Kiihl acredita que esta será uma realidade para todos daqui a dois anos. "O ganho de produtividade é hoje 50% devido ao melhoramento da soja e 50% decorrente dos tratos culturais", disse.

A experiência do pesquisador José Tadashi Yorinori, também da Embrapa Soja, revela que o MT tem potencial para chegar a 4.800 quilos por hectare. Se conseguir alcançar este volume, representaria uma diferença de 51,25% sobre a média nacional, que é de 2.359 quilos por



A Granja





*Congresso reuniu 4,5 mil participantes, que aproveitaram os intervalos dos painéis para visitar os estandes e ficar por dentro das novidades apresentadas pelos expositores ligados ao setor primário*

hectare. "Este é um desafio para todo o Brasil", destacou. Na contramão, a incidência de pragas e doenças da soja representa o maior empecilho para o rendimento da cultura.

Na Região Norte, conforme as últimas safras, é muito alta a ação da mancha alva, do nematóide do cisto, do nematóide de galhas, mela, podridão radicular e podridão vermelha da raiz. Também é grande a presença de pragas como percevejo castanho, percevejo de grãos, tamanduá da soja, ácaros e coró. No Sul, além do clima, com suas altas temperaturas e ausência de chuvas, há outros fatores limitantes. No caso das doenças estão a Doença de Final de Ciclo (DFC), nematóide de galhas, nematóide de cisto, oídio, macrophomina, podridão vermelha da raiz e mancha alva. Entre as pragas estão o percevejo castanho, o percevejo de grão, mosca branca, tamanduá da soja e a cochonilha na raiz.

**Algodão** — O crescimento vertiginoso da produção de algodão no Mato Grosso, especificamente 1.287% nas últimas três safras, colocou o Estado na liderança da produção nacional, mas junto trouxe

uma preocupação dos produtores com relação à manutenção da qualidade da lavoura. Neste aspecto, o manejo adequado de plantas daninhas tem atraído a atenção dos algodoeiros. Segundo Evaldo Kazushi Takizawa, da Ceres Consultoria Agrônômica, de Primavera do Leste/MT, o manejo de invasoras não deve se limitar à área cultivada, mas também nas regiões adjacentes.

Ele explicou que a erosão é o problema número um no Brasil e o grande responsável pelo surgimento de invasoras. "Um controle efetivo e econômico das plantas daninhas no algodão, requer uma combinação integrada de estratégias, que inclui métodos preventivos, culturais, mecânicos, biológicos e químicos", advertiu. O consultor alertou que deve ser feito um esforço para destruir gramíneas perenes, ciperáceas e outras ervas que concorrem com a cultura e são de difícil controle com herbicidas. No Cerrado, no entanto, é impossível estabelecer um método de manejo de invasoras, pois o controle irá depender da análise de fatores ligados à cultura e à propriedade. "Temos todas as ferramentas necessárias para trabalhar

na cultura do algodão", afirmou.

Com relação às pragas, o presidente da Associação Mato-grossense dos Produtores de Algodão (Ampa), Adilton Sachetti, que destinada 8,3 mil hectares a cultura no município de Rondonópolis/MT, apontou o bicudo como a principal praga da lavoura. Por isso a necessidade de se investir pesado na prevenção. A praga está em franca expansão no Cerrado, havendo a necessidade de sua supressão imediata. Para eliminá-la, várias medidas de controle devem ser observadas, como a destruição dos restos culturais logo após a colheita, preparo antecipado do solo em cerca de 40 dias para provocar um efeito desalojador dos adultos remanescentes na área cultivada, uso de cultivares precoces, eliminação de plantas tigueras e semeadura em época adequada para cada região.

O bicudo é considerado uma praga exótica no Brasil, mas que produz efeitos devastadores nas lavouras se não for controlado. O estabelecimento do inseto em regiões algodoceiras do Brasil tem exigido de três a 11 aplicações de inseticidas por safra, a um custo de US\$ 10,00 cada. Se não houver um programa de erradicação da praga, e mantida a atual área plantada de cerca de 240 mil hectares no Mato Grosso, o bicudo representará gastos adicionais da ordem de US\$ 17 milhões por ano para os produtores, conforme projeção de Paulo Eduardo Degrande, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

**Sementes** — Outro aspecto importante da lavoura algodoeira é com relação às sementes. De acordo o coordenador da área de sementes da Fundação MT, Paulo Afonso Watanabe, não é fácil produzir semente de qualidade. Ele destacou a ►



*Kühl: condições do MT favorecem a alta eficiência*



*Yorinori: o desafio para o Brasil é alcançar 4,8 mil kg/ha na soja*



*Takizawa: a erosão é responsável pelo surgimento de invasoras*



*Sachetti: é preciso investir na prevenção do bicudo para se obter um cultivo com alta produtividade*



A SLC - John Deere revolucionou o mercado de tratores agrícolas. A aplicação da mais avançada tecnologia do mundo garante a máxima produtividade e durabilidade com conforto e segurança. Equipados com motores John Deere, garantem alta eficiência e menor custo de manutenção. Se você quer uma lavoura mais lucrativa, compre logo o seu trator SLC - John Deere.



ESCALA

## **Tratores SLC - John Deere. A melhor tecnologia do mundo em suas mãos.**



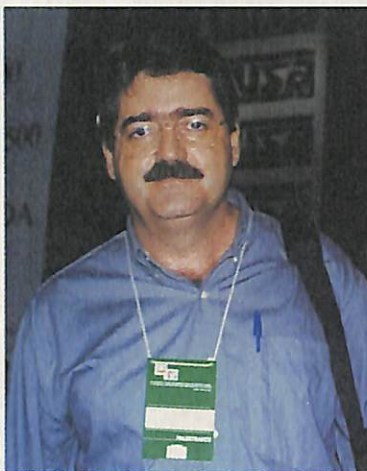
**Sistemas Mecanizados SLC-John Deere**







**Watanabe:** uma das maiores dificuldades é produzir semente de qualidade



**Ferreira:** a relação custos/impostos tira o sono de qualquer produtor



**Carvalho:** o maior entrave é a superoferta de soja no mercado mundial



**Landivar:** recursos devem ser direcionados para a produção de fibras

importância de investimentos em máquinas e instalações e técnicos capacitados. Além de criticar o sistema de terceirização no beneficiamento do algodão, informou que é fundamental conhecer a origem do insumo. “No sistema de produção, a semente de algodão é um dos insumos de menor custo, valendo, em média, de 2,3% a 3% do total da lavoura, mas é essencial que tenham boa qualidade”, salientou Watanabe.

**O grão atrairá importadores** — Os produtores brasileiros que apostarem na exportação de soja em grão serão recompensados. O cenário indica que a matéria-prima é o que está atraindo os compradores internacionais neste momento, conforme explicou o professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA/USP) e ex-secretário de política agrícola do Ministério da Agricultura, Guilherme Dias. Para ele, os embarques de óleo e farelo serão dificultados pela estratégia de defesa dos mercados pelos países importadores. A China, por exemplo, está pronta para adquirir grão, mas não tem interesse em comprar produto pronto de alto valor agregado. “Se voltar a tarifa para a exportação dos grãos, os produtores estarão fritos”, alertou. Dias salientou que o objetivo comum dos produtores é não colocar restrições à exportação da matéria-prima, pois ela é que vai garantir mercado para a oleaginosa lá fora.

Entre os sojicultores, o problema maior está sendo a relação custos/impostos da lavoura. Para o produtor Edeon Vaz Fer-

reira, de Rondonópolis/MT, o setor carece de uma política agrícola para tornar a atividade mais justa. Ferreira, que administra três fazendas no Estado, defende a união dos produtores para que o governo construa uma política setorial de médio e longo prazo. “Temos área para produzir o volume do País inteiro”, disse. Nas suas três propriedades, o produtor tem um custo de US\$ 46,94 com impostos e tributos por hectare. “Como não há perspectiva de preços melhores e sendo 13% do custo de produção com impostos, a solução é uma reforma tributária urgente”, completou. Mas, há quem veja ainda um quadro favorável para a sojicultura. “A produção vai continuar a se expandir no Cerrado, mesmo com estes desafios”, crê o consultor da MB Associados, José Roberto Mendonça de Barros.

**Gargalo** — A oferta excessiva de soja no mercado mundial é hoje o maior problema enfrentado pelos grandes produtores, segundo o economista da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Marco Antônio de Carvalho. “O gargalo é a superoferta estimada em 28 milhões de toneladas”. Outro fator que pode gerar crise é a concorrência do óleo de soja com o óleo de palma, girassol e de canola. “Para a produção de farelo não há substitutos”, tranquilizou. A previsão para a safra 2000/2001 é de que o estoque mundial chegue a 28,08 milhões de toneladas, contra 23,78 milhões da safra 1999/2000.

**Qualidade do algodão** — O Brasil vai conquistar o mercado internacional do algodão e superar a concorrência dos gran-

des países produtores, se oferecer um produto de qualidade. No entanto, a participação da commodity no exterior ainda vai depender de estratégias que possibilitem alavancar a comercialização no mercado interno. “O futuro do algodão está na qualidade. Os preços só terão sustentação se houver aumento do consumo”, observou o consultor Hans Joerg Rueckriem. O diretor de pesquisa para a América Latina da DeltaPine, Juan Landivar, arrisca para a safra 2001 o cultivo em 850 mil hectares no MT, conquistando assim, a auto-suficiência. “Portanto, é fundamental investir na produção de fibras de alta qualidade”, acrescentou.

Dados da Fundação MT indicam que a produção de pluma no País chega a 650 mil toneladas, para uma necessidade de 990 mil toneladas. “É importante fazer com que o produtor abasteça o Brasil, mas também gere superoferta para atender o mercado externo com qualidade”, frisou o produtor e presidente da Fundação MT, Blairo Maggi.

**Novidade** — Atendendo parte das reivindicações do setor, o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Vilmondes Olegário da Silva, anunciou em Cuiabá algumas alterações na política de comercialização para 2001. A principal delas é a introdução de mecanismos como a venda do algodão através das bolsas de mercadorias e de futuro. Além disso, deve haver um incentivo maior para a participação dos produtores nos instrumentos como os contratos de opção e o PEP (Programa de Escoamento da Produção). 

#### DADOS DE PRODUÇÃO

| Produto | MT (t)          | Brasil(t)        | Participação |
|---------|-----------------|------------------|--------------|
| Soja    | 7.856,3 milhões | 31.574,3 milhões | 24,8%        |
| Algodão | 335 mil         | 650 mil          | 51,5%        |

Fonte Fundação MT

#### TAXA DE CRESCIMENTO DE 90/91 A 99/00

| Produção |        |        | Área    |        |        |
|----------|--------|--------|---------|--------|--------|
| Produto  | MT     | Brasil | Produto | MT     | Brasil |
| Algodão  | 698%   | -12,4% | Algodão | 278%   | -57,5% |
| Soja     | 203,5% | 105,6% | Soja    | 139,8% | 36,8%  |

Fonte: Delegacia do Ministério de Agricultura





## **MF 34 e MF 38**

*Altíssima tecnologia e resultados surpreendentes.*



## **MF 5650 e MF 3640**

*Sempre evoluindo para melhorar a sua vida.*



## **MF 8780**

*Opção para máquina rotary axial.*

**Colheitadeiras  
Massey Ferguson.  
A tecnologia do futuro  
para fazer muito melhor  
o seu dia de hoje.**

SERVICO DE ATENDIMENTO AO PRODUTOR  
0xx(51)8004198  
LIGACAO GRATUITA

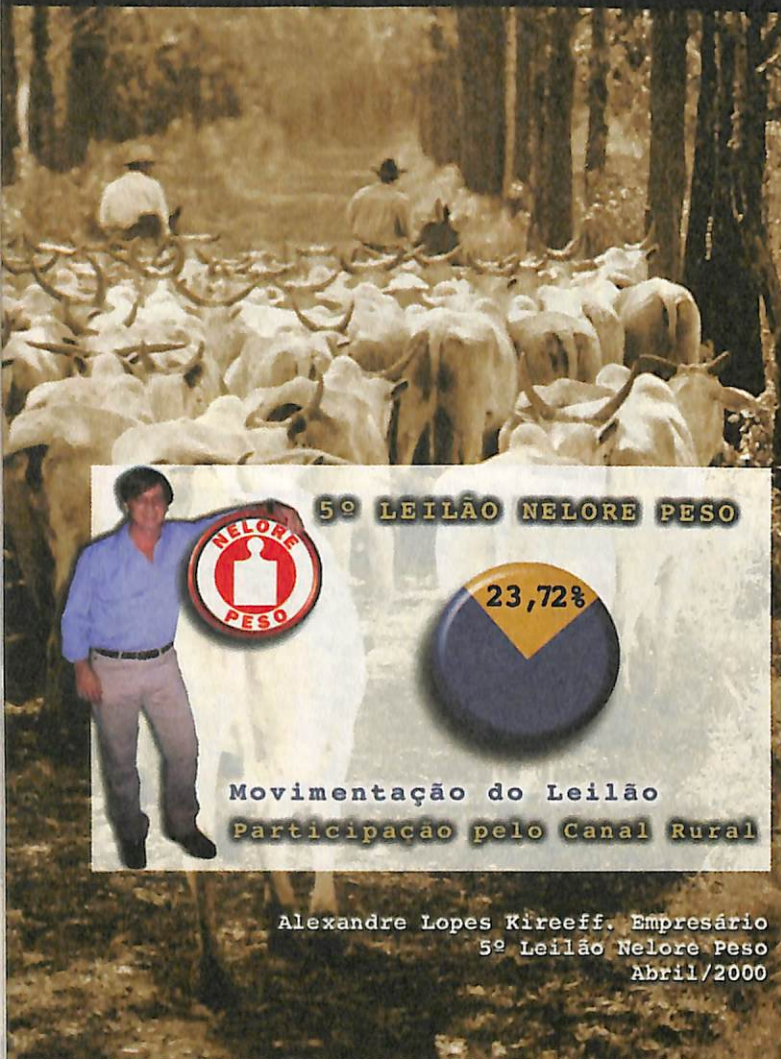


**MASSEY FERGUSON**

**Massey Ferguson. Trilhando o futuro com os pés no chão.**



# Canal Rural. Profissionalismo, e Qualidade na transmissão de



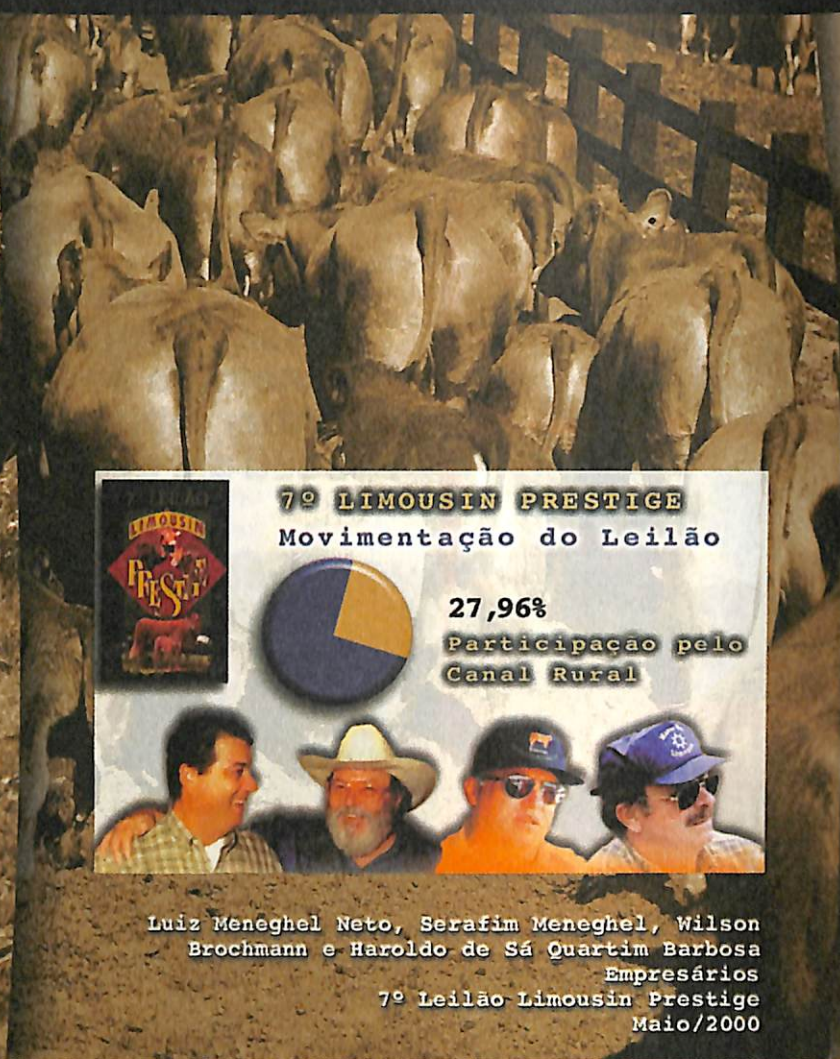
**5º LEILÃO NELORE PESO**



**23,72%**

**Movimentação do Leilão**  
**Participação pelo Canal Rural**

Alexandre Lopes Kireeff. Empresário  
5º Leilão Nelore Peso  
Abril/2000



**7º LIMOUSIN PRESTIGE**  
**Movimentação do Leilão**



**27,96%**

**Participação pelo Canal Rural**

Luiz Meneghel Neto, Serafim Meneghel, Wilson Brochmann e Haroldo de Sá Quartim Barbosa  
Empresários  
7º Leilão Limousin Prestige  
Maio/2000

## ABRANGÊNCIA E AUDIÊNCIA QUALIFICADA

Presente em todas as grandes cidades do país através do canal 35 do sistema a cabo NET ou parabólicas digitais SKY, o Canal Rural atinge empresários do setor de agribusiness, que podem realizar negócios, de seus escritórios, fazendas e casas, com todo o conforto.

## QUALIDADE DE TRANSMISSÃO

O pecuarista tem a garantia da melhor transmissão de leilão, devido ao Know-how e tradição RBS em fazer TV.

## PROGRAMAÇÃO

Chamadas para o leilão, matérias jornalísticas sobre a raça, entrevistas com criadores, cobertura jornalística antes e durante o evento, fazem parte deste grande espetáculo.

## 7,2 MILHÕES DE TELESPECTADORES POTENCIAIS

## TRANSMISSÃO NACIONAL DE LEILÕES

Ao vivo e interativos.

## CONTEÚDO E PROFISSIONALISMO

O compromisso com a informação garante o envolvimento da editoria de jornalismo na cobertura dos eventos e das equipes de transmissão.

## VALORIZAÇÃO DO LEILÃO

As transmissões dos leilões são tratadas como show de negócios. Imagens inéditas são geradas através de câmeras estrategicamente posicionadas, valorizando o produto e o evento.



# Competência seu Leilão.

**1º LEACHMAN CHALET**




**Movimentação do Leilão**



**27,42%**  
Participação  
pelo Canal  
Rural

Luiz Eduardo Batalha. Empresário  
1º Leilão Leachman Chalet - Red Angus  
Junho/2000

**8º FORTALEZA VR**




**52,45%**

**Movimentação do Leilão**  
Participação pelo Canal Rural

José Carlos Prata Cunha. Empresário  
8º Leilão Fortaleza VR - Nelore  
Junho/2000



**CANAL RURAL**

Plantando Idéias

R. Manoel da Nóbrega, 1280 • 1º andar • Ibirapuera, SP  
CEP 04001-004 • Tel: (11) 3670-9100  
[www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br)



# O ESTOURO DA PIPOCA NO CAMPO

*Este cultivo alternativo ainda é inexpressivo no Brasil, pois o importado praticamente toma conta do mercado, mas tem potencial para tornar-se uma boa fonte de renda*

Adriana Langon

**E**mbora o milho pipoca não seja um produto com mercado ainda amplamente difundido, muitas empresas estão atentas a este nicho que tem tudo para 'estourar'. Pelo menos, é o que indicam os números. Dados extra-oficiais mostram que o consumo brasileiro deste produto chega a 70 mil toneladas, enquanto a produção fica em apenas 30 mil. Ou seja, não atingimos nem a metade da demanda dita 'crescente'. Tudo leva a crer que, ao optarem por este cultivo, os produtores têm grandes chances de se darem bem. Ou quem sabe, muito bem.

É o caso do produtor Ronaldo Ely. Ele não hesitou em apostar no milho pipoca há 18 anos e a sua opção deu certo. Hoje, os 3 hectares iniciais deram origem a 1,4 mil hectares dedicados a este cultivo, em áreas próximas ao município de São Jorge, localizado na região Nordeste do Rio Grande do Sul. "A minha alternativa foi justamente a de sair do senso comum", enfatiza. Um dos primeiros cuidados foi garantir a colocação do seu produto no mercado, para depois, sim, investir mais pesado na produção. Antes de firmar parceria com a Yoki Alimentos, com sede em Nova Prata/RS e braço forte em São Paulo, penou para associar-se a alguma empresa.

O conceito de qualidade da lavoura também se faz presente na planilha de custos. Com uma produtividade média de 3 mil quilos por hectare e um custo de produção na faixa de R\$ 700,00 por hectare, consegue obter um lucro líquido entre R\$ 300,00 a R\$ 400,00. Um dos responsáveis por esta lucratividade é que o produto está indexado ao dólar. Na última safra, por exemplo, recebeu R\$

22,00 pela saca de 60 quilos. E já para a próxima, o contrato foi fechado em US\$ 12,00. Atualmente, os investimentos de Ely estão concentrados na adaptação dos híbridos americanos.

**Integração** — A Yoki Alimentos está estimulando o cultivo no Nordeste do Rio Grande do Sul — região considerada ideal para o bom desenvolvimento do milho, no que se refere a clima, altitude e temperatura — com o apoio da Emater local. No total, cerca de 400 produtores integrados cultivam 8 mil hectares de milho pipoca. Segundo o gerente geral da unidade de Nova Prata, Ugues Luiz Cherubini, a empresa visa oferecer ao consumidor um produto nacional de alta qualidade, sem ficar atrás dos importados.

As sementes que são repassadas aos produtores são híbridos americanos que



podem alcançar uma produtividade média entre 4 e 5 mil quilos por hectare (com condições técnicas e climáticas favoráveis). O programa firmado com o Banco do Brasil (Convênio de Integração Rural — Cuvir) assegura o custeio da lavoura, enquanto a comercialização é garantida pela empresa. O agricultor paga R\$ 13,6 o quilo da semente recebida.

"Nós acreditamos neste mercado. Estamos investindo aqui e deixando cada vez mais de nos abastecer dos produtos americanos e argentinos", reforça Cherubini.

**Condições técnicas** — O engenheiro agrônomo do escritório municipal da Emater de Nova Prata/RS, Fernando da Silva, explica que o milho pipoca se adapta bem a regiões de clima subtropical — calor durante o dia e frio à noite, com altitudes próximas a 700 metros. A época mais indicada para o plantio é entre outubro e novembro, com a colheita começando no início de março e se estendendo até o final de maio. "Uma das vantagens deste cultivo é que necessita de menos água, cerca de 700 milímetros, pois a quantidade de palha é menor", acrescenta o técnico. Para ele, este produto é uma alternativa interessante para o produtor rural.

Iniciativas à parte, é bem verdade que o cultivo de milho pipoca é inexpressivo em se tratando de Brasil. "Não temos nem uma estimativa de área cultivada", diz João Carlos Garcia, da área econômica agrícola da Embrapa Milho e Sorgo, ao recordar que há 10 anos grande parte do produto comercializado era nacional e originário de Goiás e interior de São Paulo. Hoje, o quadro é bem diferente. De acordo com pesquisa realizada há um mês

*Ronaldo Ely encontrou na cultura uma possibilidade de sair do senso comum*





Fotos: Divulgação

## Embrapa lança nova variedade

Uma boa e nova opção para os produtores, ou até aos futuros interessados em iniciar neste cultivo, é a variedade BRS Angela, desenvolvida pela Embrapa. Conforme o pesquisador da área de melhoramento genético da Embrapa Milho e Sorgo, Cleo Antônio Pacheco, a população deste cultivar é um composto de milho pipoca, de grãos brancos, formada a partir de uma avaliação de 62 entradas do Banco Ativo de Germoplasma da Embrapa Milho e Sorgo para tolerância a doenças com enfezamentos e as foliares. Tem também como características diferenciadas uma produtividade média de 3 mil quilos por hectare e uma capacidade mínima de expansão 15 chegando a 26 (as importadas chegam a 33).

Pacheco esclarece que a caracterização de grãos brancos não afeta em nada a qualidade da pipoca. Muito pelo contrário. "Depois de estourar, temos uma pipoca mais branquinha, bonita e saborosa que as amarelas", argumenta ele. Outra vantagem da cor branca: "elas po-

dem servir como marcador genético, pois grande parte da produção vai ser utilizada como semente para o próximo plantio", explica.

Conforme o pesquisador, as variedades comerciais no mercado são a Zélia (da Pioneer) e a RS 20 (Agroeste), e em escala bem menor o IAC 112. "Praticamente não temos trabalhos tecnológicos no desenvolvimento de novos materiais. O maior problema é a competitividade com o material importado", analisa.

As dificuldades dos produtores não ficam restritas a estes pontos. O rigor aplicado a lavoura também serve para a colheita. "A pipoca não pode sofrer dano mecânico. O produtor deve colher os grãos como se estivesse colhendo uma lavoura destinada a produção de sementes. E ainda tem a fase de beneficiamento que também deve ser muito cuidadosa. O grão não pode sofrer dano no pericarpo, pois afeta a qualidade e a expansão", detalha o pesquisador. O padrão pode ser medido pela capacidade de expansão (volume de pipoca estourada sobre o volume de grãos utilizados). 

na Ceasa de Minas Gerais, o milho pipoca é praticamente importado em sua totalidade, principalmente da Argentina.

Contudo, reforça ele, o mercado tem potencial. E cita os dados da Ceasa de Belo Horizonte como base: em 1989 eram vendidas 433 toneladas de milho pipoca, enquanto que em 1999 as negociações saltaram para 1.435 toneladas.

# classigranja

## PEQUENOS ANÚNCIOS - GRANDES NEGÓCIOS

## PLANTADEIRA SEED-LINE

- Plantadeira de linha, hidráulica.
- Plantio direto.
- Planta soja, milho, feijão e sorgo.
- Para pequena propriedade.

TECNOLOGIA DE PONTA AO ALCANCE DO PEQUENO PRODUTOR



MODERNA - VERSÁTIL - RESISTENTE

CONSULTE O DEPARTAMENTO COMERCIAL



IRMÃOS THÖNNIGS LTDA.  
CARAZINHO - RS -

CEP 99500-000 - CX. Postal 270 - Telefax: (0xx54) 330-2300  
http: www.max.com.br - e-mail: max@annex.com.br



## SUPER GEVA 2060 COLHEDEIRA DE FORRAGEM

- Inédito sistema de corte
- Colhe até 30t/h
- Perfeita para aveia, avevem, sorgo, milheto e etc.
- Altura de corte de 3 a 30cm e largura de 1,95cm



Av. São Bento, 2905  
Fones: (54) 331-1051 e 331-1900  
CEP 99500-000 - CARAZINHO - RS

## Pluviômetro Tensiômetro pH Metro

Sr. Produtor:  
Quando o senhor vai aposentar o "botômetro"?  
Quando necessitar de instrumentos profissionais, ligue para SoilControl.

- |                  |                 |                  |
|------------------|-----------------|------------------|
| • PENETRÓGRAFO   | • GEOTERMÔMETRO | • CONDUTIVIMETRO |
| • TER. MAX. MIN. | • MON. UMIDADE  | • MONITORES      |
| • HIGRÔMETRO     | • ATMÔMETRO     | • GPS, Outros    |

PEÇA CATÁLOGOS E ORÇAMENTOS JÁ! Visite nosso Site  
www.soilcontrol.com.br  
Fone: (11) 251-1599 - Cel. 9916-1050 - Fax: 283-0516  
E-mail: soilcont@bbsiga.com.br - São Paulo/SP

**SoilControl**  
TECNOLOGIA EM INSTRUMENTOS AGRÍCOLAS DESDE 84

# classigranja

## PEQUENOS ANÚNCIOS GRANDES NEGÓCIOS

*Autorize já seu anúncio*

(11) 220-0488 - SP  
(51) 233-1822 - RS



# FESTA QUE SOBREPULOU E A POLÍTICA

*Apesar dos percalços, a maior feira agropecuária da América Latina — a Expointer 2000, que ocorreu de 26 de agosto a 3 de setembro, no Parque Assis Brasil, em Esteio/RS, não perdeu seu brilho especial e bateu recorde em faturamento*

Paulo Mendes

**E**ntre o ruído de expositores, burburinho de visitantes caminhando entre os pavilhões, som de alto-falantes e berros de animais, foi possível ouvir, no primeiro domingo da Expointer 2000 (27 de agosto), um grupo de peões cantando, acompanhados de gaita e violão, uma conhecida música gaúcha. “Não podemos se entregá pros home/ de jeito nenhum amigo e companheiro/ não tá morto quem luta e quem peleia/ pois lutar é a marca do campeiro.”

De certa forma, a canção simbolizou a feira que foi realizada sob o estigma da febre aftosa e que manteve os ânimos alterados em função de disputas ideológicas entre o governo do Estado, Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) e governo federal. Apesar disso, a Expointer 2000 comprovou ser um espetáculo grandioso, palco da pujança da pecuária do Sul do País e uma das principais mostras do setor na América Latina. Principalmente, uma grande festa de união entre o campo e a cidade.

Estado eminentemente agrícola e fundado com base na pecuária, a população urbana do Rio Grande do Sul mostra-se entusiasmada por feiras desse tipo. Muitos moradores da Capital são originários de cidades do interior ou do campo mesmo. Nestes eventos, têm a oportunidade de voltar no tempo, relembrar antigas





# IOU A AFTOSA

façanhas ou mostrar aos filhos e netos alguns aspectos da vida rural.

**Resultados positivos** — Os números de público, animais e negócios apresentados pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul comprovam isto. O público geral no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, foi de 364.633 pessoas, sendo 232.855 pagantes e 131.778 isentos. No ano passado, os números finais apontaram um público presente de 361.541, dos quais 276.761 pagantes. As vendas de animais também superaram a edição anterior em 22,73%. O faturamento da exposição foi de R\$ 2,116 milhões, com venda de 1.469 animais, para uma média de R\$ 1.440,00, contra um total de R\$ 1,724 milhão no passado. O caráter internacional da exposição pôde ser sentido através da presença de delegações do Uruguai, do Peru, da Inglaterra, da Alemanha, da Itália e da Holanda. Além disso, este ano, novamente, houve a presença dos agricultores familiares, que participaram ativamente através de suas entidades.

Os leilões tiveram grande movimentação de negócios, com bovinos, ovinos e eqüinos apresentando alta valorização, comprovando que a genética de ponta produzida no Estado consagrou sua liquidez e reconhecimento nacional.

**Máquinas agrícolas** — Comemorações de um lado, perdas de outro. O setor de máqui-

nas e implementos agrícolas faturou R\$ 15 milhões nos nove dias, 50% a menos do que no ano passado, quando a comercialização atingiu R\$ 30 milhões, a cifra que era esperada novamente para este ano. Segundo o vice-presidente do Sindicato das Indústrias de Máquinas e Implementos Agrícolas do Rio Grande do Sul (Simers), Claudio Affonso Amoretti Bier, os compradores não gostam de locais com grande circulação, preferindo outras feiras, mais técnicas e menos festivas como a Agrishow, em Ribeirão Preto/SP e a Expodireto, em Não-Me-Toque/RS. Além disso, há problemas localizados no Rio Grande do Sul, como a descapitalização dos produtores em função da queda nos preços do arroz e quebras nas lavouras de soja e milho.

Como as empresas utilizam a Expo-inter como uma ferramenta de divulgação e marketing, o Simers postula uma área específica, maior, para uma feira dinâmica. Com as máquinas em movimento, comprovando seus desempenhos, a meta é atrair o público comprador.

O gerente de Produto e Mercado da SLC-John Deere, José Luis Coelho, mostrou-se satisfeito com o atual mercado de tratores e colheitadeiras, observando que no ano passado foram produzidos, entre todos os fabricantes, 21 mil tratores e 3.200 colheitadeiras. "Este ano o mercado vai produzir 10% mais", garantiu, acrescentando que a empresa, como um todo, deverá aumentar 28% suas vendas. No segmento de colheitadeiras, Coelho lembrou que o mercado deve apresentar um crescimento médio de 8,9%, sendo que a SLC pretende ficar 1,2% acima deste patamar. A AGCO, que fez um investimento de R\$ 150 mil na mostra, com uma área de 3.600 metros quadrados, está otimista com a exportação de 700 tratores da marca Massey Ferguson para os Estados Unidos. "Conseguimos entrar no mercado americano por mérito de qualidade e produtividade", comemorou o di-

retor comercial da empresa, Normélio Ravanello, ao ressaltar que a AGCO detém 32,1% do mercado de tratores no Brasil.

A Semeato, fabricante gaúcha de colheitadeiras, também coloca-se entre as empresas que querem uma dinâmica para incrementar as vendas. "Tivemos um desempenho de vendas apenas satisfatório, mas a participação em mostras é importante para divulgarmos os produtos", destacou o gerente de Desenvolvimento e



Fotos: A Granja





**Manifestações: a Expointer 2000 por pouco não vira palco de batalha**

Fotos: Leandro Cabral

Mercado, Eduardo Copetti.

Apesar dos bons resultados do setor, o entusiasmo do pessoal da New Holland não foi tão grande, principalmente com as dificuldades enfrentadas pelos arrozeiros gaúchos. A cultura, conforme explicou o diretor comercial da empresa, Francesco Pallaro, é responsável por 50% das vendas na feira.



**Bier:** o setor de máquinas reivindica uma área para dinâmica



**Pratini:** verba será aplicada em tecnologia e na produção integrada

## CONFRONTO

A descoberta de focos da febre aftosa no município de Jóia/RS (mais tarde foram detectados focos em mais três municípios da região, Augusto Pestana, Eugênio de Castro e São Miguel das Missões) a três dias do início da feira, acabou acirrando ainda mais os ânimos na feira, principalmente entre o governo do Estado, Farsul e governo federal. A aftosa foi a tônica de grandes discussões durante o evento, o assunto constante nas rodinhas de produtores rurais.

No dia da inauguração oficial, 1º de setembro, a solenidade, sempre marcada por discursos amenos e desfiles dos

grandes campeões, ganhou contornos perigosos na tribuna, onde estavam o governador Olívio Dutra, o secretário da Agricultura, José Hermeto Hoffmann, o presidente da Farsul, Carlos Sperotto, o ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, entre outras autoridades, e se estendeu à platéia. Entre o público, representantes de sindicatos rurais, ginetes e produtores que davam apoio à Farsul e ao ministro, lado a lado com um grupo de manifestantes do Movimento Sem-Terra e de pequenos agricultores que vaiavam o ministro e gritavam o nome do governador.

**Safra 2000/2001** — O ministro Pratini de Moraes, que desfilou quase todos os dias pelo parque e aproveitou a Expointer para anunciar mais recursos para a safra de verão, lançou o Programa de Desenvolvimento da Fruticultura, que dividiu o País em 30 diferentes pólos de produção de frutas. Deverão ser investidos R\$ 130 milhões até o final de 2003. A intenção é criar uma infraestrutura tecnológica para dar qualidade e competitividade ao setor e ampliar as exportações. “Trata-se de um segmento estratégico para um País tropical como o Brasil e bastante viável para as pequenas e médias propriedades”, disse o ministro. No ano passado, o Brasil vendeu ao exterior 435 mil toneladas de frutas, com faturamento de US\$ 169,1 milhões. A previsão para este ano é de que o volume chegue a 500 mil toneladas e as vendas atinjam o total de US\$ 200 milhões.

**Impasse** — No encerramento da Expointer 2000, dia 3 de setembro, as conclusões no geral foram positivas, embora o distanciamento entre governo e produtores tenha sido mantido, até mesmo na hora de divulgar resultados. O presidente da Farsul, Carlos Sperotto, declarou que, apesar da aftosa e do episódio lamentável promovido pelos sem-terra, os produtores gaúchos mostraram o desenvolvimento e a qualidade dos produtos do Estado. Em outra entrevista coletiva, o secretário da Agricultura, José Hermeto Hoffmann, concluiu que a Expointer fechava “com chave de ouro, batendo todos os recordes de vendas e de público”. Apesar das divergências e confrontos, não foram registrados incidentes durante os nove dias de evento.





# Valmont e Dryeration conquistam Prêmio Gerdau

Luciana Radicione

A 18ª edição do Prêmio Gerdau Melhores da Terra, distinção que reconhece produtos e tecnologias importadas e nacionais disponíveis ou em fase de lançamento no Brasil, entregou neste ano o Troféu Ouro aos equipamentos desenvolvidos pelas empresas Valmont Indústria e Comércio Ltda, de Uberaba/MG, e pela Dryeration — Indústria, Comércio e Projetos Ltda, de Porto Alegre/RS.

Eleito na Categoria Destaque, o equipamento de irrigação Pivot Central Valley 8000, da Valmont, incorpora modernos sistemas de controle eletro-eletrônicos e de automação que dão ao produto um deslocamento uniforme sem desalinhamentos, muito frequentes neste tipo de equipamento. A escolha do Pivot Central se deu principalmente pela constatação do uso racional dos recursos hídricos e do solo nas diferentes regiões do Mercosul.

O equipamento da Valmont é 70% nacionalizado. O Pivot Central já foi comercializado para 1.100 produtores ru-

rais brasileiros, principalmente do norte de São Paulo, Nordeste semi-árido, Minas Gerais e Mato Grosso. A capacidade do Pivot Central é de atuar em áreas entre 30 a 140 hectares, dependendo das condições do terreno. O custo médio do equipamento, em uma área de 80 hectares, é de R\$ 150 mil, sendo mais indicado para as culturas de milho, café, áreas de bovinocultura, tomate e melão.

Na Categoria Novidades, o Troféu Ouro foi concedido ao Dryexcel, Secador para Sementes da Dryeration. O equipamento seca sementes de soja, feijão e milho. A máquina utiliza o princípio da secagem estática, sem a movimentação da massa de grãos, garantindo características como a uniformidade, rapidez da operação, menor consumo de energia e a manutenção da integridade das sementes. O tempo de secagem pode baixar em até um quarto do gasto em sistemas convencionais utilizados para sementes de soja, reduzindo a potência instalada em, no mínimo, 50%. 



## Equipamentos premiados

### Categoria Destaque

Troféu Ouro — Equipamento de irrigação Pivot Central Valley 8000 — Valmont Indústria e Comércio Ltda — Uberaba/MG

Troféu Prata — Plataforma de corte para milho — Indústria Implementos Agrícolas Vence Tudo — Ibirubá/RS

Troféu Prata — Cerca elétrica — Kit Solar Peon 40 km — Cipolatti Argentino y Otros — Santa Fé/Argentina

### Categoria Novidade

Troféu Ouro — Dryexcel secador para sementes — Dryeration Ind. Com. e Projetos Ltda — Porto Alegre/RS

Troféu Prata — Descascador de Mamona — Projeto Mamona/Parobrás — Camaquã/RS

Troféu Prata — Pannel digital programável para pivot central — Fockink Indústrias Elétricas Ltda — Panambi/RS

### Prêmio Especial Equipamento Importado

Pulverizador Autopropelido SPRA Coupe 3640 — ESP — AGCO do Brasil — Uberaba/MG

Leia mais sobre pecuária nesta edição da AG Leilões

## Congressos e Feiras 2000/2001

### LATICOM 2000

FEIRA DE PRODUTOS E SERVIÇOS  
PARA LATICÍNIOS E CONGELADOS  
3 À 6 DE OUTUBRO/2000  
PORTO ALEGRE

### 1<sup>th</sup> HORTI-FRUTI

INTERNATIONAL FRUIT AND  
HORTICULTURE EXIBITION  
4 À 8 DE OUTUBRO/2000  
CENTRO DE EXPOSIÇÕES  
IMIGRANTES  
SÃO PAULO - SP

### EXPOMILK 2000

FEIRA INTERNACIONAL DA  
CADEIA PRODUTIVA  
DO LEITE E EXPOSIÇÃO NACIONAL  
DA PECUÁRIA LEITEIRA  
25 À 29 DE OUTUBRO/2000  
CENTRO DE EXPOSIÇÕES IMIGRANTES  
SÃO PAULO - SP

### FEIPESCA 2000

7<sup>th</sup> INTERNATIONAL FISHING, HUNTING,  
SPORT AND LEISURE EQUIPMENT FAIR  
24 À 29 DE OUTUBRO/2000  
EXPO CENTER NORTE  
SÃO PAULO - SP



**VARIG** Brasil

A NOSSA COMPANHIA AÉREA.

A STAR ALLIANCE MEMBER 

Central de reservas VARIG: (51) 358-7999 ou 0800-997000  
Loja Porto Alegre: Rua dos Andradas, 1107 - Centro  
Fone: (51) 210-3907 - E-mail: varigsk1@zaz.com.br  
ou consulte seu agente de viagens



# a granja

A REVISTA DO  
LÍDER RURAL

---

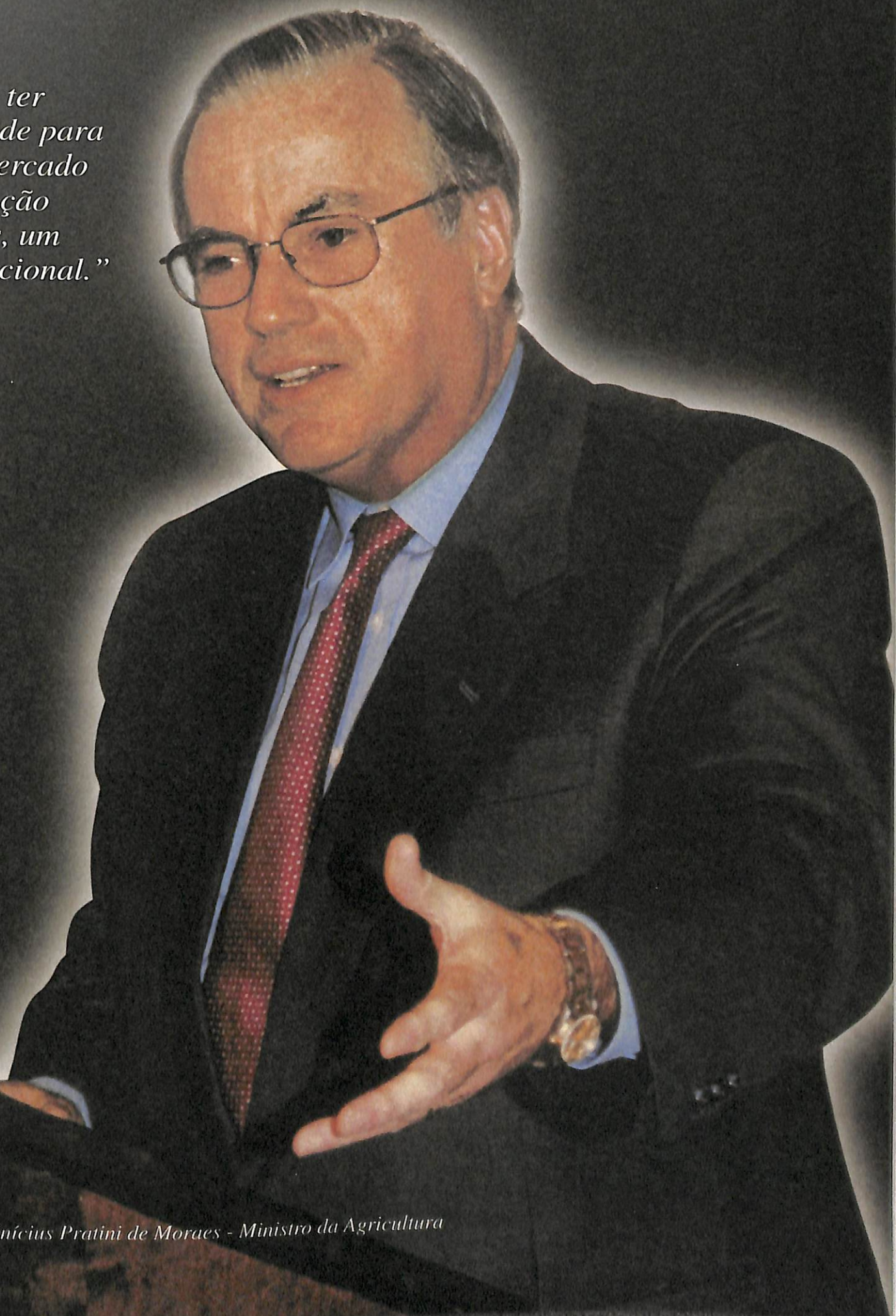
*Uma revista sempre na frente do seu tempo.*



*Em plena 2ª Guerra Mundial nasceu A GRANJA.  
Há 55anos.*



*“É preciso ter credibilidade para estar no mercado de informação há 55 anos, um recorde nacional.”*



*Marcus Vinícius Pratini de Moraes - Ministro da Agricultura*





# HOMENAGE

*Autoridades federais e estaduais,  
ao lado das principais lideranças  
do setor primário, prestigiaram,  
em noite especial, a cerimônia de  
entrega do troféu  
Destaque A Granja do Ano 2000  
aos 25 expoentes  
do agribusiness nacional*

*Texto: Paulo Mendes*

*Fotos: Antônio Sanches, Leandro Cabral e Ricardo Rímoli*





# M AO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

**N**o ano em que completou 55 anos, a importância e o prestígio da revista **A Granja** junto ao agribusiness brasileiro foi novamente comprovado, na noite de sexta-feira, dia 1º de setembro, no auditório da Farsul, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio/RS, durante a Expointer 2000. Com o salão completamente lotado, realizou-se a ceri-

mônia de entrega do troféu **Destaque/2000 — A Granja do Ano** para 25 segmentos da agropecuária nacional, na presença de autoridades, criadores, produtores, pesquisadores, técnicos e representantes das mais importantes empresas do agronegócio do País. O evento se constituiu em um dos mais concorridos da exposição, com a presença de dezenas de

convidados, que foram recepcionados com um coquetel nas dependências da Farsul.

Entre as autoridades presentes estavam o ministro da Agricultura e do Abastecimento, Marcus Vinícius Pratini de Moraes; o deputado federal Nelson Marchezan; o presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), Luis Suplicy Hafers; o secretário de Política Agrícola do Ministério da







*Mesa das autoridades (da esq. para a dir.): presidente da Federasul, Humberto Ruga; presidente da Farsul, Carlos Sperotto; ministro da Agricultura, Pratini de Moraes; diretor-presidente da revista A Granja, Hugo Hoffmann; deputado federal, Nelson Marchezan; presidente da SRB, Luiz Haffers e o ex-ministro da Agricultura, Alysso Paulinelli*

Agricultura, Benedito Rosa do Espírito Santo; o ex-ministro da Agricultura, Alysso Paulinelli; o presidente da Federação das Associações Empresariais do Rio Grande do Sul (Federasul), Humberto Ruga; e o presidente da Federação da Agricultura no Rio Grande do Sul (Farsul), Carlos Sperotto e o delegado do Ministério da Agricultura e do Abastecimento no Rio Grande do Sul, Odalniro Dutra. As autoridades foram convidadas a entregar os prêmios aos representantes dos 25 segmentos escolhidos.

Como é de praxe desde 1986, os milhares de leitores da revista, espalhados por todos os rincões do País, escolheram os homenageados através do voto direto. Foram lembrados pecuaristas, agricultores, técnicos e empresas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais e Distrito Federal. Trata-se de um time de primeira linha e que representa o que existe de mais avançado na indústria, pesquisa, produção de grãos e animal. Nestes 15 anos de **A Granja**, apenas três empresas — Purina, Kepler Weber e AGCO — repetiram o ritual da busca do troféu pela décima quinta vez. “Este ano fomos homenageados pela Assembléia Legislativa, onde todas as bancadas dos diferentes partidos se pronunciaram, o que nos deixou muito emocionados”, disse o diretor-presidente da Editora Centaurus, Hugo Hoffmann. Acrescentou que, um dos deputados, Érico Ribeiro, atualmente dirigente da Cooperativa Extremo Sul, vencedora pela décima quarta vez do troféu **Destaque 2000** — **A Granja do Ano**, usou, naquela ocasião, uma frase que agora gostaria de transferir para os 25 vencedores: “O sucesso é uma maratona, não uma prova de velocidade e os anos me ensinaram que quando há crise, muitos suspiram e outros tantos



*Ministro Pratini ao lado de Hugo Hoffmann, comenta o fato ímpar da festa reunir tantos líderes em um mesmo local*

conspiram. Mas só vencem os que transpiram”. De acordo com Hugo Hoffmann, os vencedores receberam um justo e merecido prêmio, pois “transpiraram e continuam transpirando, dia-a-dia, mês a mês, ano a ano, no permanente trabalho de planejar, construir e prestar serviços de qualidade superior.

**Reconhecimento** — Em nome dos agraciados, o presidente da Embrapa, Alberto Duque Portugal, ressaltou ter recebido com muita satisfação a distinção de representar os 25 agraciados. “Esta escolha tem um significado especial, pois a Embrapa retrata a mediação entre o público e o privado”, enfatizou Portugal. Ele

ainda lembrou que a ciência, a tecnologia e a educação são importantes para diminuir a diferença entre países ricos e países pobres. O dirigente observou que o setor agropecuário passa por um profundo ajuste, com um forte crescimento da importância do papel da comunicação. Portugal salientou que a agricultura não pode ser considerada uma moeda de troca, pois trata-se de um setor estratégico e fundamental. “Por isso precisamos melhorar a comunicação no setor agropecuário e ajudar o desenvolvimento da lavoura e da pecuária”, concluiu Portugal.

**Desafios** — O ministro da Agricultura e do Abastecimento, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, mostrou-se satisfeito em participar novamente da cerimônia. Segundo ele, está difícil acompanhar as mudanças na área tecnológica, com modificações na logística e no aumento dos volumes de comercialização. “Este é o desafio da revolução da tecnologia da informação, com o desenvolvimento do computador e da biotecnologia”, salientou. Pratini de Moraes, que teve uma agenda intensa na Expointer 2000, disse que é gratificante reunir, em um único local, tantos líderes do agronegócio. Entusiasmado, o ministro convidou os premiados a seguirem trabalhando em prol do Brasil. “Mantenham a coragem, vamos construir uma Nação melhor”, pediu o ministro.

*Portugal falou em nome dos homenageados*







*O representante da Batavo, Leendert de Boer, recebe do deputado federal Nelson Marchezan, o troféu Destaque Pecuária de Leite*

*O diretor da Agropecuária CFM, David Makin, recebe o troféu Destaque Pecuária de Corte do presidente da Farsul Carlos Sperotto*



*Daniel Anzanello, da Cabanha Santa Edwiges, recebe o troféu Destaque Eqüinos, do ministro da Agricultura, Pratini de Moraes*

*Armando Garcia de Garcia recebe das mãos do presidente da SRB, Luiz Haffers, o prêmio Destaque em Ovinocultura*

*Leucir Merlo, da Sadia, recebe de Humberto Ruga, presidente da Federasul, o Destaque Suinocultura*



*Alexandre Sezimbra, da Purina, recebe do ex-ministro da Agricultura Allyson Paulinelli, o troféu Destaque Nutrição Animal*





*Luiz Luccas, da Merial, recebe o Destaque Defensivos Animais das mãos do secretário de Política Agrícola do MA, Benedito Rosa do Espírito Santo*



*Geraldo Davanzo, da Pionner, recebe o Destaque Sementes do presidente da Farsul, Carlos Sperotto*



*Marcelo Rossatto, da Semeato, recebe do presidente da SRB, Luiz Haffers, o Destaque Implementos de Preparo de Solo*

*Normélio Ravanello, da AGCO, recebe o troféu Destaque Tratores, do deputado federal Nelson Marchezan*

*Manuel Lira, da Fertilizantes Serrana, recebe o troféu Destaque Adubos e Corretivos, do presidente da Federasul, Humberto Ruga*



*Francesco Pallaro, da New Holland, recebe do ex-ministro Alysson Paulinelli, o Destaque Máquinas de Colheita*





12 de outubro - Dia do Agrônomo.  
Homenagem da Manah ao agrônomo que toda criança é.

speyer:moses

com  
**MANAH**  
adubando dá!  
www.manah.com.br



12 de outubro - Dia da Criança.  
Homenagem da Manah à criança que todo o agrônomo foi.





*Gilberto Schiavinatto, da Aventis, recebe o troféu Destaque Defensivos Agrícolas do delegado do MA no Rio Grande do Sul, Odalniro Dutra*

*Marcus Schmidt, da Valmont, recebe o troféu Destaque Sistema de Irrigação do secretário de Política Agrícola, Benedito Rosa do Espírito Santo*



*Othon d'Eça Cals de Abreu, da Kepler Weber, recebe o troféu Destaque Silos e Armazenamento do delegado do MA no Rio Grande do Sul, Odalniro Dutra*



*Herivelto de Souza, da Ford do Brasil, recebe das mãos do ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, os troféus Destaque Caminhões e Picapes*

*Milton Martins Moraes, representante da Cooperativa Extremo Sul, recebe do presidente da Farsul, Carlos Sperotto, o troféu Destaque Produtor de Arroz*



*Zeferino Riboldi, da Cooperativa Vinícola Aurora, recebe o Destaque Produtor de Vinho, do presidente da Federasul, Humberto Ruga*





*Jorge Luiz Logemann, da Agropecuária Schneider Logemann, recebe o troféu Destaque Produtor de Milho, do deputado federal Nelson Marchezan*



*João Tadeu Vino, representante da Sementes Maggi, recebe o Destaque Produtor de Soja, do ministro da Agricultura Pratini de Moraes*



*Alberto Portugal, da Embrapa, recebe das mãos do ex-ministro da Agricultura, Allyson Paulinelli, o troféu Destaque Pesquisa Agropecuária*

*Alfredo Lang, da Coopervale, recebe o troféu Destaque Produtor de Trigo, do presidente da SRB, Luiz Haffers*

*Sergio Luiz Panceri, da Coamo, recebe o troféu Destaque Cooperativismo, do secretário de Política Agrícola, Benedito Rosa do Espírito Santo*



*Antônio Carlos Lopes, representante do Banco do Brasil, recebe o troféu Destaque Banco, das mãos do secretário do MA do RS, Odalino Dutra*



# SÃO PAULO ROMPE CONVÊNIO SANITÁRIO

*Fundepec discorda da ampliação das regras para suínos e aves, e parceria de oito anos com o governo do Estado é desfeita*

Luciana Radicione

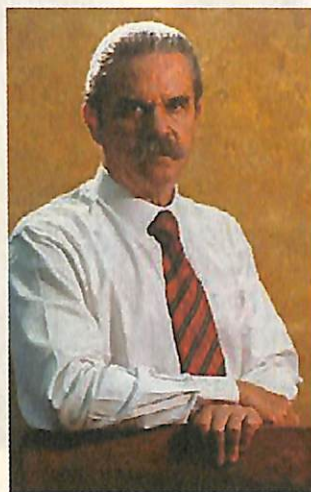
**A** polêmica em torno da destinação de recursos para o combate à febre aftosa não se restringiu apenas ao Rio Grande do Sul. Em São Paulo, o governo está alterando o convênio que há oito anos mantém com a iniciativa privada, na administração do Fundo de Desenvolvimento da Pecuária do Estado de São Paulo (Fundepec). O fundo, criado em 1991, tem como objetivo principal o trabalho de erradicação da febre aftosa no rebanho paulista, a partir do recolhimento de R\$ 0,93 por animal abatido.

Segundo o presidente do Fundepec, Pedro de Camargo Neto, a parceria foi suspensa com a decisão do governo de elaborar o projeto de lei 377/00 que estende o controle sanitário para outras espécies, como suínos e aves. A idéia, conforme as modernas regras internacionais de controle sanitário, é ampliar a parceria para que outras doenças, como a peste suína clássica e a doença de newcastle possam ser erradicadas, e não apenas a febre aftosa, conforme explicou o secre-

tário da Agricultura de São Paulo, João Carlos de Souza Meirelles. Neto, do Fundepec, acredita que a saída da entidade da parceria não irá comprometer a qualidade da pecuária paulista, que há cerca de quatro anos não apresenta focos da febre aftosa, embora o governo mantenha o convite para que o Fundepec integre a lista de parceiros no controle sanitário da agropecuária.

Com um rebanho bovino de 12 milhões de cabeças, o Estado de São Paulo conquistou, em maio deste ano, a condição de Zona Livre de Febre Aftosa com Vacinação junto com os demais Estados que formam o Circuito Centro-Oeste. “Esperamos que o governo saiba manter esta condição”, afirma o presidente do Fundepec. De acordo com ele, se for mantida a atual intensidade da fiscalização, dificilmente São Paulo irá registrar focos da doença. “A cobertura vacinal é extremamente importante, pois recebemos muito gado de fora, especialmente do Centro-Oeste”, salienta. Dados da Fundepec informam que cerca de dois milhões de animais ingressam por ano no Estado vindos do Cerrado.

Para manter a atual condição sanitária, o governo de São Paulo já realizou neste ano duas vacinações contra a febre aftosa. A primeira, ocorrida em fevereiro, atingiu os animais com até um ano de idade. Em maio, a cobertura vacinal se estendeu aos 4,8 milhões de cabeças de gado com até dois anos. A próxima imunização irá ocorrer em novembro, com a totalidade do rebanho recebendo a vacina contra o vírus. Antes mesmo da conquista da nova condição sanitária junto à OIE, São Paulo já se destacava nas exportações de carne. Só no ano passado



Meirelles: erradicação também será direcionada para a peste suína clássica e doença de newcastle



Neto: esperamos que o governo saiba manter a condição conquistada

os embarques geraram uma receita de US\$ 496 milhões ao setor, do total de US\$ 840 milhões obtidos em todo o Brasil. Segundo Meirelles, neste ano as exportações brasileiras de carne deve chegar a US\$ 1 bilhão, equivalentes a 650 mil toneladas de carne. No entanto, o secretário paulista enfatiza que tão importante quanto mercado externo, é o mercado interno. “Os dois precisam ser trabalhados da mesma forma”, diz.

São Paulo está realizando uma intensa fiscalização nas estradas interestaduais e federais, através de sua Coordenadoria de Defesa Agropecuária (CDA). O objetivo é restringir o trânsito de carne bovina com osso, provenientes de alguns frigoríficos, especialmente do Mato Grosso do Sul. De acordo com a CDA, a restrição será suspensa quando os estabelecimentos se enquadrarem nas normas do Circuito Pecuário Centro-Oeste.

**Fesa** — Enquanto isso, no Rio Grande do Sul, a Assembleia Legislativa aprovou a criação do Fundo Estadual de Sanidade Animal (Fesa). De caráter público, o fundo será gerido por uma comissão ainda não definida. Os recursos que irão formar o fundo serão oriundos do Tesouro do Estado, da União e do recolhimento de taxas junto aos produtores de bovinos, suínos, ovinos, aves e abatedouros. A aprovação do Fesa ocorreu de forma emergencial, para que os produtores gaúchos que tiveram seus animais eliminados em função dos focos de aftosa, pudessem ser indenizados pelo governo. Até o fechamento desta edição, haviam sido sacrificados 6.656 exemplares.







## Os campeões da terra.

O Prêmio Gerdau Melhores da Terra existe há 18 anos para incentivar a pesquisa tecnológica da indústria de máquinas e implementos agrícolas. E hoje é a maior premiação do setor na América Latina.

Os equipamentos são avaliados em duas categorias: Destaque e Novidade. Para cada uma delas é entregue um troféu ouro e dois prata. A categoria Novidade revela a melhor inovação tecnológica entre os produtos lançados no mercado, depois do encerramento da Expointer de 1999. Enquanto que a categoria Destaque, premia a melhor tecnologia disponível no mercado há mais de um ano.

A avaliação dos concorrentes na categoria Destaque é feita por uma Comissão Julgadora formada por 10 especialistas em mecanização agrícola, que visita propriedades rurais em várias regiões do Brasil e do Mercosul. O laudo dessa avaliação é enviado às empresas participantes do Prêmio com o objetivo de colaborar no processo de aprimoramento de produtos e serviços do setor. As máquinas agrícolas vencedoras desfilam durante a abertura oficial da Expointer na pista central do Parque de Exposições Assis Brasil.

**Prêmio Gerdau Melhores da Terra**  
HÁ 18 ANOS INCENTIVANDO A INDÚSTRIA DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS  
Expointer 2000

### **Categoria Destaque**

#### **Troféu Ouro**



**valmont**  
IRRIGATION

— Valmont Ltda.  
Equipamento de irrigação -  
Pivot Central Valley 8000  
Cidade: Uberaba/MG

#### **Troféu Prata**



**PEON**  
CERCAS ELÉTRICAS

— Cipolatti Argentino y Otros  
Cerca elétrica - Kit Solar Peon 40km  
Cidade: Sunchales  
Santa Fé - Argentina

#### **Troféu Prata**



**VENCE TUDO**

— Vence Tudo Ltda.  
Plataforma de Corte para Milho  
Cidade: Ibirubá/RS

### **Categoria Novidade**

#### **Troféu Ouro**



**DRY**  
DRYERATION

— Dryeration Ltda.  
Dryexcel-Secador  
para Sementes  
Cidade: Porto Alegre/RS

#### **Troféu Prata**



**PAROBRAS**  
IND. EQUIP. AGRÍCOLAS

— Projeto Mamona/Parobrás  
Descascador de Mamona  
Cidade: Camaquã/RS

#### **Troféu Prata**



**GRUPO FOCKINK**  
DIVISÃO IRRIGAÇÃO

— Fockink Ltda.  
Painel Digital Programável  
para Pivot Central  
Cidade: Panambi/RS

#### **Prêmio Especial para Equipamento Importado**



**AGCO**

— AGCO do Brasil  
Pulverizador Autopropelido  
SPRA COUPE 3640 - ESP  
Cidade: Canoas/RS

**2000**  
**expointer**  
Agrupamento de desenvolvimento e foz Grande

**Estado do Rio Grande do Sul**  
Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento

**GERDAU**  
NOSSO PRODUTO É AÇO. NOSSO FORTE É VOCÊ.

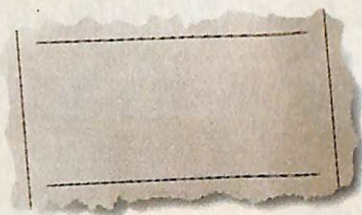
[www.melhoresdaterra.com.br](http://www.melhoresdaterra.com.br)



**30% mais barato\*** • A maior circulação do Estado • Encartado no jornal e entregue a todos os assinantes sem custo adicional • Apenas **R\$ 1,00** nas bancas • Agentes em todos os municípios do interior • Cartão do Assinante dá descontos para quem anuncia

**Todos os sábados, seção de agronegócios.**

**Informática • Empregos • Veículos • Imóveis • Diversos • Agronegócios**



3 linhas por apenas **R\$ 9,90.**

**A área  
produtiva  
mais barata  
do Estado.**

Assinaturas em dia concorrem  
a 36 prêmios e a

**3 carros  
todo mês.\*\***

*classificados*  
**CORREIO DO POVO**

*Os Classificados de todo o Rio Grande.*

**Ligue e anuncie  
(51) 216.16.16  
ou procure o agente  
da sua cidade**



## “MÉRITO FITOSSANITÁRIO” PARA DISTRIBUIDORES



**A** Associação Nacional dos Distribuidores de Defensivos Agrícolas e Veterinários (ANDAV) está lançando o “1º Prêmio ANDAV/ANDEF Mérito Fitosanitário dos Canais de Distribuição”. O objetivo é encorajar, incentivar e

reconhecer os canais de distribuição e seus colaboradores no sentido de treinar e conscientizar a comunidade rural em relação a importância do uso correto e seguro de produtos fitossanitários, a proteção da saúde humana e do ambiente.

HOMENAGEM  
DA  
FITOPATOLOGIA  
À ANDEF

Pág. 2

ANDEF PARTICIPA  
DE REUNIÃO  
ANUAL  
DO ACRC

Pág. 3

DEFENSIVOS  
GENÉRICOS  
E SAÚDE  
PÚBLICA

Pág. 4



# HOMENAGEM DA FITOPATOLOGIA À ANDEF

O engenheiro agrônomo Carlos Marçal Zuppi da Conceição, Secretário do CETUS/ANDEF, foi homenageado durante o XX-XIII Congresso Brasileiro de Fitopatologia, em Belém, PA, de 6 a 11 de agosto, “em reconhecimento pela importante contribuição prestada à fitopatologia brasileira”. Nas palavras de Dinaldo Trindade, Presidente do Congresso, “a homenagem prestada pela Sociedade Brasileira de Fitopatologia reflete o estreito relacionamento que Marçal vem tendo com a região amazônica desde quando ele trabalhava em sua base no Recife e nos visitava promovendo as soluções químicas para os problemas das doenças das plantas. Hoje, como representante da ANDEF, ele continua muito próximo e prestando todo apoio às atividades da fitopatologia, justificando a decisão tomada pela Sociedade”.

O XXXIII Congresso colocou em discussão as doenças de culturas tropi-

cais perenes, preocupação maior daqueles que trabalham em uma região que produz 90% de toda a pimenta-do-reino brasileira e 80% da produção de dendê, destacando-se ainda na produção de abacaxi, maracujá, banana e côco. Sobre o evento, Dinaldo comenta: “Superou todas as expectativas, reunindo 550 participantes (a expectativa era de 400), apresentando 700 trabalhos e 6 palestras internacionais. Contou ainda com forte participação do Ministério da Agricultura, dis-



Nilceu Nazareno (à esquerda), presidente da Sociedade Brasileira de Fitopatologia (SBF), entrega placa a Marçal Zuppi

cutindo aspectos relacionados ao Mercosul, algo que enriqueceu sobremaneira as atividades desenvolvidas”.

## “MÉRITO FITOSSANITÁRIO” PARA DISTRIBUIDORES

A Associação Nacional dos Distribuidores de Defensivos Agrícolas e Veterinários (ANDAV) está lançando o “1º Prêmio ANDAV/ANDEF Mérito Fitossanitário dos Canais de Distribuição”. O objetivo é encorajar, incentivar e reconhecer os canais de distribuição e seus colaboradores no sentido de treinar e conscientizar a comunidade rural em relação à importância do uso correto e seguro de produtos fitossanitários, a proteção da saúde humana e do ambiente.

“Trata-se de uma iniciativa de incentivo e reconhecimento aos distribui-

dores brasileiros que vai reconhecer àqueles que se destaquem no trabalho de treinamento do agricultor brasileiro, visando o uso correto e seguro dos defensivos agrícolas, nos aspectos de manipulação e aplicação, transporte e armazenagem bem como na destinação final das embalagens vazias”, explica o engenheiro agrônomo Henrique Mazotini, Secretário Executivo da ANDAV.

O canal de distribuição, associado à ANDAV, e um profissional em atividade no campo poderão ser inscritos, apresentando todos e quaisquer tipos de trabalho de difusão técnica e de conhe-

cimentos realizados durante o ano 2000, junto à comunidade rural em qualquer parte do país, desde que sejam efetivamente relacionados ao uso correto e seguro dos produtos fitossanitários. As inscrições serão confirmadas a partir do recebimento dos trabalhos até 21 de fevereiro de 2001, na sede da ANDAV - Rua Cel. Quirino, 127 - Cambuí, Campinas/SP - CEP 13025-000. IMPORTANTE: vale a data de postagem até 15 de fevereiro de 2001. Os prêmios: Placas de Menção Honrosa às revendas e uma viagem com acompanhante ao profissional vencedor.

### CURTOS

#### CLIMA PODERÁ SER ALIADO DO AGRICULTOR

O clima poderá ser um dos aliados dos agricultores do Centro-Sul brasileiro, com a previsão de chuvas mais regulares, nas próximas décadas, feita por Expedito Rebello, chefe da Divisão de Meteorologia Aplicada do Instituto

Nacional de Meteorologia (Inmet). A conclusão fundamenta-se em dois fatos: as águas do Pacífico Equatorial estão esquentando, com a volta do El Niño, e as chamadas Oscilações Decadais do Pacífico, que potencializará os efeitos do El Niño. Como as chuvas devem se estender até maio, o agricultor deve antecipar o plantio, enquanto

a continuidade das precipitações e o inverno menos rigoroso beneficiarão a quem apostar na safrinha. Para o Nordeste, entretanto, o meteorologista prevê situação crítica de seca. No entanto, para o coordenador do grupo de estudos de clima do Inpe, José Antônio Marengo, ainda é cedo para a confirmação da existência do El Niño.



# ANDEF PARTICIPA DE REUNIÃO ANUAL DO ACRC

A convite da Associação Latino-Americana de Proteção de Cultivos (LACPA), à qual é associada, a ANDEF esteve participando dia 13 de setembro, em Washington, DC, da Reunião Anual do Conselho de Pesquisa de Embalagens em Agricultura (ACRC), uma organização sem fins lucrativos criada em 1992 com o objetivo de promover a coleta e reciclagem de embalagens sob a égide do uso correto e seguro dos produtos e da defesa do ambiente.

“Nossa participação incluiu uma apresentação sobre o grande programa brasileiro de destinação final de embalagens vazias de defensivos agrícolas, bastante elogiado pelos participantes, bem como a busca de subsídios capazes de enriquecer alguns aspectos do que está sendo feito no Brasil”, explica o Diretor de Projetos Ambientais da ANDEF, engenheiro agrônomo Carlos Albert.

Nos Estados Unidos, a partir do esforço pioneiro de diversas empresas produtoras de defensivos agrícolas, o ACRC vem desenvolvendo uma efetiva ação de larga escala nacional-

mente, atuando nos planos estaduais e locais, algo semelhante ao que a ANDEF vem realizando aqui com o apoio de Estados e Prefeituras. O Conselho trabalha em estreita parceria com as agências regulamentadoras, departamentos de agricultura e recursos naturais e com a Agência de Proteção Ambiental (EPA), agregando o máximo de forças no intuito de solucionar o problema das embalagens no país.

“Nos principais Estados norte-americanos, os agricultores utilizam cerca de 18 mil toneladas por ano de embalagens plásticas de defensivos agrícolas e o programa funciona de modo bem semelhante ao nosso, com a lavagem apropriada

dos recipientes e a inspeção antes de sua aceitação para reciclagem, que é terceirizada mas opera sob rigorosos padrões estabelecidos pelo ACRC no sentido de proteger a saúde de todos aqueles envolvidos no processo”, diz Carlos Albert.

Nos Estados Unidos, as embalagens plásticas de polietileno de alta densidade já estão servindo para a produção de madeira plástica, tubos de drenagem, “pallets”, mourões de cerca, base de assoalho de carroçaria de caminhão, recipientes para acomodação de lixo perigoso e outras aplicações. Algo que logo poderemos estar fazendo no Brasil, além dos atuais conduítes corrugados destinados à construção civil.



“Pallets” fabricados com plástico de defensivo reciclado

## UNICAMP CONTRA A VASSOURA-DE-BRUXA

Pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) vão mapear o DNA do *Crinipellis pernicioso*, praga mais conhecida como vassoura-de-bruxa, buscando encontrar uma fórmula para impedir o avanço da

doença que há duas décadas vem atacando plantações de cacau. O estudo, que conta com a participação do Fundecau e da Embrapa, deve ser concluído em 2 anos.

## FENAR'2000

A Federação de Agricultura de Per-

nambuco realizará, de 8 a 11 de novembro, a FENAR 2000, considerada a maior feira nacional de agricultura irrigada do Nordeste, este ano reunindo mais de 300 empresas nacionais. Mais informações pelo fone (41) 335 2916 ou pelo endereço eletrônico — [vparcerias@uol.com.br](mailto:vparcerias@uol.com.br)



# DEFENSIVOS GENÉRICOS E SAÚDE PÚBLICA

“O tema ‘Fitossanidade e Competitividade’ nos remete à grande responsabilidade de promover a sanidade da produção agrícola nacional. O incremento ao comércio interestadual e internacional, bem como a competitividade imposta pelo mercado globalizado, requer do setor público e privado cada vez mais qualidade de produtos e serviços”.

A escolha destas palavras para iniciar as considerações a seguir têm um significado preciso: elas resumem com propriedade toda a preocupação que atualmente atinge os setores envolvidos com a defesa fitossanitária no Brasil. Escritas pela doutora Tânia Suely Mendes Dias, Diretora do Departamento de Defesa e Inspeção Vegetal, do Ministério da Agricultura, como apresentação do IX ENFIT — Encontro Nacional de Fitossanitaristas, realizado de 20 a 25 de agosto em Foz do Iguaçu, tais palavras nos levam a acrescentar mais um conceito que vem sendo aplicado com rigor pelas redes distribuidoras de alimentos no exterior, a rastreabilidade, que busca padrões de qualidade através de uma averiguação profunda e de largo espectro sobre todos os insumos utilizados na produção de um determinado alimento.

Pois bem. No exato momento em que fitossanitaristas voltam suas atenções para a sanidade como fator de competitividade no agronegócio, surge a Resolução nº 104, do Ministério da Saúde, liberando para fins de registro produtos de natureza, no mínimo, questionável, já que dispensados de quaisquer testes de natureza toxicológica. Uma decisão que, inclusive, conflita com tudo que está definido na legislação em vigor: Lei 7.802, de 1989, e Decreto 98.816, de 1990.

A incorporação da figura do produto genérico nas legislações de produtos fitossanitários tem merecido a atenção dos governos, com o objetivo de ampliar as opções oferecidas aos agricultores, favorecendo a competição, com eventuais reduções de preços. No que diz respeito ao registro



*Cristiano Walter Simon é engenheiro agrônomo e Presidente Executivo da ANDEF - Associação Nacional de Defesa Vegetal*

destes produtos, a tese que vem sendo desenvolvida é a de possibilitar maior rapidez na conclusão do processo de registro, pela redução do fornecimento de dados exigidos na avaliação dos respectivos produtos, ao considerá-los similares aos já registrados.

A empresa postulante ao registro de produto genérico apresentaria, tão somente, dados toxicológicos agudos referentes à formulação, sendo liberada do fornecimento de estudos completos sobre carcinogenicidade, reprodução, metabolismo e resíduos, indicando apenas referências bibliográficas, na sua maioria, referentes ao produto originalmente registrado. Este procedimento poderia ser perfeitamente aceitável e válido caso o produto genérico candidato ao registro fosse realmente equivalente ao já registrado e cujos dados bibliográficos referenciados fossem de domínio público.

Esses padrões de equivalência estão definidos através de procedimentos estabelecidos pela FAO (Organi-

zação das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), em seu documento nº 149 de janeiro de 1999, e devem ser aplicados com rigor, sob pena de incorrer-se em sérios equívocos com consequências negativas para o país. Será indesejável, por exemplo, que o produto genérico, por não ser equivalente ao originalmente registrado, conduza à presença de resíduos de impurezas não conhecidas. Ou seja, o que se precisa assegurar, antes de mais nada, é que o produto genérico a ser registrado tenha qualidade equivalente à do produto original, de modo a garantir segurança para os usuários, para o ambiente e para o produto agrícola de consumo interno e para a exportação. Acrescente-se que este é um tema que também vem sendo discutido individualmente pelos países do Mercosul, tendo recentemente merecido uma avaliação pelo GTP-P/CO-SAVE, no sentido de incorporar seus parâmetros à figura da similaridade/produto genérico.

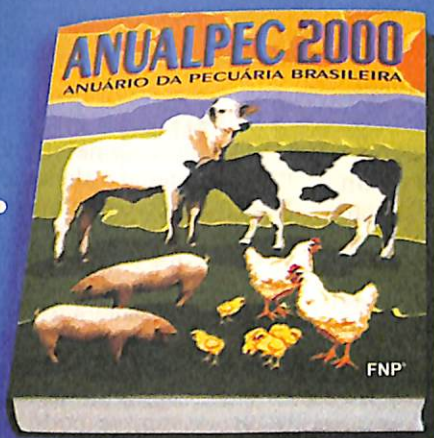
Quanto à pretensa redução de preços dos insumos em função desta flexibilização contida na Resolução do Ministério da Saúde, vale lembrar que este é um argumento que cai facilmente por terra pelo seu impacto quase desprezível nos custos de produção agrícola, avultando como preocupantes os prejuízos para a economia brasileira, no momento em que a qualidade do alimento vier a ser questionada e se evidenciarem problemas para a saúde pública. Este último, por sinal, um aspecto que parece ter sido negligenciado quando da edição da Resolução 104, elaborada, ao contrário do que normalmente ocorre, sem que o tema fosse submetido a consulta pública, como seria desejável para assuntos de tal relevância.

## Expediente

DEFESA VEGETAL é uma publicação da ANDEF - Associação Nacional de Defesa Vegetal. End.: Rua Capitão Antônio Rosa, 376 - 13º andar - Fone (11) 881-5033 - Fax (11) 853-2637 - E-mail: andef@zip.net - Jornalista Responsável: Roberto Barreto, MTB 11.361. Produção e diagramação: Revista A Granja, Av. Getúlio Vargas, 1526 - Fone: (51) 233-1822 - CEP 90150-004 - Porto Alegre - RS - E-mail: mail@agranja.com



# Assim se faz a informação agropecuária do novo milênio!



O maior banco  
de dados da pecuária  
brasileira.

[www.fnp.com.br](http://www.fnp.com.br)



O mais completo site  
de informações agropecuárias.  
É fácil, é rápido, é grátis.



O maior banco de dados  
da agricultura brasileira.

A partir de novembro  
não perca a 6ª edição do

**AGRIANUAL 2001**  
ANUÁRIO DA AGRICULTURA BRASILEIRA



Indicadores



Preços Históricos



Boletins



Gráficos

**FNP**<sup>®</sup>  
Consultoria  
& Comércio

**Boas informações produzem bons negócios**

Fone: (11) 3848.1414 - E-mail: [fnp@fnp.com.br](mailto:fnp@fnp.com.br)



Boi Gordo



Reposição



Leite



Suíno



Frango



Ovos



Milho



Soja



Insumos



Feijão



Citrus



Café



Cana



Algodão





# Em busca do consenso

**E**m função das reclamações brasileiras contra a decisão do Ministério da Economia da Argentina de estender por cinco anos a proteção às indústrias de açúcar daquele país, o governo argentino apresentará uma proposta para orientar o comércio no Mercosul. O assunto foi mencionado pelo vice-chanceler, Horácio Chighizola, embora não tenha dado maiores detalhes sobre a proposta. Vale ressaltar que, frente aos questionamentos do Brasil, o presidente Fernando de la Rúa vetou a lei sancionada pelo con-

gresso argentino a qual pretendia proteger a indústria açucareira por tempo indeterminado. A medida econômica atual mantém até o dia 31 de dezembro de 2005 uma taxa de importação de 20%, porém o tributo cresce para 50%, caso o produto seja proveniente de países fora do Mercosul. Os produtores argentinos questionam os subsídios que o Brasil repassa à produção de cana destinada ao álcool combustível, já que, indiretamente, se outorga ajuda extra para a elaboração de açúcar comestível.

## Forte recuperação na exportação de milho

A Argentina recuperou, em agosto, o ritmo de vendas de milho ao Brasil, ao exportar mais de 130.000 toneladas, muito acima das 6.000 toneladas vendidas em julho. As exportações, centralizadas em Estados da região Norte, se intensificaram ao serem afastados os entraves impostos pela possibilidade da presença de materiais transgênicos. Por outro lado, analistas de mercado informaram que o Canadá deseja incluir o trigo nas negociações com o Brasil, para compensar a multa de US\$ 1,4 bilhão aplicada ao vizinho País.



A Granja

## Transgênicos

Durante sua dissertação no seminário de biotecnologia realizado pela Aapresid, Robert Paalberg ressaltou que o Brasil não aprovou o uso de transgênicos e se declara livre deles, porém não acredita firmemente nisso. "Isto é assim, nem mais nem menos, porque existem milhares de hectares no Brasil semeados com materiais alterados geneticamente, fato já comprovado pelos europeus. Por isso, não é de surpreender que o Brasil perca as vantagens econômicas que poderiam advir do uso de variedades convencionais", afirmou o especialista da Universidade de Harvard. Outros dos presentes, disse que os transgênicos tendem a ter, no futuro, de acordo com os modelos de simulação utilizados, um castigo no preço de até 7%, elevando os custos nos produtos etiquetados em até 15%.

## Brasil volta a comprar mel argentino

Para os primeiros sete meses de 2000, as exportações argentinas de mel registraram um incremento de 3% no volume, com queda nas divisas ingressadas de 5%. Conforme informações da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Pesca e Alimentação da nação, os negócios internacionais alcançaram o volume de 60 mil toneladas no período, totalizando US\$ 60 milhões. Os Estados Unidos, com 30 mil toneladas, e a Alemanha, com 19 mil toneladas, se constituíram nos principais clientes do mel argentino, concentrando entre ambos 80% das vendas externas. É importante destacar que foram realizadas exportações para o Brasil, que até há poucos meses mantinha fechadas suas fronteiras ao produto argentino, a um preço médio de US\$ 2,75 o quilo.

## Sem inconvenientes

O vice-presidente da Associação Argentina de Criadores de Angus, Sebastián Rodríguez Larreta, assegurou que a imagem da carne argentina não corre risco no exterior, apesar do incidente com a febre aftosa que afetou o país em agosto. "No exterior foi valorizada a reação do País frente ao problema. Temos tomado o touro pelas aspas e os compradores têm entendido que estamos agindo de forma séria e responsável", afirmou.



A Granja

## TRIGO

O panorama de oferta e demanda mundial é alentador e revela, pelo terceiro ano consecutivo, que a produção mundial será inferior à demanda, reduzindo a relação estoque/consumo a 19%, frente a 21% da safra passada. Foram plantados na Argentina 6,3 milhões de hectares, 3% superior ao ciclo anterior. Assim, se pode esperar uma produção em torno de 15,5 milhões de toneladas.

## SOJA

Este cultivo concentra as maiores interrogações para a safra 2000/2001, devido à volatilidade da commodity no mercado internacional, ante a falta de uma definição da colheita norte-americana, potencializada pela entrada e saída de fundos de inversão e a possibilidade de substituição por girassol na Argentina. Os americanos calculam que a Argentina alcançará uma produção de 21,5 milhões de toneladas, porém analistas locais não descartam um incremento na produção em cerca de 15% sobre a safra 1999/2000.

## NOVILHO

O consumo interno segue firme, apesar da recessão, e mantém os preços ao produtor, com menor demanda de exportação em função do incidente com aftosa gerado por animais ingressos do Paraguai. Estima-se que a oferta de novilhos gordos deve aumentar a partir de outubro e novembro, porque as condições rigorosas atrasaram a terminação dos animais.

## LEITE

O mercado mundial se mantém estável, e a União Européia volta a reduzir o nível de subsídios que aplica ao setor. Internamente, a disposição de uma das mais importantes indústrias do país em advertir sobre uma nova redução nos preços que paga ao produtor gerou fortes protestos por parte dos produtores, e marcou um ponto de inflexão na modesta recuperação que vinham registrando os valores da matéria-prima.



## Cupim não escolhe hora para atacar

Os cupins são insetos sociais, de hábitos subterrâneos, que se alimentam preferencialmente de matéria orgânica morta ou em decomposição, mas também apreciam vegetais vivos. Nos canaviais brasileiros, que ocupam cerca de 4,9 milhões de hectares, os cupins formam um verdadeiro "exército". Os principais prejuízos ocasionados pela infestação de cupins são causados aos toletes destinados aos novos plantios. Penetrando pelas extremidades, a praga destrói o tecido parenquimatoso e as gemas, causando falhas na lavoura. Nas brotações, o ataque ocorre no sistema radicular, provocando debilidade da nova planta. Logo após o corte, e principalmente quando houve queima do talhão, o ataque corre na soqueira através da incisão dos tocos e conseqüente destruição das raízes e rizomas.

Na cana-de-açúcar adulta, a penetração ocorre através dos órgãos subterrâneos secos, atingindo até os primeiros internódios. Cana cortada e deixada por algum tempo no campo também é atacada pelos cupins. Havendo escassez de matéria orgânica decomposta, os cupins podem atacar folhas de brotações novas. A destruição dos ninhos e dos restos culturais, através de um profundo preparo do solo, constitui um método de controle. Neste cultivo, os cupins podem causar danos de até 10 toneladas por hectare no ano, o que representa cerca de 60 toneladas por hectare durante o ciclo da cultura. Já foram identificadas mudas junto à cana-de-açúcar de mais de 12 espécies de cupins e há outras em fase de identificação.

Os cupins de solo dividem-se em subterrâneos, superficiais, montículo e os arborícolas. Os subterrâneos atacam sementeiras, toletes de cana, manivas de mandioca, tubérculos e mudas de eucalipto, de café e frutíferas. Já os de montículo danificam as pastagens, dificultam os tratos culturais, atacam o madeiramento da propriedade e ainda podem servir de abrigo para animais peçonhentos, como cobras e escorpiões.

No controle de cupins subterrâneos, recomendam-se, normalmente, aplicações de inseticidas de longo poder residual, para impedir que esses insetos infestem as touceiras de cana. Na prática, o que parece ocorrer é uma ação de repelência do produto, associada à desestruturação da colônia dos cupins. A única oportunidade que os produtores possuem para conter os ataques dos cupins subterrâneos é no momento da instalação da lavoura, tanto nas áreas de expansão, como nas de reforma. Isso ocorre através da aplicação de inseticidas de solo no sulco de plantio da cana.

Nos últimos 20 anos, mesmo antes da



proibição do uso de inseticidas organoclorados, em setembro de 1985, uma série de produtos vem sendo testada no controle dos cupins que atacam a cana-de-açúcar. Inseticidas do grupo dos fosfarados, carbomatos, piretróides, além dos clorados, foram avaliados em diversas dosagens, formulações e épocas de aplicação. Invariavelmente, os únicos produtos que mostravam um efeito protetor durante os 18 meses de cultivo da cana eram os clorados. Determinados inseticidas assinalavam um controle de até seis meses após o plantio, o que se mostrava insuficiente para evitar redução na produção final da cultura no momento da colheita.

A partir de 1993, foram instalados dois experimentos com o inseticida Regent 800 WG, pertencente ao grupo químico fenilpirazóis, em canaviais naturalmente infestados por cupins dos gêneros *Heterotermes*, *Procornitermes* e *Cornitermes*. Em todos os ensaios, o Regente 800 WG controlou os cupins até o momento da colheita, mostrando a mesma eficiência dos inseticidas usados como padrão. Os acréscimos na produção obtidos na colheita para tratamento com o inseticida foram de até 18 toneladas de cana por hectare. 

Fonte: Abrobyte

### A CASTA DOS INIMIGOS DA LAVOURA

**Operários** — Trabalham 24 horas por dia em busca de alimentos.

**Soldado** — Defendem a comunidade dos inimigos.

**Ninfas** — Sobrevivem por duas semanas e se alimentam de resíduos.

**Rainha e rei** — Têm a função de acasalar-se e pôr ovos. A rainha pode produzir um, a cada 28 segundos.

**Se a previsão do tempo der chuva,  
proteja sua colheita com Lonaleve.  
Vai que eles acertam dessa vez.**



## Sementes Forrageiras de verão CRA:

Com produção própria, a CRA garante qualidade e claro, o melhor preço.

- Brachiarias: Brizantha, Decumbens, Humidicola e Libertá.
- Capins: Mombaça e Tanzania.
- Milheto Comum e CRA2000
- Sorgo Forrageiro BR501.
- Setária Cazungula.
- Adubação verde.

CONSULTE A CRA:

fone/fax: 51. 481 3377



semente é o nosso chão

CENTRAL RIOGRANDENSE DE AGROINSUMOS

E-mail: [sementescra@sementescra.com.br](mailto:sementescra@sementescra.com.br)  
www.sementescra.com.br



# A agricultura e o Ministério Público

José Maurício de Toledo Murgel

Diretor do IRMA - Instituto Rural de Meio Ambiente

Fone/Fax: (14) 624-4771 / E-mail: [jmmurgel@irma.eng.br](mailto:jmmurgel@irma.eng.br) / site: <http://www.irma.eng.br>

**A**gricultura, por ser produtora de alimentos e grande geradora de empregos, principalmente entre pessoas de baixa capacitação profissional, sempre foi vista com bons olhos pelos poderes públicos. Por consequência, os agricultores eram reconhecidos como pessoas de bem.

Depois da promulgação da Constituição de 88, mais especificamente após a anistia dada pelo poder central, muita coisa mudou; mudou para pior. Embora o setor continue a produzir comida e gerar empregos, a esquerda conseguiu mudar sua imagem perante a sociedade. Agora são, sem exceção, degradadores do meio ambiente, usuários de mão-de-obra escrava e exploradores de menores; todos pagam por uns poucos, como se a má índole fosse regra geral.

A mídia, com exceções, só os mostra como bandidos; nas novelas são sempre os vilões, os noticiários destacam os aspectos negativos desta laboriosa classe que construiu nosso País, "é uma vergonha", diz um bordão famoso...

De uns tempos para cá, os agricultores estão sendo intimados a comparecer junto a alguns promotores para assinar termos de compromisso ambiental. Estes, não respeitam o direito adquirido, o sagrado direito de propriedade e maliciosamente enganam sobretudo os pequenos agricultores.

Normalmente, a frase inicial destes documentos é uma síntese do que se pratica contra os incautos; geralmente afirmam que "sem coação, com livre expressão de vontade", assinam um termo de ajuste para evitar uma Ação Civil Pública Ambiental. Esta é a coação; assine ou seja processado; como um bandido na calada da noite, "a bolsa ou a vida, mas sem coação..."

Outro ponto malicioso, nos tais termos de compromisso, é o fato de que, mesmo assinado pelo agricultor, só passa a ter validade se aprovado pelo egrégio Conselho Superior da Magistratura, em São Paulo. Mas, se assinado e não aprovado, o termo, por estar assinado pelo agricul-



tor, na presença de testemunhas, passa a valer como prova em eventual Ação Civil Pública Ambiental, que deveria evitar!

Alguns promotores, felizmente poucos, obrigam os agricultores a recompor florestas, quando autorizam a derrubada por invasores do MST. Autorizam a invasão de Estações Experimentais do Governo do Estado, com destruição total de experimentos, abate de reprodutores e de florestas produtoras de sementes, que levariam dezenas de anos para atingir o estágio de produção. São membros filiados a partidos políticos, de esquerda, é lógico, quando esta condição é expressamente proibida pela Lei.

Com frequência, vemos membros do Ministério Público intervir indevidamente em ações de reintegração de posse, contra sentenças judiciais, sob ameaça contra os oficiais de justiça.

O setor mais visado nesta investida é o sucro-alcooleiro, justamente aquele que mais mão-de-obra emprega; são cerca de um milhão de trabalhadores de baixa capacitação profissional, que, dependendo de empregos no setor, poderiam ser prejudicados. Por incrível que pareça, a razão desta investida contra "a cana-de-açúcar", é meramente política: pretendem, encarecendo nosso açúcar, viabilizar o mesmo setor da economia cubana, atrasado e inoperante, como tudo que é de esquerda!

É pena que estes poucos promotores, ao praticar contra os agricultores tamanha injustiça, talvez estejam esquecendo o seu verdadeiro nome e a grandeza da sua posição: **promotores de justiça!**

2000  
**Marte**  
50 anos  
Absoluta em Laboratórios

Linha completa de equipamentos para laboratório



Balanças:  
- desde 1 mg a 500 kg  
- analíticas desde 0,01 mg  
Diversos modelos  
Aprovado pelo Inmetro



Viscosímetros

Bureta digital  
Dispensador  
Macro e Micro Pipeta

Evaporador rotativo  
Agitador mecânico  
Mesas agitadoras  
Bombas peristálticas

Estufa, pH, condutivímetro, refratômetro, etc.

Representamos:

Ohaus, Fungilab, Heidolph, Hirschmann, Renggli, Huber e Minimotor

Consulte-nos!

Marte Balanças e Aparelhos de Precisão Ltda.

Tel: (0XX11) 5581 8188 Fax: (0XX11) 5581 1162

Filiais: PR (0XX41) 254 8856 RS (0XX51) 466 5300

Home page: [www.martebral.com.br](http://www.martebral.com.br)

E-mail: [info@marlebal.com.br](mailto:info@marlebal.com.br)



# Plantio Direto

## NEWS

### A técnica que também deu certo com o arroz

*Embora a adoção do sistema esteja firmada na relação custo/benefício — e apresente suas vantagens e limitações — os agricultores devem ficar atentos a alguns requisitos básicos para implantá-lo com sucesso*

Carlos Henrique Dalmazzo,  
engenheiro agrônomo da Monsanto



Delfim Martins

**O**ferecer aos agricultores uma opção segura de plantio que viabilizasse os custos, apresentasse controle efetivo de invasoras e ainda pre-

servasse intacta grande parte das propriedades do solo já foi, um dia, tarefa que parecia impossível. Atualmente, no entanto, quem conhece um pouco da forma

como os orizicultores têm trabalhado no Sul do País sabe que já se está bem mais perto desse “sonho” do que se podia imaginar há alguns anos. É nesse ponto que



**"Compadre, produção e inspiração são os melhores frutos da terra."**

 **Serrana**  
FERTILIZANTES  
Ao lado de quem produz



o plantio direto tem sido fundamental.

Sua implantação, após as bem-sucedidas experiências com o cultivo mínimo — uma espécie de elo de transição para esse sistema —, vem contribuindo, em muito, para a transformação do panorama agrícola da região. As áreas antes consideradas problemáticas e abandonadas para o cultivo do sistema tradicional têm, hoje, uma nova valorização através desta técnica. As várzeas se tornaram mais viáveis, após estudos programados e detalhados das propriedades, já que a filosofia do plantio direto é a de trabalhar com a natureza e não contra ela.

São inúmeros os benefícios propiciados por este sistema. Em termos de economia, os agrônomos têm sido unânimes em reconhecer as vantagens do plantio direto em relação ao convencional. Nos custos diretos há uma redução na faixa de 30%. Em outras palavras, ao diminuir o número de operações no preparo do solo, o plantio direto desencadeia economia de aproximadamente 60% com combustíveis e lubrificantes; com a mão-de-obra, uma vez que se tem uma lavoura programada antecipadamente; e com fertilizantes, pois são colocados na linha de semeadura. Os gastos com herbicidas também são menores, pois, em alguns casos, há redução na aplicação de pós-emergentes. A economia está associada também à menor dependência das variações climáticas, o que potencializa os ganhos com o plantio direto, que pode ser adotado mesmo nas condições mais adversas (excesso ou falta de chuvas).

Com o passar dos anos, nota-se cada vez mais que a tecnologia do plantio direto de arroz irrigado está embasada no incremento da relação custo/benefício. Os gastos com equipamentos, por exemplo, também caem sensivelmente com a implantação do sistema. Além de diminuir o parque de máquinas, ao exigir um número menor de HPs por hectare, o sistema possibilita um aumento na vida útil dos equipamentos, além de permitir um incremento em torno de 50% da área da lavoura, com a mesma frota.

**Integração** — A cada safra, o aumento da receita das propriedades foi se tornando fortemente evidenciado com a integração entre a lavoura e a pecuária, uma outra vantagem do plantio direto. Racionaliza-se, dessa maneira, o uso das áreas e dilui-se a dependência exclusiva da monocultura. A integração lavoura orizícola com a pecuária e a rotação de culturas, com soja, sorgo e milho, são fundamentais para o sucesso do plantio direto.



Dalmazzo estuda o plantio direto de arroz há 10 anos

Cabe ressaltar que o plantio direto viabiliza a integração entre o proprietário da terra e o arrendatário (cerca de 70% dos orizicultores do Rio Grande do Sul), pois, através da adoção deste sistema, tem-se conseguido um melhor aproveitamento da infra-estrutura da lavoura (estradas, canais e barragens), diminuindo os custos de investimento e manutenção e a infestação do arroz-vermelho, considerada a principal invasora da cultura.

O plantio direto também permite semear a variedade escolhida na época certa. Isso significa que, além de uma germinação uniforme — as sementes nascem ao mesmo tempo, melhorando o “stand” da lavoura —, o controle de invasoras antes da concorrência com a cultura do arroz estabelecida evita o seu acamamento, situação extrema evidenciada pela agressividade do arroz-vermelho e outras plantas daninhas. A irrigação é mais rápida, pois a água flui melhor, permitindo redução em cerca de 25% do volume total necessário para irrigação dos quadros.

**Resultados** — Os levantamentos realizados comprovam que, com a obtenção de produtividades iguais ou maiores, em relação ao plantio convencional, o produtor consegue, com o plantio direto, lucrar também na maior facilidade e rapidez na colheita com o solo estruturado, obtendo uma valorização do arroz na hora da comercialização. O sucesso do plantio direto depende também da aplicação correta do herbicida, através de equipamentos revisados, calibrados e na dose correta.

A cobertura morta obtida através da ação do herbicida será responsável pela retenção de umidade no solo, evitando o surgimento de novas invasoras na lavoura até a irrigação. Quando optar por aplicações aéreas, o orizicultor deve realizar um planejamento prévio, preservando as áreas vizinhas de danos provocados por deriva, principalmente nas fases inici-



O sistema viabiliza a dobradinha lavoura/pecuária e a integração entre o proprietário da terra e o arrendatário

ais de crescimento. Nas áreas infestadas com gramas boiadeiras, o plantio deve ocorrer após 2 ou 3 dias do uso do herbicida, para que a translocação do produto seja total, evitando assim a rebrota.

O incremento de produtividade associado à redução de despesas tem transformado o plantio direto na saída viável para o aproveitamento racional das propriedades. O caminho ainda não está totalmente trilhado, mas o plantio direto já deixou sua marca no Sul do País.

O Sistema Plantio Direto propicia o aumento da produtividade, conservando os recursos naturais existentes, e o da rentabilidade do produtor, conseguindo, com isto, a sustentabilidade da atividade agropecuária. Isto está sendo alcançado por alguns produtores líderes que buscam informações, pelas experiências práticas de outros que adotam este sistema há mais tempo e, principalmente, de assistentes técnicos que conhecem a técnica. Os agricultores que adotarem o plantio direto conseguirão vantagem competitiva diante de seus concorrentes, no mercado globalizado em que vivemos.

#### Requisitos básicos para a implantação do sistema

- Capacitação gerencial
- Planejamento da lavoura
- Correção do microrrelevo
- Correção da acidez e fertilidade do solo
- Cobertura vegetal
- Semeadoras especiais

O produtor ou administrador precisa ser capacitado e ter experiência, de maneira que desde o início tenha certo domínio da tecnologia a ser adotada. Isto implica conhecer os princípios do sistema, além das suas peculiaridades, limitações e exigências. Só assim, as decisões poderão ser tomadas em momentos oportunos. Recomenda-se que o plantio direto seja iniciado em áreas pequenas, para que se possa assimilar as técnicas do sistema e superar as dificuldades iniciais. O apren-





Divulgação

cuperada e incorporada novamente ao sistema produtivo. Resultados de pesquisas e observações de campo permitem afirmar que a redução dos níveis de infestações por arroz-vermelho pode chegar a 85% com a utilização do sistema. A ação do plantio direto sobre a redução de infestação de plantas daninhas decorre da não-inversão do solo no momento da semeadura do arroz e da ação física e provavelmente alelopática da cobertura morta existente sobre o solo.

Na maior parte do Estado, o período considerado ideal para a semeadura do arroz vai de 15 de outubro a 15 de novembro. Esta faixa, considerada estreita, traz dificuldades para que ocorra sob condições favoráveis. Por outro lado, se, por exemplo, dos 30 dias considerados ideais para a semeadura 12 deles, em média, sejam de chuvas, maiores seriam essas dificuldades. Assim, o plantio direto, por manter o solo coberto, facilitando o tráfego de máquinas (mesmo em dias chuvosos), e não exigir o preparo mecanizado para que se processe a semeadura, permite que o produtor tenha maior tempo útil na época de plantio.

O Sistema Plantio Direto requer melhor manejo do solo, principalmente em termos de superfície, ou seja, aspectos como nivelamento e drenagem superficial devem ser sempre observados. Tais as-

pectos, aliados à ausência de revolvimento do solo, facilitam não só a irrigação da lavoura, como também sua drenagem. Outra vantagem importante que ele traz ao produtor está relacionada ao custo x benefício. A redução nos custos de produção ocorre, principalmente, em função da diluição da parcela fixa, em face da utilização da mesma estrutura que engloba máquinas e mão-de-obra para plantio de uma área que pode ser 50% superior à utilizada com o sistema convencional. O tempo de uso de máquinas, desde o preparo do solo até a colheita, no sistema convencional é de 9,77 horas/ha, enquanto que no plantio direto é de 5,16 horas/ha para um trator de 100HP.

dizado aprimorará o nível administrativo da equipe de trabalho, item essencial para o sucesso do plantio direto.

#### Vantagens do plantio direto em arroz irrigado

- Melhor controle de plantas daninhas
- Semeadura em época mais adequada
- Favorecimento do manejo de água
- Melhor relação custo x benefício

O Sistema Plantio Direto foi introduzido na lavoura de arroz gaúcha objetivando reduzir a infestação com arroz-vermelho, considerada, na atualidade, o principal problema da cultura no Estado, onde aproximadamente 40% da área cultivada com arroz irrigado passou a ser abandonada em função dos altos índices de infestação. Com a utilização do plantio direto, parte desta área vem sendo re-

#### Vantagens indiretas

- Melhor integração lavoura e pecuária
- Redução da degradação física, química e biológica do solo
- Melhor viabilização da rotação de culturas
- Sustentabilidade do sistema de produção

As vantagens econômicas podem ser obtidas indiretamente, através da melhor integração entre a agricultura e a pecuária, uma vez que a pecuária, por ser conduzida no Sistema Plantio Direto sobre uma pastagem de melhor qualidade, durante os meses críticos do ano, permanece mais tempo na pastagem, proporcionando maiores retornos.

Além dos resultados positivos obtidos no curto prazo, ao longo dos anos pode-se obter benefícios nos atributos físicos na melhoria da fertilidade e da biologia do solo. A redução de tráfego de máquinas e implementos, a menor mobilização, a inclusão de rotação de culturas e o uso de espécies para a formação de cobertura morta são fatores que agem diretamente na recuperação e conservação da estrutura e da fertilidade do solo. 

#### LIMITAÇÕES E ALTERNATIVAS PARA A EXTENSÃO DO PLANTIO DIRETO DE ARROZ

##### Restrições principais

- Arrendamento de terra
- Investimento inicial elevado
- Dificuldades no controle de plantas daninhas (gramas perenes)
- Dificuldades no estabelecimento de rotação de culturas
- Problemas de drenagem
- Máquinas inadequadas a pequenos e médios produtores
- Falta de divulgação do sistema e apoio da pesquisa

##### Restrições secundárias

- Falta de mão-de-obra especializada
- Estande inicial baixo
- Qualidade de equipamentos

##### Alternativas à expansão

- Integração orizicultores / pecuaristas
- Adaptação de semeadoras convencionais
- Terceirização ou associativismo
- Viabilização da rotação de culturas
- Estabelecimento de sistema de drenagens eficientes
- Capacitação de técnicos, produtores e pessoal de campo

# FLUMYZIN®

## O HERBICIDA DO PLANTIO DIRETO

#### ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob receita médica agrônoma.





## ARROZ

### Esperança de dias melhores

Os arrozeiros estão enfrentando tempos difíceis. O ingresso de arroz do Uruguai e da Argentina, a preços subsidiados, estabeleceu uma concorrência predatória para os produtores brasileiros e, muito particularmente, para os gaúchos. Por esta razão, observa-se um certo desalento no setor com relação à próxima safra.

Mas os analistas de mercado têm uma visão um pouco diferente. Depois das ações judiciais impetradas pelos orizicultores do Rio Grande do Sul, buscando conter as importações de arroz daqueles dois países, a crise foi amenizada. Já não entrou tanto arroz estrangeiro no mercado e os preços tiveram uma reação razoável. Mas não é só este fato que anima os analistas. A lavou-

ra de arroz, especialmente nos estados sulinos, é uma cultura consolidada, altamente tecnicizada e o plantio se dá em várzeas, deixando poucas alternativas para a substituição do arroz por outro cereal.

Bem ou mal, a quantidade de arroz do Uruguai e da Argentina que ingressou no mercado brasileiro, no presente ano, foi consideravelmente menor que a do ano anterior. Este ano, o total foi de 200 mil toneladas, quando, no ano passado, atingiu 800 mil toneladas. Diante desse quadro, é possível que a anunciada redução na área de plantio em solo gaúcho não se confirme. Pelo menos em nível tão acentuado como se estava prevendo. Alguns acreditam, até, que a área plantada em 1999 se repita em 2000. Se for assim — e levando em conta que a produtividade média se mantenha — o Rio Grande do Sul pode colher a mesma quantidade da safra anterior, isto é, algo em torno de 5 milhões de toneladas.

## MILHO

### Falta será grande

Até agora, o déficit no suprimento de milho está previsto em 4 milhões de toneladas. É que a produção brasileira do cereal ficará em apenas 31,6 milhões de toneladas, sendo 4,3 milhões de toneladas na segunda safra, muito abaixo das 6 milhões de toneladas colhidas no ano passado, para um consumo de 35,5 milhões de toneladas. Essa deficiência poderá ser ampliada, tendo em vista as perdas nas lavouras de milho do Mato Grosso do Sul, que poderão chegar a 50%, com uma safra de 500 mil toneladas. Se isto se confirmar, continuaremos importando grandes quantidades de milho para suprir a demanda interna.

Com a quebra da safriinha, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) reviu de 33,1 milhões para 31,6 milhões de toneladas a produção anual brasileira. Historicamente, o consumo anual de milho fica entre 35,5 e 36 milhões de toneladas. Até agosto último, o Brasil já havia importado 1,2 milhão de toneladas de milho. Mas as compras brasileiras deverão ser significativamente ampliadas com a quebra da segunda safra. Entre janeiro a julho deste ano, o Brasil já havia adquirido o equivalente a US\$ 115 milhões, quando no mesmo período de 1999 foram gastos US\$ 50 milhões.



A Granja

## TRIGO

### Aumenta a importação

Todas as expectativas otimistas que haviam em relação ao trigo no Brasil foram por terra, literalmente, com a quebra violenta da lavoura no Estado do Paraná. Foi uma perda de 1 milhão de toneladas. Esperava-se que o Brasil colhesse 2,7 milhões de toneladas, mas o clima adverso impediu que isto se confirmasse. O Brasil vai colher tão somente 1,7 milhão de toneladas — o que equivale a dizer que o País vai ser obrigado a adquirir no exterior uma quantidade muito grande do cereal para suprir a demanda interna.

Se lembrarmos que uma parte da colheita será reser-

vada como semente para o plantio da próxima lavoura e que boa quantidade de grãos é de má qualidade, conclui-se que ela será, na verdade, de apenas 1,2 milhão de toneladas.

O consumo nacional de trigo, atualmente, situa-se na faixa de 9,2 milhões de toneladas. Sendo assim, o País terá que importar nada menos que 8 milhões de toneladas. O seu desembolso, portanto, será de US\$ 1 bilhão.

Até bem recentemente, dizia-se que, finalmente, a lavoura de trigo brasileira ingressava num estágio racional, com os triticultores adotando uma postura adequada às reais possibilidades de colher uma boa safra. Mas o clima, mais uma vez, conspirou e a expectativa otimista transformou-se numa cruel realidade.

A alternativa brasileira será, efetivamente, a importação, repetindo-se uma situação que se pensava ultrapassada porque as cotações do cereal, nos países grandes produtores, eram elevadas, fazendo o governo brasileiro “optar” pelo estímulo à produção interna. Menos mal que os importado-

res souberam absorver a circular do Banco Central, no início do ano, que determinava que os importadores de trigo argentino recolheriam o valor da carta de crédito no momento do registro da carta no Sisbacen e não mais no seu vencimento, para transações acima de US\$ 100 mil.



A Granja



## Crise da aftosa prejudica também a renda do setor

O ressurgimento da aftosa no município de Jóia, interior do Rio Grande do Sul, foi um balde de água fria no entusiasmo dos pecuaristas. A pecuária de corte e a leiteira foram prejudicadas. E também a suinocultura. O Governo já está liberando recursos financeiros para indenizar os criadores que tiveram seu gado abatido. Mas a vacinação generalizada não deverá ocorrer, porque representaria um atraso adicional de 24 ou 36 meses na certificação de zona livre de febre aftosa sem vacinação e isolaria o Rio Grande do Sul do restante do País na comercialização de carnes e de animais vivos, prejudicando igualmente as vendas de carnes para o exterior.

Menos mal que a Assembleia Legislativa gaúcha aprovou a criação do Fundo Estadual de Sanidade Animal, que prevê a liberação de R\$ 1,5 milhão para os produtores atingidos pelo cinturão sanitário na região de Jóia. Além desses recursos, o Governo do Estado realocou mais R\$ 1 milhão do or-

çamento com igual finalidade.

Mas o retorno da aftosa já refletiu negativamente nos preços dos suínos, que caíram 9%, revertendo uma tendência de alta. Alguns produtores independentes do Rio Grande do Sul chegaram a receber R\$ 1,55 por quilo do suíno vivo. Os integrados, que fizeram negócios por R\$ 1,15, agora o fazem por apenas R\$ 1,05. Em Santa Catarina, os independentes recebiam R\$ 1,35 e recebem, neste momento, apenas R\$ 1,10. Os integrados negociavam a R\$ 1,15 e, hoje, negociam a R\$ 1,08.

Lamentável, nessa história, é que os suinocultores investiram em campanha publicitária para incrementar o consumo de carne de porco.



A Granja

## Grão vende mais que farelo e óleo

Normalmente, no complexo soja, farelo e óleo são mais vendidos do que o grão propriamente dito. Este ano, as exportações de grão serão maiores que as de farelo e óleo. Algumas indústrias chegaram a triplicar o embarque de grãos. O fenômeno decorre da maior demanda por matéria-prima no mercado internacional, porque os produtos derivados (farelo e óleo) estão sujeitos a barreiras tarifárias. A tendência é de alta nos preços do farelo por conta da demanda para alimentação animal e de baixa para os preços do óleo

em razão da competição com outros óleos.

No Brasil, há uma redução da atividade industrial do setor entre fevereiro e julho, considerando o ano comercial 2000/2001, e aumento das exportações do grão. O esmagamento de soja estimado foi de 20,8 milhões de toneladas no período, representando uma queda de 3,9% sobre o volume esmagado no ano passado. A safra de soja foi de 32 milhões de toneladas este ano contra 31,377 milhões de toneladas do ano passado.

### PREÇOS MÉDIOS DE MERCADO

| Item               | Unidade     | Cotação |
|--------------------|-------------|---------|
| Produtor RS mínimo | R\$/60kg    | 17,00   |
| Produtor RS médio  | R\$/60kg    | 17,25   |
| Produtor RS máximo | R\$/60kg    | 17,50   |
| CBOT setembro      | US\$/bushel | 4,95    |
| CBOT novembro      | US\$/bushel | 5,05    |
| CBOT janeiro       | US\$/bushel | 5,14    |
| BM&F setembro      | US\$/60kg   | 10,45   |
| BM&F novembro      | US\$/60kg   | 10,50   |
| BM&F março         | US\$/60kg   | 10,60   |
| Farelo de soja RS  | R\$/t       | 325-335 |

Em novembro na revista

**Como andou  
a agricultura de  
precisão.**

**a granja**

■ **O avanço da irrigação no País.**

**E mais: o PD News e as colunas de Eduardo Almeida Reis e José Maurício Murguel**



## FEIJÃO

### Preços baixos ao produtor

**B**om para o consumidor, ruim para o produtor. É o feijão, cujos preços ao produtor situam-se entre R\$ 24,00 a R\$ 33,00 a saca, dependendo da região. Esses preços baixos ao produtor decorrem da oferta abundante do produto em todo o País e isto vem acontecendo desde o final do ano passado. Em consequência, os plantadores mostram-se desanimados. Muitos vão

continuar plantando feijão por falta de opção. Mas os que podem vão substituir o plantio pelo cultivo do milho ou da soja.

A oferta de feijão é grande principalmente pelo resultado da safra 1999/2000, quando chegou a 2,93 milhões de toneladas, quase repetindo a anterior, de 2,89 milhões de toneladas. Mas há quem atribua a queda dos preços também à redução no consumo do "pretinho". Há alguns anos, o feijão era visto como o prato predileto de nove entre cada dez brasileiros. Mas as mudanças nos hábitos de con-

sumo da população brasileira acabaram com esta preferência. A lavoura de feijão vem sendo favorecida pelas boas condições climáticas. A média histórica de cinco anos de plantio para esta época é de 21%.

No Rio Grande do Sul, os trabalhos de preparo e plantio da primeira safra 2000/2001 continuam, principalmente nas localidades com microclimas favoráveis.

### PREÇOS MÉDIOS DE MERCADO EM R\$

| Item                 | Unidade | R\$   |
|----------------------|---------|-------|
| Preço mínimo         | 60kg    | 26,00 |
| PLE T1 CIF SP C/ICMS | 60kg    | 39,24 |
| Produtor RS mínimo   | 60kg    | 25,00 |
| Produtor RS médio    | 60kg    | 27,50 |
| Produtor RS máximo   | 60kg    | 30,00 |

## CARNE

### Perda do mercado "in natura"

**A**s opiniões se dividem. Alguns analistas pensam que as exportações de carnes brasileiras serão prejudicadas no mercado internacional, porque muitos países adotam o comportamento norte-americano como balizamento para a sua própria conduta. O cancelamento do pedido brasileiro de acesso ao mercado norte-americano de carne *in natura* significaria perder a oportunidade de ingressar naquele grande mercado, que só compra carne fresca de regiões com certificado de zona livre sem vacinação, afóra a conquista de outros mercados.

Há, porém, quem veja a situação atual com outros olhos, mais otimistas. Para estes, o Brasil não perderia mercados, porque a maioria de suas vendas para o exterior é de carne industrializada (corned-beef) e o processo de produção elimina o vírus da aftosa. O problema seria de curto prazo.

O fato é que o Chile suspendeu suas compras de car-

nes do Rio Grande do Sul assim que surgiram as primeiras informações sobre o aparecimento da aftosa no município gaúcho de Jóiá. Idêntico procedimento tiveram Israel e Bulgária. No ano passado, o Rio Grande do Sul exportou 43,5 mil toneladas de carne, sendo 10 mil toneladas de carne desossada e resfriada para o Chile e o restante dividido entre outros 26 países.

A situação dos exportadores de São Paulo é bem mais tranquila. O Estado já recebeu certificação da OIE como zona livre de aftosa com vacinação e deve alcançar o estágio de livre da doença sem vacinação até 2002. Com isso, abre-se a possibilidade da exportação de carne *in natura* para mercados que, até aqui, mantinham-se fechados.

### Aftosa complica venda de carne

**O**s estados do Sul do Brasil estavam em posição privilegiada para tornar realidade um sonho antigo: o de assumir posição de vanguar-

da nas vendas de carnes para o mercado internacional. O ressurgimento de focos de febre aftosa no Rio Grande do Sul podem se constituir em embaraço para a concretização do sonho. O ministro da Agricultura, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, pensa que só os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina sofrerão atraso de mais 12 meses em suas pretensões de conquistar novos mercados para a comercialização de carnes, especialmente o de carne *in natura* para os Estados Unidos. Os norte-americanos só adquirem o produto originário de zonas reconhecidamente livres de febre aftosa e de rebanhos que não exijam mais vacinação. A Organização Internacional de Epizootias (OIE) emitiria um certificado nesse sentido para Rio Grande do Sul e Santa Catarina no próximo ano. Com o atestado, novos e poderosos mercados se abririam para os

exportadores gaúchos e catarinenses.

O governo brasileiro cogitava de exportar o equivalente a US\$ 1 bilhão em carne bovina neste ano — valor que seria elevado para US\$ 5 bilhões anuais num prazo de cinco anos.

Conforme o ministro da Agricultura, o Brasil adotou todas as medidas possíveis para evitar o agravamento da situação. Eliminou o gado afetado, aumentou a fiscalização nas regiões fronteiriças com outros países e, até mesmo, firmou acordos para a doação de vacinas à Bolívia. A preocupação do governo brasileiro é com relação à posição alcançada pelo País, de líder nas exportações de carne na América do Sul e de segundo maior exportador mundial, perdendo apenas para a Austrália.

O quadro abaixo mostra o comportamento das vendas:

| Vendas brasileiras                  | 1999 | 2000* |
|-------------------------------------|------|-------|
| Exportação total (em milhares de t) | 54   | 600   |
| Carne industrializada               | 345  | —     |
| Carne <i>in natura</i>              | 196  | —     |
| Valor (US\$ milhões)                | 761  | 929   |
| *Projeção                           |      |       |



# Assine a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL



- ✓ A revista **A GRANJA** vem há mais de 50 anos informando o homem do campo com matérias e artigos escritos por quem mais entende do assunto. São matérias de todo o País e do exterior, com ênfase na agricultura e pecuária.
- ✓ Você precisa estar bem-informado sobre o que está acontecendo, novas técnicas, tecnologias de ponta, exemplos de pessoas/empresas bem-sucedidas no ramo.
- ✓ Tudo isso e muito mais você encontra nas páginas de **A GRANJA** mensalmente.

# e receba Grátis

- ✓ A mais completa revista sobre leilões e exposições de gado e cavalos. Cobertura das principais exposições, grandes campeões e seus criadores, leilões, os recordes, as médias, agenda de leilões e feiras. Enfim, tudo o que envolve o criador de elite.



+



- ✓ Assinando **A GRANJA**, você recebe todo o ano (em setembro) o anuário **A GRANJA DO ANO**, o mais importante da agropecuária brasileira, com endereços e produtos & serviços de todas as empresas relacionadas com o agribusiness.



✓ **Assine já - Ligue (51) 233-1822**





Leandro Cabral

## BB começa a operar com seguro agrícola

**J**á entrou em operacionalização o seguro Ouro Agrícola do Banco do Brasil. O produto foi desenvolvido pela Aliança do Brasil, com o objetivo de oferecer cobertura às culturas agrícolas. O seguro será vendido a produtores financiados pelo banco já na safra 2000/2001. A proposta foi aprovada no início de setembro pela Superintendência de Seguros Privados (Susep). Ao anunciar este novo mecanismo, o diretor de Crédito Rural, Ricardo Conceição, ressaltou que a inadimplência dos agricultores com o banco é a mais baixa da história. Na última safra, este índice registrou 0,19%, enquanto, na anterior, foi de 1,67%. Conceição lembra que na safra 95/96, quando a inadimplência atingiu 8,03%, caiu para 4,96% na safra seguinte.

## Agronegócio deverá ter superávit

**O** Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro deverá superar o resultado de R\$ 269,46 bilhões alcançado em 1999. A expectativa é da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), com base em levantamento realizado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CPEA) da USP. O relatório aponta que até junho o índice acumulado aumentou 1,17%, chegando a R\$ 272,55 bilhões, e a tendência até dezembro é justamente de ma-

nutenção deste aumento

Dentro do agronegócio, o segmento da agropecuária (comportamento da renda dos produtores dentro da porteira) apresenta crescimento de 0,68% em relação ao ano passado, quando atingiu R\$ 76,27 bilhões. Somente a pecuária registrou uma variação positiva de 3,68%, em comparação com o mesmo período de 1999, quando foi de R\$ 33,22 bilhões. A taxa é inferior aos índices de aumentos dos insumos do setor — 5,57% no período.

## União de gigantes

**A**o assumir o negócio de defensivos agrícolas da Cyanamid globalmente, a Basf criou uma sólida organização para a expansão dos negócios em nível global. Segundo o presidente da Unidade de Defensivos Agrícolas da Basf, Friedrigh Vogel, o processo de integração é um sucesso. “A nova, expandida e poderosa organização está pronta para entrar em operação em outubro. A nossa equipe estará, a partir de então, com o mesmo comprometimento, pronta para oferecer aos nossos clientes um portfólio de produtos ainda mais atrativo”, salientou ele. A fu-

tura sede global da Divisão de Defensivos Agrícolas será em Mount Olive, New Jersey/EUA. “Desta maneira, estaremos em uma melhor posição para focar as importantes regiões produtoras das Américas do Norte e Sul”, afirmou Vogel. Com a consolidação das negociações, no início de setembro, que representou nada menos do que o investimento de US\$ 3,8 bilhões, a Basf passa a figurar no ranking das três maiores empresas fabricantes de defensivos agrícolas do mundo. As vendas mundiais de defensivos da Basf somaram US\$ 1,9 bilhão em 1999.

## SLC troca leite por trator

**V**isando modernizar a frota de tratores dos produtores de leite de todo o País, a SLC - John Deere lançou na Expointer 2000 o Plano Leite, em conjunto com a Parmalat e a Elegê, um programa em que o leite poderá ser trocado pelo equipamento novo. O gerente de Produto e Mercado da SLC - John Deere, José Luis Coelho, detalha o programa: “Cada produtor vai pagar seu trator em 48 prestações fixas de R\$ 780,00 por mês. Ele entrega o leite à empresa de laticínios que, por sua vez, no final de cada mês, repassa para o banco John Deere o valor fixo do financiamento, descontando do produtor os litros de leite equivalentes à prestação”.

Na primeira etapa, o programa beneficiará produtores do Rio Grande do Sul e São Paulo, porém será ampliado. No caso da Parmalat, cerca de 100 produtores já se cadastraram, sendo que 30% foram aprovados. Na projeção da Elegê, 10% de seus fornecedores estão em condições de participar do Plano Leite, ou seja, 3.200 produtores. “Uma das vantagens do Plano Leite é que o produtor ganha acesso ao crédito, compra um trator novo e paga o equivalente em reais com a sua moeda, o leite”, observa Coelho.

## Clube líder busca fidelização do cliente

**A** AGCO do Brasil, com sede em Canoas/RS, lançou, na Expointer, o Clube Líder Massey Ferguson. A iniciativa é composta por um completo programa de relacionamento visando beneficiar o cliente fiel, que terá acesso a uma série de vantagens exclusivas. Entre os benefícios oferecidos, estão o fornecimento, em primeira

mão, de informações sobre as mais recentes soluções tecnológicas para as necessidades do campo e uma série de temas e dicas para auxiliar o produtor rural na tomada de decisões para tocar seus negócios. Outras vantagens são o acesso ex-

clusivo a feiras, eventos promocionais e técnicos, dias de campo e demonstrações de máquinas em operação; informação ágil e periódica sobre novidades e lançamentos da Massey Ferguson; condições especiais de pagamento, peças, produtos e descontos especiais, além de espaço exclusivo na internet com diversos serviços.



MASSEY FERGUSON



Leandro Cabral



## Cresce a venda de máquinas agrícolas

**A**o contrário da realidade das vendas na Argentina, a Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) divulgou o crescimento nos resultados das vendas do setor no mês de agosto. As vendas de máquinas agrícolas no acumulado do ano estão positivas em 12,6%, sendo que em agosto foram comercializadas 3.561 máquinas, o que representa um acréscimo de 11,84%. Máquinas como colheitadeiras, tratores de roda e retroescavadeiras registraram aumento de vendas, com um pequeno recuo nos negócios com tratores equipados com esteiras. Na Argentina, a situação é considerada crítica. O setor passa pela pior crise dos últimos 20 anos.

## Vinho brasileiro em destaque

**A**cadeia produtiva da vitivinicultura esteve reunida no Salão Brasileiro do Vinho. O evento aconteceu em setembro, no município de Bento Gonçalves, na serra gaúcha. O presidente do Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin), João Seibel, ressaltou que o Brasil desenvolve várias atividades que têm por objetivo a promoção do produto e da imagem do vinho brasileiro, tanto no País como no exterior. "Um exemplo é a VinoBrasil, que promove a integração de diversos participantes da cadeia produtiva da vitivinicultura, na busca da reorganização do setor", exaltou. A expectativa é que a VinoBrasil ganhe uma versão italiana em 2002. Esta 2ª edição reuniu tecnologia, informação e gastronomia voltadas para os profissionais da vitivinicultura, como engenheiros, agrônomos e enólogos.

## Café nacional ganha forte divulgação nos Jogos Olímpicos

**O** tradicional cafezinho brasileiro chamou a atenção em Sydney, na Austrália. Ou melhor, no conhecido ponto de encontro "Casa do Café", local onde foram distribuídas 5.000 xícaras por dia. A ação estratégica de divulgar o produto brasileiro no mercado externo, e ao mesmo tempo aumentar a demanda interna, integra a campanha "Cafés do Brasil", promovida pelo Ministério da Agricultura e Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic). A previsão é que os gastos com marketing e pesquisas cheguem



A Granja

a R\$ 11,6 milhões. Esta é a primeira investida publicitária deste segmento no mercado internacional. Como grande aliado, está sendo priorizado o Programa de Educação do Mercado (PEM) para o café, tendo como uma das principais propostas melhorar a qualidade do produto brasileiro.

## Virbac investe em nova fábrica no Brasil

**C**om a inauguração de uma fábrica em São Paulo/SP, em uma área de 4.000m², a multinacional francesa Virbac está produzindo a todo o vapor no Brasil. A empresa, especializada em produtos veterinários, com fórmulas galênicas de pastas, líquidos e pós, investiu R\$ 600 mil neste empreendimento. Esta nova estrutura significará a produção de 200 mil litros de líquidos de uso interno e externo, 150 toneladas de pós e 10 toneladas de pas-

tas por ano, além da disponibilização de uma área de armazenagem para garantir três meses de estoque entre os princípios ativos e produtos finais. Toda a produção irá atender à demanda do mercado brasileiro e abastecer outros países da América Latina. Presente há 32 anos no mercado mundial, a Virbac é a primeira empresa multinacional 100% especializada em saúde animal. A Virbac Brasil tem um faturamento anual na casa de R\$ 20 milhões.



Eric Marré, presidente mundial da Virbac e Luca Mifano, presidente Virbac Brasil inauguram a primeira fábrica de produtos veterinários em São Paulo/SP

## Anote aí

Nos dias 18, 19 e 20 de outubro, o município de Ponta Grossa/PR vai sediar o Infoagro 2000 — Congresso e Mostra de Agroinformática. O evento irá apresentar o que há de mais moderno e atual em novas tecnologias que utilizam a informática aplicadas ao agronegócio, através de palestras, seminários, trabalhos científicos e mostra tecnológica. A promoção é da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Fundação ABC, Embrapa, Iapar, entre outros. Informações pelo site [www.infoagro2000.deinfo.uepg.br/velha/programacao.html](http://www.infoagro2000.deinfo.uepg.br/velha/programacao.html).

Também nos dias 18 e 19 deste mês, o Colégio Brasileiro de Nutrição Animal (CBNA) realiza no auditório do Instituto Agrônomo de Campinas, em Campinas/SP, o Simpósio sobre manejo e nutrição de aves e suínos. Através de conferências e debates a cargo de especialistas nacionais e internacionais, o objetivo é oferecer aos profissionais destas áreas informações técnicas atualizadas. Maiores informações pelo fone/fax (19) 232.7518.

O custo de produção do leite é tema de curso promovido pela Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia (Funep), de Jaboticabal/SP. A programação temática, que tem como enfoque central a necessidade de analisar economicamente a atividade, está planejada para o dia 27 de outubro, na própria instituição. Profissionais da área de ciências agrárias, produtores rurais e estudantes estão entre o público-alvo. Informações pelo fone (16) 323.1322, ramal 219 ou 224.



## Supercultivar de algodão

O cultivar DeltaOPAL, desenvolvido pela Delta & Pine Land Company Internacional e comercializado pela M.D.M. Maeda Deltapine

**DeltaOPAL**



Divulgação

Monsanto Algodão Ltda., realmente está consolidado no campo. Na safra 1999/2000, o Brasil plantou uma área de 660 mil hectares, dos quais 180 mil hectares comercialmente, com a variedade. Entre as suas principais vantagens, vale ressaltar a resistência à bacteriose e às doenças viróticas transmitidas por pulgão, reduzindo o custo de inseticidas em até 40%. O material também se destaca pela alta produtividade, elevado rendimento de pluma, excelente qualidade de pluma, redução no custo total da lavoura, alta qualidade de semente, maior desenvolvimento de inimigos naturais e menor agressão ao meio ambiente.

## Cebola para clima seco e quente

O clima quente e seco e a baixa umidade do ar da região de Irecê/BA favoreceram o desenvolvimento de uma nova variedade de cebola: a híbrida Baía Dura Horticultores.



Divulgação

A espécie apresentou redução no ciclo de produção em torno de 50 dias, chegando ao ponto de amadurecimento aos 120-130 dias. A híbrida Baía Dura rende até 35% mais que a variedade mais comum em Irecê, chegando a produzir 45 toneladas por hectare, mantendo alta qualidade para consumo até 120 dias após a colheita e cura dos bulbos. Juntas, as três apresentam como características precocidade, maior tempo de conservação e melhor produtividade, assegurando ao agricultor a possibilidade de um tempo maior para a comercialização da cebola quando os preços forem mais atrativos no mercado.

## Cenoura mais homogênea

A Isla Sementes está comercializando sementes de Cenoura Brasília, desenvolvida a partir do melhoramento genético do interior da raiz. A nova hortaliça apresenta características como maior maciez e cor mais homogênea para atender às exigências dos consumidores. Isto, porque grande parte das pessoas utiliza apenas a parte externa da cenoura, descartando o seu interior, que normalmente é esbranquiçado e mais duro. Este procedimento leva à perda de cerca de 50% da raiz. O processo de melhoramento genético do interior da raiz começou com a seleção das plantas com melhores características. A primeira amostra foi selecionada há dois anos em Itapuã/RS, onde foi produzida a semente básica e



Arquivo Isla

feita a multiplicação pelos agricultores credenciados da Isla. Foram produzidas 50 toneladas de sementes da Cenoura Brasília, que estão sendo comercializadas em todo o País desde agosto deste ano.

## Recife consolida pólo de biotecnologia

O Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães (CPqAM)/PE está se preparando para entrar na área de biotecnologia, o que poderá transformar Pernambuco no terceiro pólo do País. Em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (Lika), estão sendo geradas as primeiras empresas incubadoras de biotecnologia. A primeira ação do projeto é o Seminário Internacional de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde para o Século XXI.

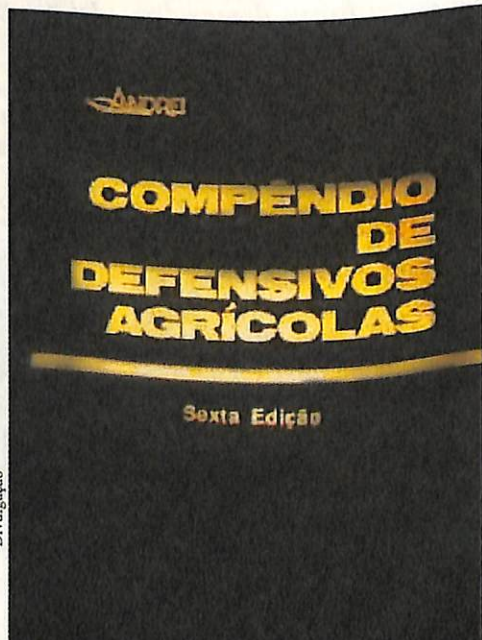
## Novo cultivar de aveia-branca

A Universidade de Passo Fundo (UPF)/RS desenvolveu, através do seu Programa de Melhoramento Genético de Aveia, uma nova variedade de aveia-branca. O cultivar UPF 19 se diferencia dos outros principalmente por possuir boa qualidade industrial. Segundo o professor Elmar Luiz Floss, um dos responsáveis pelo melhoramento genético, a variedade UPF 19 apresenta ciclo mais curto e estatura menor que a UPF 18, além de ter um bom rendimento de grãos e qualidade industrial, isto é, pH acima de 50 e grãos que podem ser destinados à indústria de alimentação humana. A semente genética da UPF 19 está sendo multiplicada através de uma parceria da universidade com a Sementes Falcão, a fim de produzir a semente básica a ser repassada aos agricultores de aveia em 2001.

Divulgação

## Livro explica uso de agrotóxicos

A 6ª edição do Compêndio de Defensivos Agrícola, da Editora Andrei, já está no mercado. O guia relaciona produtos fitossanitários e informações sobre sua utilização em lavoura. Atualizado a cada três anos, o livro também classifica os produtos pelo seu uso, como acaricidas, herbicidas e inseticidas, substâncias químicas ativas e nomes dos fabricantes. A legislação atual sobre agrotóxicos e os endereços das indústrias fabricantes de defensivos são outros itens incluídos na obra, que pode ser adquirida em grandes livrarias e livreiros especializados ou pelo telefone (11) 223-5111.





# NOVIDADES NO MERCADO

## ■ Fockink apresenta painel de controle digital



Leandro Cabral

O uso do Pivot Central para a irrigação tem permitido a redução dos riscos comuns às lavouras na época de menor incidência de chuva. A Fockink desenvolveu um painel de comando para o Pivot Central, dotado de oito programas setoriais e oito para acionamento do aspersor tipo canhão, comuns à operação deste tipo de equipamento. O painel digital da Fockink recebeu o troféu Prata na Categoria Novidade do Prêmio Gerdau Melhores da Terra. **Grupo Fockink – Divisão Irrigação, Rua da Holanda, 123, CEP 98280-000, Panambi/RS, fone (55) 375-4482**

## ■ Colheitadeiras com tração nas quatro rodas

A New Holland está colocando no mercado a nova versão das colheitadeiras TC57 e TC59 Hydro Plus com tração auxiliar traseira 4WD. Utilizando a máquina, o agricultor evita perda de rendimento em terrenos úmidos. O funcionamento da 4WD é simples, pois utiliza dois motores hidráulicos 934 cm<sup>3</sup>, que são acionados por parte do fluxo de óleo do sistema hidrostático. A simplicidade do sistema permite que proprietários de máquinas com



Leandro Cabral

transmissão hidrostática já em uso adotem a 4WD. **New Holland Latino-Americana, Av. Juscelino K. de Oliveira, 11.825, CEP 81450-000, Curitiba/PR, fone (41) 341-7111, fax (41) 341-7210.**

## ■ Trator especial para lavouras densas

Um trator com tamanho ideal para atender às exigências dos pomares e lavouras de café foi lançado pela AGCO do Brasil. O trator superestreito MF 265/SE mede apenas 1,20m pelo lado externo do rodado traseiro. O equipamento foi desenvolvido para suprir uma necessidade estratégica da fruticultura brasileira. O MF 265/SE possui alto desempenho, potência e baixo consumo de combustível. Vem equipado com motor Perkins Diesel de 4 cilindros, com 65cv e câmbio com oito velocidades. **AGCO do Brasil, Av. Guilherme Schell, 10.260, CEP 92420-000,**



Divulgação

**Canoas/RS, fone (51) 477-7000, fax (51) 477-1257.**

## ■ Semeato lança plantadeiras



Leandro Cabral

A Semeato lança a Personale Drill, semeadora para plantio direto. A máquina diferencia-se no mercado pela possibilidade de seleção de montagem de componentes, como discos, sulcadores, compactadores e limitadores, caixa de adubo e sementes, dentre outros. A linha de semeadoras está disponível em 13, 17 e 21 linhas para plantio de grãos miúdos. No plantio de grãos graúdos, permite os mais variados espaçamentos, de 34 até 90 centímetros. **Semeato S/A Ind. e Com., Rua Camilo Ribeiro, 190, CEP 99060-000, Passo Fundo/RS, fone (54) 315-1911, fax (54) 315-1425.**

## ■ Máquina para qualquer topografia

A SLC – John Deere apresentou um novo modelo de plantadeiras que se adaptam às características de topografia e solo onde não é possível eliminar o uso de terraços.

Os modelos 909 CT e 911 CT, com um sistema construtivo exclusivo e patenteado, são capazes de plantar cruzando terraços de base larga. A nova plantadeira tem um sistema de pivotamento e de molas que dá maior articulação às linhas para manter o ângulo de ataque ao solo. **SLC – John Deere S/A, Av. Eng. A.D. Logemann, 600, Cx. Postal 05, CEP 98920-000, Horizontina/RS, fone (55) 537-1322, fax (55) 537-1844.**



Leandro Cabral



## Novos desafios para o Cerrado

**P**romover a abertura de novas fronteiras. Assim pode ser caracterizada a agricultura no Cerrado. Com o desenvolvimento deste setor no Centro-Oeste brasileiro, percebemos ao mesmo tempo a criação de cidades, a geração de empregos e o surgimento de uma nova economia tecnológica e social antes não imaginada na região. Neste período, conseguimos superar o desafio da produção de soja e hoje somos líderes na produção da oleaginosa no Brasil. O mesmo sucesso foi alcançado com o algodão. A implantação desta cultura na nossa região é mais um exemplo da capacidade e vontade dos produtores com espírito empreendedor. No entanto, todo o sucesso da agricultura no Cerrado está diretamente ligado ao desenvolvimento de pesquisas e tecnologias associado ao caráter desbravador da nossa gente. Dentro deste cenário de alta competitividade, novos desafios são impostos para a sobrevivência da atividade agrícola.

Com a proposta de manter o Brasil na vanguarda da produção agrícola, a Fundação Mato Grosso (Fundação MT) vem promovendo mudanças para defender os interesses dos produtores. Assim, criamos há três anos um programa próprio de pesquisa em genética e melhoramento de soja e algodão. Hoje, estes programas ultrapassam 500 novos cruzamentos por ano, que vão assegurar a continuidade do desenvolvimento já conquistado. O programa se destaca pela redução no tempo e no custo para a obtenção de um novo cultivar. Enquanto que, pelos métodos tradicionais, se leva até 12 anos para criar uma nova variedade, a Fundação MT, com o apoio de diversos consultores do País e do exterior, tem reduzido este tempo para apenas cinco anos. Para nós, o que garantirá o sucesso de um programa de melhoramento não mais será o tamanho, tampouco



*Blairo Maggi é presidente da Fundação Mato Grosso*

Luciana Radicione

sua estrutura, porém, o tempo que cada um leva para chegar a um novo cultivar.

A Fundação MT também está firmando novas parcerias com instituições públicas ligadas aos institutos de pesquisa, universidades e órgãos privados relacionados ao agronegócio, de forma a obter o maior sinergismo possível nesta missão de melhorar a vida das pessoas, através do desenvolvimento de tecnologias agrícolas aplicadas à produção de alimentos. Em função das exigências do mercado internacional e atentos às mudanças do perfil dos consumidores, estamos iniciando processos para assegurar a qualidade ambiental dentro dos sistemas de produção, já que não é mais concebível a prática da produção de alimentos às custas do meio ambiente. O processo de gestão ambiental envolve desde o descarte correto de embalagens de agroquímicos, acompanhados de ações de educação ambiental, até a redução de uso de agroquímicos ou mesmo a utilização de produtos menos poluentes e com rápida degradação, a fim de diminuir os riscos de poluição dos lençóis freáticos, passando por

práticas de conservação dos solos, através da implementação de plantio direto na palha, sistemas de fiscalização para proteção dos mananciais e, principalmente, pela mudança na mentalidade dos protagonistas da cadeia produtiva quanto à importância da gestão ambiental nos processos produtivos.

Outro fator de extrema importância nos dias de hoje é a implantação de mecanismos de gestão social nos processos produtivos os quais envolvem a não-utilização de mão-de-obra infantil, tampouco de mão-de-obra "escrava". A própria transformação da economia no Cerrado com a agricultura, é um dos grandes exemplos de desenvolvimento social alcançado nos últimos anos, porém queremos mais:

agregar valor aos nossos produtos, melhorar os sistemas de educação e promover a reintegração social das famílias ao processo produtivo, entre outras. Novas idéias têm surgido a cada dia para melhorar a competitividade de nossos produtores dentro desta economia globalizada. É necessária a organização de uma estrutura de serviços agrônômicos moderna e de um sistema de qualidade. Estas ações podem estar ligadas através de selos de qualidade, que podem dar liquidez ao sistema de qualidade e serviços.

Nos dias de hoje, também é importante a adequação dos sistemas de produção de sementes ao cenário econômico de alta competitividade e grandes fusões. Para solucionar estes desafios, os produtores de sementes associados à Fundação MT criaram a Unisoja S/A, de forma a implementar as ações necessárias para enfrentar estes desafios. A Fundação MT está sendo preparada juntamente, com seus respectivos parceiros, a ser um grupo altamente competitivo neste cenário de agricultura verticalizada, com grandes alterações nos sistemas de produção de alimentos. ■





**COLHEITA AVANÇADA,**



**COLHEITA CASE IH.**



Estar sempre à frente, na fronteira do conhecimento e da produtividade. Este é o grande objetivo de um produtor Case IH. E ele sabe que hoje e no futuro pode contar com as soluções Case IH neste desafio. Porque Case IH é muito mais do que máquinas

avancadas. Case IH é o mais moderno sistema de mecanização agrícola, para quem sabe extrair o máximo de cada palmo de terra e o máximo de rentabilidade do seu agronegócio. Agricultura avançada, soluções Case IH.

**APOIO AO PRODUTO**

**0800-552188**

Conte sempre com a assessoria do seu concessionário.

**CASE IH**

Soluções avançadas, soluções Case IH.



# Quem tem New Holland está produzindo cada vez melhor.

Olhe em sua volta e comprove.

Cada vez mais produtores estão trabalhando com New Holland. Porque New Holland é garantia de mais tecnologia e mais produtividade e oferece a máquina perfeita para você, qualquer que seja a sua atividade. Do plantio à colheita, New Holland é a marca do produtor eficiente.

Além disso, com New Holland, você conta com uma sólida rede que conhece as necessidades de cada cliente e está preparada para oferecer total assistência onde você precisar.

Se você ainda não trabalha com New Holland, não perca mais tempo. Afinal, quem tem New Holland tem tudo para produzir melhor.



**Onde tem agricultura  
tem New Holland.**



**NEW HOLLAND**

[www.newholland.com/br](http://www.newholland.com/br)